



Veganarquismo

Filosofia, Práxis, Autocrítica

Joseph Parvampathu

**Danças das Idéias
2025**

Veganarquismo

Filosofia, Práxis, Autocrítica

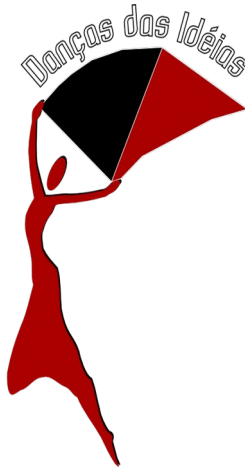
Joseph Parampathu

Danças das Ideias
2025

Edição original:

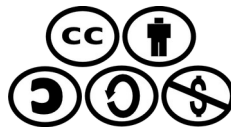
Veganarchism. Philosophy, Praxis, Self-criticism
Joseph Parampathu
2020

Fonte: <https://theanarchistlibrary.org/library/joseph-parampathu-veganarchism-philosophy-praxis-self-criticism#toc13>



tradução livre por Dança das Idéias
revisão Fenikso Nigra
diagramação Barricada Libertária
Campinas/SP-Brasil, 2025

<https://anarkio.net>
e-mail: lobo@riseup.net



Veganarquismo. Filosofia, Práxis, Autocrítica

Parte 1

Libertação Animal — Uma Introdução	06
Da análise de classe à guerra de classes – o zoocídio e suas repercussões	09
Você é o que (ou quem) você come — a comida como filosofia	14
Além do liberalismo do ativismo baseado em direitos	17
Onde os animais se encaixam no anarquismo?	21
Os animais podem ser anarquistas?	23
O veganismo é necessário para o anarquismo?	28
Ecologia Social Radical	30
Eco-Feminismo	32
Descolonizando nossas ecologias	35

Parte 2

Contra o Consumismo	38
Agricultura para todos nós	42
Comida, não bombas	46
Construindo Estruturas Veganas nas Ruínas da Capital	48
Descentralizando nossas redes alimentares	50
Freeganismo e Desperdício	52
Frente de Libertação Animal	53
Quem é você, realmente?	56
Culinária Ativista	58
Alimentos que você não consegue engolir — Por que os alimentos capitalistas matam	61
Ajuda mútua, uma necessidade biológica	67

Parte 3

A Máquina Agrícola	70
Primitivismo e a Crítica da Civilização	73
Evitando o estilo de vida como uma fuga	76
Resposta ao Mito Vegetariano	78
Locais de construção	80
O domínio global do transporte de alimentos	82
O veganarquismo pode produzir tanto quanto o capitalismo?	85
Inconveniente	87
Liberdade para comer (e ser comido)	89
Ação Direta em Casa	91
O mundo sem agricultura animal	93
Um mundo sem agricultura?	99
Companheiros animais — os peixes são amigos?	105
Exotismo vegano e racismo ambiental	107
O Caminho a Seguir	109
Bibliografia	110

Parte 1

Libertação Animal — Uma Introdução

Libertação total e absoluta sem qualificadores, sem restrições e sem ressalvas — esse é o nosso único objetivo. Como liberacionistas animais, queremos dizer que queremos que todos os animais sejam livres da opressão da supremacia humana, do capitalismo, do especismo, de todas as hierarquias. Até que alcancemos esse fim, não estaremos resolvidos nessa questão. Esta não é uma luta a ser travada em alguma data futura ou após alguma pré-condição ser atendida. A luta não espera por nenhum avanço em tecnologia ou valores, e não ficará parada por um momento conveniente. Acreditamos plenamente que hoje temos a capacidade de destruir as estruturas que oprimem todos os animais, incluindo os humanos, e se temos a capacidade de fazê-lo, então devemos fazê-lo também.

Não há dúvida de que a opressão existe hoje e que os animais são explorados pelos humanos todos os dias. Porque estamos cientes da injustiça que existe, devemos, como pessoas livres pensadoras, condená-la e lutar contra ela. A única resposta para estar consciente das hierarquias do especismo, da subjugação animal e da mercantilização dos corpos animais é a libertação. Não pararemos até que essa libertação seja alcançada. Não pararemos; não faremos concessões; e não tomaremos meias medidas. Libertação significa o fim completo e absoluto dessas hierarquias. A falsa narrativa da lógica burguesa é que a libertação animal deve, por definição, significar alguma perda existencial na postura ou posição relativa dos humanos. Claro, essa lógica é totalmente circular e se resume a nada mais do que uma questão de poder chauvinista sobre o cuidado racional. As hierarquias são duplamente opressivas, pois impedem que os indivíduos subjugados se autoatualizem completamente e também privam nosso mundo do futuro comunitário que é possível. Quando permitimos que os animais se auto-realizem e existam conosco como parceiros iguais nos benefícios da vida livre, todos nós nos beneficiamos dessa relação. No sistema atual, os corpos dos animais são agitados sob as fábricas de matadouros do capitalismo para o lucro de uns poucos minúsculos às custas de trabalhadores traumatizados de matadouros,

camponeses, moradores urbanos sem outras opções além de alimentos nocivos e viciantes e, finalmente, todos os habitantes deste mundo que continuamos a arremessar em direção a uma morte prematura na busca do lucro para esses poucos capitalistas. Como anticapitalistas, devemos ser liberacionistas. Como animais, devemos ser liberacionistas. Como veganos, devemos ser liberacionistas. Como anarquistas, devemos sempre ser liberacionistas, primeiro, por último e por completo.

A libertação deve ser o objetivo em nosso mundo, bem como em nossas vidas pessoais. Como interagimos com as pessoas, com os animais e com nossa ecologia são a realidade prática de nossos valores éticos. Ao combater hierarquias onde elas existem e criar sistemas horizontais de poder distribuído, garantimos que a liberdade se torne a norma e não a exceção. Quando criamos sistemas que permitem que pessoas e animais cooperem em ajuda mútua, prefiguramos a ordem da anarquia. Eliminar a hierarquia é uma questão de combater as estruturas reais que existem em nosso mundo apoiadas por sistemas estatais e pela estrutura capitalista, mas também significa mudar e esclarecer as normas culturais que impõem as opressões existentes. O especismo é um tipo de estrutura de supremacia cultural pela qual podemos considerar certas espécies de animais mais valiosas ou dignas de consideração do que outras.

Especismo é a decisão injusta de fornecer considerações diferentes para espécies por razões injustas. O especismo como tendência está intimamente ligado à relação que os animais mantêm com as culturas humanas dentro do contexto do uso e abuso de animais. Como os animais são usados para trabalho, entretenimento, exibição, lazer, comida e fisicamente como uma mercadoria para a conveniência dos humanos é um resultado e causa do especismo. Quando as pessoas designam certos animais ou espécies animais como "animais de estimação" e alguns como animais de "fazenda" ou alguns como animais de "trabalho" e alguns como animais de "zoológico", essas são as escolhas discriminatórias que derivam da estrutura supremacista inerente a uma classe humana que se vê como separada e desigual de seus parentes animais. O capitalismo valoriza os animais pelo lucro que suas vidas podem derivar para os capitalistas. Libertar os animais é um passo necessário para nos libertarmos dos terrores da hierarquia capitalista. O anarquismo sustenta que todos os usos do poder são abusos, e todos esses usos de animais são, por natureza, abusos.

Quando “outrificamos” os animais como um conjunto separado de seres não dignos do respeito, amor e dignidade que esperamos ser tratados conosco, revelamos a supremacia que subjaz às interações humanas com os animais. Essa divisão desnecessária é uma consequência e um predecessor necessário das relações capitalistas que abrangem nossas relações com os animais. Se buscamos descartar as hierarquias entrelaçadas no capitalismo, devemos entender e remover a estrutura supremacista humana de nossa cultura. Escolher ativamente ser antiespecista é a personificação ecológica prática de uma vida pronta e disposta a lutar contra o capitalismo.

Então, como avançamos em direção a uma estrutura de libertação que abranja todos os animais e toda a Terra? Seria possível, hoje, que essa libertação se tornasse uma realidade? Embora seja improvável que a libertação total seja alcançada em uma escala de tempo que pode ser medida em dias, podemos trabalhar em direção a um futuro que garanta que chegaremos lá em algum momento, aumentando a ênfase nas partes da libertação que já são uma realidade — ou próximas a ela. Atrasar esses passos em direção à liberdade seria uma traição à luta pela libertação. Cada dia que escolhemos perpetuar a realidade do especismo é mais um dia em que os animais devem viver sob o peso esmagador do sistema capitalista. O conhecimento dessa luta é o chamado à ação em si — ignorar esse chamado seria apoiar a destruição contínua de vidas, habitats e corpos de animais para nossa própria conveniência ou prazer sádico. Estando conscientes do status dos animais dentro do nosso sistema capitalista como abaixo da classe baixa, como propriedade, vemos que aceitar esse sistema, mesmo que passivamente, é se beneficiar de nossa posição supremacista dentro dele.

Para preparar o mundo para a libertação, devemos estar, nós mesmos, equipados e capazes de operar como iguais em solidariedade com todos os animais e os ecossistemas maiores dos quais fazemos parte. Estar ciente do papel que esses ecossistemas desempenham em nosso próprio futuro e tomar as medidas que pudermos para evitar sua degradação são vitais para nosso futuro compartilhado. Isso significa lutar contra todas e quaisquer tentativas de destruir o meio ambiente por meio de processos e indústrias prejudiciais, e também significa agir com base na filosofia de que a humanidade existe como uma pequena parte de um mundo maior no qual residimos. Devemos escolher agir onde pudermos para impedir a invasão contínua do

capital e da indústria nos últimos bastiões da Terra livre que restam. Lutar contra o capitalismo nas últimas fronteiras e substituir o capitalismo onde ele já existe. Podemos reivindicar este mundo dos capitalistas. Para nós e para nossos ecossistemas, evitaremos o ecocídio para o qual o capital tenta nos atrair.

Embora seja inegavelmente verdade que estamos prontos para essa libertação total, é igualmente inegavelmente verdade que os capitalistas e neoliberais do mundo estão inteiramente prontos para impedir essa mesma libertação e suas consequências. A liberdade não é algo que será concedido a nós, à terra ou aos animais, mas algo que devemos tirar das mãos daqueles que buscam nos oprimir. O sistema está pronto e disposto a lutar para proteger suas reivindicações e não se importa em destruir o mundo inteiro no processo. Se não lutarmos pela libertação, nos tornaremos um não fator na luta que destruirá tudo o que temos. Nossos lares, nossos biomas, nossas psiques e nossos corpos serão degradados pela busca insaciável por crescimento que o capitalismo continua. A menos que atacemos esse flagelo onde ele está, o parasita do capital continuará a causar estragos em nosso mundo e continuaremos a ser desconsiderados enquanto nosso mundo é destruído para o lucro de poucos. É por isso que lutamos. Lutamos por autodefesa e pelo conhecimento coletivo de que ninguém se levantará para salvar nosso mundo a menos que você o faça. Para eliminar a opressão das hierarquias capitalistas e libertar todos os seres em direção a um futuro que esteja em harmonia ecológica conosco. Existimos em um grande ecossistema, e é melhor lutarmos como ele.

Da análise de classe à guerra de classes – o zoocídio e suas repercussões

Embora os ativistas contemporâneos dos animais geralmente considerem a análise de classe e a guerra de classes como centrais para a questão de descobrir um futuro que seja inclusivo e em harmonia com interações não hierárquicas entre humanos e animais, não é incomum que pessoas de outra forma esquerdistas argumentem que os animais não humanos merecem uma consideração menor, não podem ser acomodados e incluídos em um mundo humano e não podem agora, ou provavelmente nunca, ser considerados centrais para a causa revolucionária. Essa

visão é míope e impregnada nas ideologias dominantes que surgem consistentemente para proteger o status quo.

Argumentamos que os animais devem ser considerados e tratados como indivíduos subjetivos com seus próprios desejos e necessidades, incluindo autonomia, autorrealização e independência. Argumentamos que a revolução não é uma questão de recursos e tecnologia, mas uma questão de alocação e propriedade. Enquanto os animais permanecerem como propriedade, sua inferioridade será fabricada para perpetuar essa noção e beneficiar os capitalistas que reivindicam a propriedade deles. Não se engane — quando uma pessoa afirma que os animais merecem ser tratados como propriedade, ela escolheu ser não apenas o apoiador liberal desse sistema hierárquico, mas a burguesia beneficiária de sua supremacia. Quando subjugamos os animais e perpetuamos a crença de que a humanidade é por natureza superior a outras espécies animais, lucramos com essa hierarquia da mesma forma que os capitalistas destroem florestas para lucrar com a agricultura animal ou envenenam cursos d'água para compensar os custos da responsabilidade ambiental. Enquanto os animais permanecerem como uma classe em conflito com os humanos que exigem supremacia, a violência e a guerra de classes são inevitáveis. Argumentamos que nenhuma classe, humana ou não, deve ser considerada secundária a qualquer outra, e que todos os componentes da nossa sociedade exigem justiça, não para ser reservada para uma data futura, mas a todo momento, como consequência de sua existência e nada mais. Se é inconveniente para os animais serem libertados hoje, perguntamos, em nome de cada corpo animal esmagado pela máquina do capitalismo: quando será conveniente? Ser anticapitalista requer entender que algumas coisas existem fora dos limites do valor de troca. Quanto custa uma vida de sofrimento quando é sua própria vida? Quanta inconveniência você toleraria antes de subjugar completamente a existência de outra pessoa? Sem hierarquias, essa escolha não existe. Um mundo libertado não exige que você escolha entre seu próprio sofrimento e o de outro.

Sue Coe e Stephen Eisenman em seu livro *ZOOICIDE: Seeing Cruelty, Demanding Abolition* fornecem ilustrações comoventes e uma análise impressionante da crueldade e morte inerentes à indústria de zoológicos. Quando os animais são tratados como esquisitices e bugigangas para serem trancados e transformados em um espetáculo, eles sempre serão sujeitos de exploração. As alegações vazias de que os

zoológicos fornecem um benefício educacional ou valor cultural ao expor pessoas que vivem em áreas urbanas aos estilos de vida exóticos dos animais são uma farsa. Quando um animal "selvagem" é colocado em um zoológico, ele não mantém mais sua "selvageria"; qualquer coisa que permaneça "selvagem" ou "exótica" sobre o animal é uma bugiganga de seu tempo anterior à prisão (que geralmente é inexistente, pois os ativistas têm trabalhado para criminalizar a venda de animais selvagens para esse comércio). O animal exibido no zoológico existe apenas como um símbolo de sua outrora selvageria, que se tornou mercadoria, de sua outrora animalidade, que se tornou propriedade.

O zoológico continua sendo uma realidade distópica que não exhibe a força ou a beleza de nossos semelhantes animais, mas a fraqueza e a feiura de nossas próprias escolhas. Escolhemos tratar esses animais como tantas peças em uma exposição de arte, com seu próprio prazer sendo a última prioridade para o primeiro dos prazeres de seus donos burgueses ou seu público supremo. Se um animal age em desafio contra sua prisão ou tenta de outra forma afirmar sua própria agência, ele é descartado como um inconveniente. Para a indústria do entretenimento construída sobre a exploração de animais, permitir esse ato de desafio seria uma blasfêmia contra a premissa de sua própria pseudobenevolência. Os animais deveriam estar felizes por estarem em uma vida tão despreocupada e mimada, livres dos horrores de sua selvageria natural. O zoológico argumenta: É privilégio deles estarem presos. Como liberacionistas, é contra esse tornar-se propriedade que sempre nos posicionaremos e lutaremos. Quando permitimos a exploração de animais, degradamos a nós mesmos e aos nossos companheiros animais. O falso senso de superioridade que o zoológico, o laboratório, o campo de caça e o matadouro pretendem transmitir é tão insípido quanto autoconfiante. Essa crença é, na realidade, apenas uma relação de propriedade ou uma distinção de classe. Enquanto esses lugares existirem, por sua propriedade privada (propriedade para lucro humano privado) e exclusividade como tal, eles continuarão a apresentar a falsa justificativa para sua existência de que um mundo desprovido de exploração é impossível — que precisamos manter essa forma de vida simplesmente porque é o que temos agora. A imanência da ética burguesa e a relação melancólica de mercadorias à qual ela nos condena é que somente existindo ela pode justificar sua existência. Se os animais fossem livres para existir lado a lado com os humanos, qual

zoológico valeria a pena visitar? Se a triste realidade dos zoológicos fosse limpa do verniz do exotismo, que pessoa defenderia a existência de um zoológico, muito menos seu lucro?

O Circus Roncalli é um circo alemão que eliminou animais vivos em 2018 para se concentrar em um show que consiste em projeções holográficas de animais. Esses avanços abriram caminho para zoológicos sem animais enjaulados que podem fornecer valor educacional e ajudar a expor moradores urbanos a animais sem causar danos aos próprios animais. Mas quando se trata de animais vivos, estudá-los ou observá-los em ambientes não naturais de zoológicos e circos oferece pouco benefício ao público. Interagir com animais pode despertar intriga e ajudar a educar as pessoas, mas fazer isso em um ambiente tão fabricado é completamente inexistente. Tratar os animais com o respeito e a dignidade devidos a todos os seres autônomos exige que interajamos com eles em um ambiente onde esses animais são verdadeiramente livres, e nenhum zoológico ou circo poderia fornecer essa experiência.

Enquanto zoológicos e circos falsamente alegam fornecer aos humanos uma janela conveniente para as vidas de animais de diversos habitats selvagens, esse não é o único reino onde o capitalismo coloca animais em gaiolas em prol do conhecimento privatizado. Os animais são rotineiramente submetidos à experimentação em laboratórios ao redor do mundo como seres vivos preliminares em uma série de testes antes da experimentação humana. Os tecnólogos afirmam que a experimentação animal é uma etapa necessária para fornecer conhecimento preliminar antes de determinar a segurança em testes humanos e que a subjugação de animais a esses testes é a única maneira de evitar causar danos indevidos aos humanos. Os experimentadores animais argumentam que remover a experimentação animal potencialmente colocaria em risco a segurança humana e causaria maior incerteza com relação à experimentação científica ou testes de produtos. Eles sustentam que os animais fornecem um análogo adequado para sistemas biológicos humanos e permitem o avanço do conhecimento científico em etapas incrementais antes de arriscar vidas humanas. A lógica é que muitos animais têm estruturas e fisiologias semelhantes às nossas, então, ao examinar os efeitos dos estímulos em uma série gradativa de animais avançando constantemente em semelhança até chegarmos à espécie humana,

obteremos mais conhecimento sobre os estímulos e seus efeitos com o menor risco para os humanos, como indivíduos e como espécie.

Peter Singer, em seu livro *Animal Liberation*, argumenta que estudos de laboratório em animais são inúteis e remanescentes de uma época em que éramos ignorantes o suficiente para dar a esses estudos mais peso do que eles merecem. A contradição central na lógica vivisseccionista que ele expõe é que ou os animais não humanos são tão diferentes dos humanos que podem justificadamente ser objetos de experimentação, mas não produzirão nenhum resultado útil (por causa de sua vasta diferença em relação aos humanos), ou os animais não humanos são tão semelhantes aos humanos que informações úteis podem ser obtidas de experimentos neles, mas eles não podem justificadamente ser objetos de experimentação (por causa de sua semelhança com os humanos). Esta é a falsa lógica da supremacia humana. Para apoiar a experimentação animal, é preciso aceitar a falsa confiança de que a experimentação animal fornecerá informações úteis sobre a experimentação humana posterior, mas simultaneamente acreditar que os animais são tão diferentes de nós que não exigem consideração semelhante para seu sofrimento e subjugação. Somente de dentro da ideologia ofuscante da supremacia é que se pode aceitar essa falsa confiança. Fundamentalmente, como anarquistas, sustentamos que até mesmo esse argumento é desnecessário. Não há nível de utilidade que justifique a exploração de outros seres que têm a capacidade de sofrer e viver. Como um utilitarista ético, Peter Singer nos pede (como Jeremy Bentham fez séculos antes) para considerar ao avaliar se os animais merecem essa consideração, não a questão Eles são sencientes? mas sim a mais importante Eles sofrem? Singer argumenta que o mais importante para essa questão de se os animais, por sua existência, requerem consideração moral, é se eles podem ou não sentir dor.

Embora seja comum entre esquerdistas interromper a análise do conflito de classes antes de examinar as relações entre humanos e animais não humanos, essa análise é uma parte necessária da questão maior que surge das relações de capital. Enquanto o capital existir, animais não humanos e humanos serão ambos sujeitos de sua devastação, e seus relacionamentos sofrerão com seu domínio tóxico. A luta pela libertação animal é anticapitalista por natureza, ao mesmo tempo em que permanece como sua própria luta coerente. À medida que ambas as lutas avançam, é necessário

lutar em ambas as arenas para manter a marcha constante do oprimido contra o opressor em uma luta combinada pela libertação total, livre da preocupação desnecessária de que lutar em um aspecto tirará o outro. Como anarquistas, lutamos por todos os oprimidos e nos movemos incansavelmente em direção a um futuro onde a opressão não existe. A luta será constante e pode ser longa, mas será vencida.

Você é o que (ou quem) você come — a comida como filosofia

A ação anarquista é inseparável da filosofia anarquista porque é somente através da práxis das obras e ações anarquistas que realizamos os compromissos da anarquia. Quando aceitamos a responsabilidade da libertação animal, devemos alinhar cada uma de nossas ações dentro da estrutura maior criada a partir desse entendimento. Como liberacionistas animais, contribuir para essa hierarquia ecológica através da participação no apoio evitável de sistemas exploradores que capitalizam corpos animais é inaceitável.

Bem, é claro que queremos viver em igualdade e solidariedade com nossa família animal, mas por que deveríamos viver nossas vidas dessa maneira, agora? Claro, queremos a libertação animal, mas não é algo que ganhamos após as lutas imediatas da luta de classes dentro das estruturas humanas? Não! A libertação animal não é uma reforma fragmentada que esperamos progredir — é a base sobre a qual construímos nossa filosofia, e atualizamos essa ideologia ao vivê-la em nossas vidas. A filosofia da libertação animal não apoia o classismo, o racismo, o sexismo ou outras hierarquias, ela está dentro da intersecção do trabalho de combate ao ecofascismo em nosso mundo. Quando fazemos a escolha consciente de tratar os animais com a dignidade e o respeito que damos a todas as criaturas autônomas, fornecemos a prova de que a libertação animal é um futuro viável ao mostrar seu sucesso no presente. Ao viver como liberacionistas hoje, fornecemos a prova na prática de que a libertação deve existir hoje, e nos juntamos à luta pela liberdade em solidariedade com nossos companheiros animais, ajudando a criar o mundo em que vivemos e por nossa liberdade coletiva.

Temos que harmonizar nossos valores com nossas ações porque fazer o contrário seria existir divididos contra nós mesmos. Imaginar apenas a teoria da libertação animal e não sua prática seria uma piada ridícula, e uma com a qual os animais não têm o luxo de viver. Todos os dias os animais sofrem por causa de nossas escolhas e suas vidas, corpos, futuros e liberdades são tirados deles pelo mundo capitalista em que vivemos. A menos que ajamos agora e de forma decisiva, podemos muito bem aceitar que a luta acabou. Não se engane, será uma luta. O valor produzido pela indústria de agricultura animal nos Estados Unidos ultrapassou US\$ 180 bilhões em 2019. Esse dinheiro está extremamente concentrado nas mãos de alguns gigantes agrícolas poderosos e conglomerados alimentícios. De 2001 a 2011, a parcela de terras agrícolas de propriedade das fazendas de maior porte, aquelas com 2.000 acres ou mais, aumentou sua participação de 24,1% para 34,3% de todas as terras agrícolas. As mãos cada vez mais poucas e poderosas que controlam esses lucros são as que mais têm a perder com o movimento de libertação animal. Essas empresas concentradas usam equipes sofisticadas para navegar no campo burocrático do bem-estar corporativo oferecido a entidades agrícolas. Embora esses subsídios sejam promovidos como sistemas de apoio para pequenas operações agrícolas, eles são concedidos em grande parte a grandes capitalistas que continuamente levam à falência e assumem o controle de seus vizinhos menores e continuam a concentrar terras e riquezas enquanto socializam os danos que causam aos ecossistemas locais e globais. Sua riqueza é uma horda acumulada nas costas, corpos e trabalho de animais que eles tratam como propriedade integral. Eles extraem os recursos comercializáveis de nossa ecologia coletiva e deixam os resíduos tóxicos para nós limparmos, enquanto nos cobram pelo privilégio desse furto.

Quando as pessoas falam sobre os direitos dos animais e agem em desafio à crueldade prevalecente que afirma possuir corpos de animais e os usa para lucro privado, a indústria da agricultura animal ouve e responde com força. Ativistas dos animais foram silenciados por leis de mordança agrícola, conspiração e acusações de crime organizado, bem como estatutos terroristas e de "segurança nacional". Ativistas dos animais foram considerados por autoridades policiais como a maior ameaça doméstica à lei e à ordem, e os liberacionistas dos animais enfrentaram penalidades severas por tentarem lutar contra a mercantilização de corpos de animais. O Animal

Enterprise Terrorism Act nos Estados Unidos ampliou especificamente a definição de terrorismo para incluir danos à propriedade, quando na promoção de danos à indústria da agricultura animal, um afastamento estrito de sua definição tradicional apenas em referência a danos a pessoas vivas (com o propósito de causar terror). Essas indústrias fazem lobby por poder no governo e o governo, por sua conformidade, nos diz que esses são os constituintes com os quais ele se importa. Eles sabem que há uma guerra acontecendo, você sabe?

Quando alguém escolhe não lutar pela libertação animal, está apoiando passivamente o sistema que continua a oprimir a todos nós e perpetua a cultura de dominação sobre os animais. Da mesma forma que essas corporações e o estado atacam humanos não privilegiados, o especismo tenta colocar humanos e outros animais desejáveis acima do resto. Ao nos unirmos a outros animais na luta coletiva contra esses opressores, percebemos nosso próprio poder. É o estado e o capital que precisam nos subjugar para sobreviver, e sem nossa subjugação eles não sobreviverão. Ao lutar contra esse sistema, nós damos uma chave de fenda no capitalismo e o impedimos de ser lucrativo. Acreditar que você está "muito ocupado" ou que "não estamos prontos" para a libertação animal é uma aceitação das estruturas de poder que continuam a tornar o especismo e a propriedade animal uma realidade concreta. Lutar contra a hierarquia capitalista-supremacista requer uma compreensão da importância e do poder da práxis positiva como uma ferramenta para trazer nossa própria libertação.

O que consideramos comida e como interagimos com o mundo por meio da nossa alimentação é uma questão muito íntima e pessoal. Essa questão é a essência da política pessoal que governa nossas interações mais básicas com o mundo ao nosso redor e nosso lugar nele. Pessoas que comem animais frequentemente defendem suas escolhas por meio de apelos à cultura e à identidade. É verdade que as maneiras como escolhemos comer e a maneira como definimos nosso lugar no mundo podem ter ramificações importantes para nossa própria autoidentidade. É por respeito a essa responsabilidade que escolhemos não participar de um sistema de nutrição que exigiria a subjugação de nossos ecossistemas, terras e animais. Como entendemos que nossas culturas e identidades são perpetuadas por nossas escolhas e não o contrário, devemos definir o padrão por meio de nossas ações. Quando fazemos escolhas alimentares ecologicamente conscientes, encorajamos culturas de administração responsável e

conhecimento prático das consequências de nossas ações. Nós nos livramos do jugo da falsa identidade que o capitalismo evoca por meio de mentalidades consumistas. Se nossas tradições perpetuam as hierarquias que nos levam ao caminho do ecocídio, por que jogar mais de um futuro potencialmente bom depois de um passado problemático? Se não respeitarmos uns aos outros pelo que escolhemos colocar e deixar de fora de nossos pratos, nunca poderemos ganhar o respeito daqueles por quem lutamos.

Além do liberalismo do ativismo baseado em direitos

Vivendo em um mundo especista e carnista, um liberacionista animal pode frequentemente ouvir a pergunta: "Ah, você é um defensor dos direitos dos animais?" Essa pergunta, é claro, erra completamente o alvo. Não há preocupação com direitos com os quais o liberacionista precisa se preocupar. A certeza da filosofia anarquista não está em fornecer uma resposta clara para cada pergunta, mas em uma teoria útil de fazer as perguntas que nos forcem a considerar as necessidades e subjetividades de círculos cada vez mais inclusivos de seres. Ao questionar as premissas dessas perguntas, chegamos a entendimentos radicais das hierarquias que formam nossos próprios preconceitos, permitindo-nos conceituar novos futuros aliviados por esses preconceitos. Ao lutar contra o especismo, devemos nos lembrar de não sucumbir a discussões diversionistas como se os animais merecem direitos ou não. Claro, se algum ser merece direitos, todos os animais os merecem e os benefícios associados, mas como anarquistas negamos o mérito dessa discussão. A libertação animal é o ponto de partida, não o fim, da nossa luta. O ônus da prova nesta questão está no tribunal daqueles que buscam dominar através do roubo até mesmo das necessidades mais básicas de outros seres. Negamos que a vida exija qualquer justificativa além de sua própria existência, e resistimos a todas as alegações em contrário.

Argumentar sobre a existência de direitos e sua pertinência à questão do relacionamento animal e humano é irrelevante porque os direitos são as ferramentas da classe burguesa para manter o status quo que pretendemos derrubar. Ao focar a discussão em quais privilégios os animais devem ter e negar todos os outros, a hegemonia do liberalismo proprietário espera definir um custo máximo para manter seu próprio resultado final. Existem correntes dentro do movimento de bem-estar

animal que buscam aumentar os círculos de proteção legal para animais à medida que eles caem abaixo de algum limite de perigo de extinção ou normalidade ou fofura, e essas lutas merecem nosso tempo e esforço, mas são por necessidade de obter alívio imediato para os animais e não abordam as questões sistêmicas que assolam o paradigma predominante. Embora o trabalho desses ativistas tenha sido vigoroso e às vezes extraordinário, essa perspectiva nos condena a trabalhar dentro da estrutura capitalista. Perdemos a floresta por causa das árvores. Quando nos preocupamos apenas com animais que existem em alguma lista de espécies ameaçadas ou animais de estimação adequados, perdemos de vista as estruturas maiores que resultam na existência dessas listas e, ao fazer isso, continuamos as práticas e instituições que garantirão que alguns animais sempre serão mais favorecidos do que outros devido à arbitrariedade do gosto, atenção e fervor humanos. O que buscamos é independência, autonomia e libertação para todos os animais, para toda a Terra e para toda a existência. Não sujeitamos nenhuma luta à prioridade de outra, porque cada uma dessas metas de libertação existe dentro de nossa luta maior por autonomia plena e coletiva.

Aaron Koeck, em um ensaio, “*Direitos, Privilégios e Poder*” para o Center for a Stateless Society, escreveu que um “direito é simplesmente aquilo que o estado-nação permite ou tolera, uma mera concessão em favor de seu próprio poder e estabilidade”. Koeck argumenta que os direitos são garantias paternalistas do estado para intervir e se oferecer para remediar problemas da única maneira que o estado sabe — por meio de sua violência. O estado usa a perspectiva de direitos para fazer com que grupos desfavorecidos invoquem seu poder, invocando e legitimando sua posição como árbitro do correto e incorreto. Sempre que tivermos que nos curvar para usar o poder do estado, teremos nossos movimentos cooptados pelo próprio desejo de poder do estado, por suas próprias estruturas de justiça e hierarquia e por suas próprias afirmações de superioridade. Enquanto ele alega fornecer uma ferramenta para resolver nossos próprios problemas, nos tornamos as ferramentas de sua própria legitimação. Ao recorrer ao estado em tempos de crise, continuamos a relação precária de dependência que o estado promove, e promovemos a própria agenda do estado de substituir e destruir nossas próprias estruturas de poder e solidariedade com suas próprias estruturas de hierarquia e alienação. Em um ensaio sobre os abortos quase

inacessíveis nos Estados Unidos, Marlene Gerber Fried argumentou que o movimento pelos direitos ao aborto se colocou em uma posição precária porque "seu foco tem sido muitas vezes manter o direito legal ao aborto, enquanto a capacidade desigual de diferentes grupos de mulheres de exercer esse direito é menosprezada". O governo luta por direitos em seus próprios termos, não nos nossos. Ele modula nossas vitórias por meio de seus próprios preconceitos na administração da justiça e coopta nossos movimentos para impor sua própria agenda. Quando equilibramos a luta pelos animais tão estreitamente em estratégias baseadas em direitos, corremos o risco de ganhar direitos que nunca poderão ser usados. Quando o estado garante que os animais nunca devem ser machucados, mas garante que os animais designados como animais de fazenda, animais de laboratório ou outros não são esse tipo de animal, somos vítimas do mesmo erro dos ativistas dos direitos ao aborto que pensaram que a guerra estava ganha quando o acesso se tornou o campo de batalha no qual seus oponentes tomaram terreno, alavancando o poder do estado para modular o acesso ao aborto como outro meio pelo qual o estado regulava o privilégio e a propriedade. Mesmo quando ganhamos concessões do estado, o estado continua a administrar essas concessões de forma a perpetuar seus próprios desejos. O estado diz: "Sim, você está certo de que os animais merecem consideração por seu bem-estar, então proibiremos matar animais, exceto quando puder ser demonstrado que é útil para humanos ou lucrativo para corporações". Ele diz: "Sim, você está certo de que os testes só devem ser conduzidos em animais se forem éticos, então exigiremos que os experimentadores provem que cada experimento é ético antes que ele possa ser conduzido". As concessões que são conquistadas hoje se tornam os pontos de discussão que sustentam o sistema de capital que devemos lutar amanhã. Este exercício poderia ser conduzido indefinidamente e ainda assim a libertação estaria fora de alcance. Meias medidas não são aceitáveis porque o capitalismo é incessantemente flexível a essas vitórias aparentes. À medida que nos movemos para um ponto a meio caminho entre a libertação e o status quo, o capitalismo aceita o antigo ponto a meio caminho como o novo limite do radicalismo e recua suas balizas para que nosso compromisso se torne nossa ruína. Como diz o ditado, antes que um objeto chegue a qualquer lugar, ele atinge seu ponto a meio caminho, e assim por diante. Ou neste relativismo invertido, à medida que nos

aproximamos de uma compreensão do capitalismo aceitável, os extremistas do capital se aproximam do status quo, e assim por diante.

Normas de propriedade privada valorizam apenas coisas que aumentam o potencial de lucro privado. Essa relação de propriedade com valor sempre subestimar os benefícios sociais de um ambiente saudável e ecossistemas fortes. Movimentos ecológicos profundos apresentam uma mudança de paradigma, afastando-se da valorização do ambiente por seu benefício aos humanos e em direção a uma crença de que as ecologias são valiosas por sua própria existência. Temos a obrigação de preservar as ecologias existentes e entender nossa própria relação com nosso ambiente se quisermos ser membros responsáveis de nosso mundo. Além disso, entender e promover as evoluções dessas ecologias ao longo do tempo é uma parte fundamental do aprendizado de como coexistir significativamente no crescimento global coletivo. A preservação por si só é imanência, mas a vida, por si só, é transcendente. Uma filosofia de libertação holística requer uma compreensão do ambiente como algo que não podemos separar de nós mesmos e no qual tanto o nosso valor quanto o do nosso ambiente só podem ser realizados por meio de um respeito mútuo por todos os seres vivos e todos os componentes de nosso mundo completo.

Em vez dessa dependência de normas de propriedade como o salvador capitalista para uma crise criada pelo capitalismo, devemos formar as estratégias de libertação que pavimentam o caminho para uma nova compreensão de nossa relação em e para nosso mundo que nos permite existir em harmonia e para o benefício desse mundo e de nós mesmos. Quando vemos que não estamos separados deste mundo, mas sim uma parte desse todo, entendemos a nós mesmos como componentes necessários para seu sucesso e o percebemos como o contexto dentro do qual podemos prosperar.

Não somos defensores humanos separados em nome de animais não humanos. Somos animais e lutamos por nossa própria libertação e, ao fazê-lo, pelo fim da hierarquia que coloca nossa classe animal contra si mesma por meio da criação de uma hierarquia especista injusta de divisão de classes. Entendemos como indivíduos cientes da mentira que é o especismo e rejeitando a supremacia humana que essa hierarquia apenas barateia nossa própria luta pela libertação. Lutamos por nós mesmos como animais. Nós nos libertamos porque é o que merecemos. Quando excluímos seres de

nossa luta pela libertação, nos colocamos na posição perigosa de nos tornarmos opressores e viver uma falsa justiça. Se lutássemos por uma libertação estreita e definíssemos classes de animais de nossa luta, forneceríamos a justificativa para nossa própria expulsão eventual dessa classe privilegiada e perpetuaríamos as contradições inerentes à luta de classes hierárquica. Libertar-nos das cortinas do especismo é uma parte necessária de nosso próprio tornar-se libertado e um pré-requisito para um mundo libertado. Nunca seremos capazes de criar um mundo livre de hierarquia até que nos livremos das visões supremacistas que surgem de um ponto de vista especista.

Quando escravizamos animais, solidificamos nossa própria existência na escravidão. O dano que a sociedade burguesa perpetua não está apenas na degradação da comunidade, mas na alienação necessária para manter as hierarquias da vida burguesa. Para engolir a mentira da supremacia humana, devemos primeiro ser alienados de nossa própria animalidade e conceituar o humano como fora e acima dos animais. O egoísmo superficial é o lote de alimentação da estrutura especista. Até que sejamos capazes e estejamos dispostos a atacar radicalmente as estruturas que permitem que essas injustiças continuem, continuaremos a ser controlados por nossa própria apatia. A libertação animal é libertação humana e não há libertação anarquista que será completa até que sejamos todos livres, iguais e comunitariamente autoatualizados por nossa existência dentro de um ambiente que apoia cada indivíduo.

Onde os animais se encaixam no anarquismo?

Brian Massumi em *What Animals Teach Us about Politics* apresenta uma perspectiva radical sobre as lições que os humanos podem aprender sobre política e realidade com os animais ao nosso redor. Massumi elogia a maneira como os animais brincam para exibir e questionar os desejos, motivos, necessidades e limites dos outros e nos aponta para perguntar por que nos recusamos a fazer o mesmo. Estamos tão obcecados com nossa própria natureza separada que acreditamos que não podemos aprender com um exercício tão rico? Se estivermos dispostos a ir além das restrições do que afirmamos ser humano, então encontraremos um mundo rico esperando por nós; encontramos um mundo cheio de oportunidades, complexidades e nuances que dão sabor a cada uma de nossas possíveis interações com o mundo ao nosso redor.

Massumi nos desafia a aceitar a "cruza" do instinto e da intuição que muitas vezes menosprezamos, pensando que, como homens científicos, estamos além do alcance da natureza. Afirmar que somos separados e não derivados de nossas naturezas (ou para usar um termo diferente, psicologias evolucionárias) perpetua uma falácia perigosa que continua a nos levar pelo caminho da autodestruição, que é a degradação contínua do mundo natural e do meio ambiente necessário para nossa sobrevivência. As avaliações estratégicas complexas exigidas pelos animais nos cenários de suas vidas diárias exigem compreensão de questões sociais, avaliação de critérios de recompensa e potencial de perda, e a autoconsciência para fazer julgamentos quanto à sua própria capacidade de alcançar o sucesso. Os animais utilizam a compreensão de grupos internos e externos e a coleta de informações sobre rivais por meio de técnicas indiretas e coleta de inteligência. Integrando essas informações ao complexo tecido social que percorre suas experiências vividas, os animais participam da experiência intrincada que não é essencial para a vida, mas a consequência de viver. A arrogância e a ganância que dominam o ego capitalista parecem ridículas ao lado das realidades que colhemos da beleza do jogo. Enquanto colocarmos a falsa transcendência da dominação sobre a real libertação de nossa codependência ecológica e ajuda mútua, a catástrofe climática será uma inevitabilidade.

A partir dos jogos de luta, os animais trabalham e nos ensinam o valor de trabalhar, as linhas que não cruzaremos e as linhas que cruzam da civilidade para o horror, ou guerra, ou dor. Se temos tanto medo dessas questões que, em vez disso, nos emparedamos sob o disfarce da academia e da lei, perdemos de vista a humanidade que nossas ações buscam promover e a ecologia que buscamos fortalecer. Ao explorar essas linhas, preservamos a autonomia de cada indivíduo sobre as hierarquias da cultura ou estatuto e usamos o conflito saudável como um meio de chegar ao consenso. Quando enfrentamos essas questões de frente e interagimos intimamente em diálogo e brincadeira com nossos companheiros animais, chegamos a um entendimento real e intuitivo que promove respeito e dignidade para todos.

A ideia de brincadeira como uma característica animal é explorada mais a fundo por David Graeber em um artigo intitulado Qual é o sentido se não podemos nos divertir? Graeber nos pede para considerar a beleza da brincadeira como uma explicação alternativa para uma infinidade de ortodoxias científicas. Ele aponta a

simplicidade de aceitar que um animal pode fazer algo por diversão e o absurdo de tentar justificar a brincadeira como uma ação economicamente racional. Ao abrir o discurso, ampliando nossa compreensão de teorias alternativas, somos capazes de descobrir mais sobriamente nossos próprios equívocos.

A política da animalidade não é apenas uma aceitação da realidade da natureza não humana, mas uma aceitação do ideal de mais-que-humano como parte do ser humano. Não escapamos da humanidade sendo não-humanos. Em vez disso, devemos transcender o meio humano sintetizando o humano e o mais-que-humano e, ao fazê-lo, unir-nos à natureza da ecologia radical que pode guiar o futuro da humanidade. Uma humanidade que é mais-que-humana e intencionalmente natural se move além da imanência da sociedade capitalista patriarcal e para a libertação de uma comunidade verdadeiramente ecológica. Lutamos contra a dominação e subjugação privadas explorando os limites da humanidade e transcendendo nossos próprios preconceitos.

À medida que nos libertamos das prisões de nossos próprios limites percebidos de humanidade, nos tornamos mais-que-humanos. Transcendemos a falsa consciência do humano como além da natureza e abraçamos a realidade de nós mesmos como entrelaçados com nossas contrapartes animais como seres interdependentes em um mundo compartilhado. Não há nenhuma característica essencial que faça os humanos por natureza seres separados na complexidade de nosso mundo e suas infinitas combinações. É por nossa própria existência que justificamos nossa continuação e, como tal, apoiamos a sobrevivência de todos os nossos semelhantes ecológicos. Quando aceitamos não um lugar ou posição, mas uma existência dentro e como parte do ambiente que habitamos, existimos neste espaço mais-que-humano que é humano e não humano. Ao abraçar essa perspectiva, nos abrimos para uma teoria crítica da ecologia que é mais do que preservação e além do equilíbrio, mas totalmente entrelaçada com nossos eus naturais e seres conscientes como nossos eus ecológicos.

Os animais podem ser anarquistas?

Antes que possamos viver libertos das hierarquias do especismo, carnismo e privatização ecológica, precisamos destruir a falsa linha que traçamos entre o mundo humano e o mundo natural ou o mundo humano e animal para usar como base para

nossas próprias reivindicações de superioridade. Parece que pensamos que, ao reivindicar essa separação da natureza e dos animais, podemos ver o mundo sem fazer parte dele; podemos julgar o mundo sem sermos julgados; podemos experimentar o mundo sem sermos experimentados. Na perpetuação dessa ilusão, nos lançamos cada vez mais rápido em direção à morte precoce do planeta que esperamos chamar de lar. Precisamos transcender essa divisão fabricada e prosseguir em união conosco e com nossas naturezas para um futuro equitativo.

Por que os animais hoje não vivem em liberdade se é isso que eles querem? As barreiras institucionais que emanam das teias do capitalismo e do estado impedem que os animais tomem a liberdade para si mesmos e os humanos libertem os animais em qualquer sentido individual. Até que as classes animais alcancem a libertação completa da hierarquia humano-animal, viveremos em um mundo especista. Quando hoje buscamos viver como iguais com nossa família animal, somos abordados a cada passo por algum estatuto ou norma que age para predeterminar nosso comportamento e condenar nossa relação como iguais além do alcance do pensamento racional. As leis exigem que os companheiros animais sejam completamente subservientes à sua contraparte humana ou, de outra forma, sejam confinados a uma vida que não se estenda além dos limites de uma gaiola, cerca ou casa. Em todos os sentidos, os animais são tratados como propriedade dentro do estado capitalista e, como tal, estão na ponta receptora de todas as opressões inerentes a esse status de segunda classe. Eles não podem viajar, comer ou viver livremente sem que o estado imprima em cada momento de suas vidas o status de sua propriedade. Ser pego sem um dono humano é correr o risco de ser apropriado pelo complexo industrial animal.

O livro da Dra. Melanie Joy, *Why We Love Dog, Eat Pigs, and Wear Cows*, explora o controle cultural que a filosofia opressiva do carnismo exige. Animais designados como mercadorias como alimentos ou roupas não devem ser vistos pelo público em geral em sua forma viva. Eles devem ser separados dos humanos para que as mercadorias derivadas de sua existência possam ser igualmente alienadas de suas existências vivas. A vaca como animal não existe no capitalismo, porque a vaca é apenas suas partes de mercadoria — é uma unidade de produção de couro, carne, gelatina, refino de açúcar, etc. A ignorância é a crença fundamental que permite que

crenças supremacistas como o carnismo prosperem. A indústria da agricultura animal precisa manter essa ignorância no público em geral para evitar uma revolta significativa contra suas decisões comerciais desagradáveis. A ideia do animal vivo deve ser alienada do produto de mercadoria por meio da modificação da linguagem, locais remotos de fazendas industriais e infraestrutura especializada da cadeia de suprimentos para transformar a separação da vida do animal vivo por meio de seu abate mecanizado em uma simples nuance tecnológica da indústria. Na fábrica da operação concentrada de alimentação animal, o ser vivo de uma vaca, porco, pássaro ou peixe é inexistente. Sua vida moral e o dever de evitar danos indevidos se tornam uma barreira ao lucro da máquina. Claro, se fosse possível criar esses produtos mais baratos sem ter que se preocupar com animais ou trabalhadores, a indústria atenderia alegremente, mas por que eles deveriam se preocupar quando têm controle total sobre seu domínio e reivindicam domínio total sobre a existência desses animais? A Dra. Joy escreve que o carnismo internalizado leva a uma série de crenças que as pessoas usam para se proteger das realidades de sua própria supremacia. Torna-se necessário objetificar e desindividualizar os animais para que eles não tenham experiências subjetivas, porque reconhecer essas experiências subjetivas exigiria aceitar a desumanidade de causar-lhes uma vida inteira de danos por um luxo momentâneo. Embora nossa própria experiência vivida refute que os animais podem ser objetos ou autômatos, torna-se necessário dicotomizar os animais em categorias de classes internas. Alguns são para comer, alguns para vestir e alguns para acariciar. Quando as realidades subjacentes a essas hierarquias nos atingem, torna-se necessário novamente nos protegermos através do véu do desgosto ou da distorção. Proibimos que animais vivos sejam vendidos em mercados, mas não temos problemas com prateleiras lotadas com os pedaços processados de seus corpos. Sua presença física viva se torna uma experiência muito próxima da compreensão da realidade de nossa própria depravação, então só podemos pegar as partes de seus corpos que se transformaram tão completamente a ponto de não se assemelharem ao corpo vivo. Sem pés ou cabeças, apenas costeletas e hambúrgueres. Sem escamas ou penas, apenas pedaços de carne com osso como alça ou pele depenada e higiênica como um floreio. Carnismo, descreve a Dra. Joy, é uma matriz psicológica interna dentro de uma matriz social. Este esquema carnista de matriz dentro de matriz atua como uma lente que distorce a

realidade que percebemos e filtra partes do mundo que entram em nossa realidade, concentrando ainda mais nossos preconceitos existentes. Escapar dessa armadilha carnista é tão simples quanto o problema é complexo. Cuidar dos animais é tudo o que é necessário. O esquema carnista tenta nos proteger dessa tendência simples, nosso próprio desejo de cuidar — de nos identificar com os animais.

O carnismo como um espetáculo de irracionalidade coletiva requer uma separação da realidade que pode ocasionalmente se fundir ao sublime. Carrie Packwood Freeman escrevendo sobre o espetáculo da tradição e propaganda da indústria estatal que é o perdão do peru de Ação de Graças presidencial americano observa que as culturas frequentemente usam o sacrifício como uma forma de expiar coletivamente ou se livrar da culpa pela decisão de comer animais. Ela escreve sobre o discurso de humor e autocongratulação que cerca o caso do perdão. Enquanto o presidente perdoa um peru para viver o resto de seus dias (pois seu corpo anormalmente grande entrará em colapso muito em breve) como um mascote para a indústria de agricultura animal em vez de seu produto, o povo da nação (incluindo o presidente) é libertado da responsabilidade moral de contemplar os perus que escolhem comer mais tarde naquele mesmo dia enquanto se dão tapinhas nas costas por permitir que um peru chegue à sua "aposentadoria" simbólica de uma vida de ser comida.

Os veganarquistas veem essa posição pelo que ela é — uma relação de classe. Dentro da hierarquia dos sistemas de lucro capitalista, os animais são uma classe que deve ser subjugada pelos humanos. Os animais requerem um acompanhante humano, um signatário humano, em todos os estados de ser. As normas de propriedade reduzem os ecossistemas a extensões de terra e reduzem os biomas da nossa ecologia a tantos itens de linha no balanço do nosso mundo. O capitalismo marcha implacavelmente em todas as facetas do nosso entendimento. Como um contágio infeccioso, ele aproveita cada vulnerabilidade para distorcer nossas percepções e acabar com paradigmas não capitalistas. Enquanto o capitalismo existir em algum lugar do mundo, ele insiste que nada pode permanecer fora de seu domínio. Não pode haver um recurso inexplorado ou uma terra não pesquisada. Tudo deve ser privatizado ou descartado e, para que essa escolha possa ser feita, ela deve primeiro ser examinada e seu valor determinado. O

capital predeterminou que os animais não têm valor em si mesmos, mas apenas como propriedade. Ele os considera não agentes, mas mercadorias.

Como passamos da não liberdade do capitalismo e das indústrias que atacam corpos de animais para uma anarquia que fornece espaço e respeito para todas as criaturas? O anarquismo sozinho fornece todas as respostas para a tensão entre supremacistas humanos e antiespecistas? É inteiramente possível (e terrível) imaginar um anarquismo que poderia existir sem remover as hierarquias que oprimem os animais. Como veganarquistas, sustentamos que isso não seria anarquismo propriamente dito, mas algo aquém disso — e descartamos quaisquer meio-anarquismos como sendo, na verdade, não-anarquismos.

Para garantir que nosso mundo anarquista esteja livre de barreiras à libertação animal, devemos agir em conjunto com e para o benefício de nossa família animal. Isso significa eliminar todas as fontes de subordinação animal para entretenimento, ciência, produção e trabalho. Ao tratar os animais com o respeito e a consideração moral devidos a todas as criaturas como nossos iguais, garantimos que eles não entrem em conflito conosco por recursos, liberdades ou obrigações. Como membros iguais em nossos futuros anarquistas, os animais serão necessariamente livres para viver suas vidas ao permitirmos que humanos e animais vivam e existam juntos sem as barreiras a essa liberdade que são a consequência de uma estrutura especista. Existimos para fornecer ajuda mútua uns aos outros dentro da estrutura coletiva de nosso ecossistema. Isso significa aceitar seu lugar dentro do processo de consenso e trabalhar de boa fé para entender os requisitos, necessidades e desejos dos animais como classes e como indivíduos.

O futuro que criamos não é necessariamente tão claro ou simples de imaginar quanto simplesmente remover barreiras e esperar por um futuro melhor para evoluir dessas liberdades negativas. Devemos nos envolver positivamente conosco e com nossos ecossistemas para encontrar o equilíbrio necessário para manter todas as partes interessadas envolvidas no processo de viver neste mundo. Não somos defensores dos animais porque os animais não são nossos pupilos. Trabalhamos com os animais para criar o novo mundo e eliminar os sistemas de dominação que continuam a impedir que essas relações harmoniosas existam.

O veganismo é necessário para o anarquismo?

Os anarquistas tendem a se esquivar de qualquer discussão sobre 'linhas vermelhas' filosóficas que possam confinar o guarda-chuva que contém ideologias anarquistas, e com razão. O perigo de aceitar essas restrições à filosofia anarquista é uma tentativa de reter a natureza dinâmica de sua filosofia que reflete o anarquismo na prática. Se colocarmos correntes em torno do anarquismo, então podemos muito bem acabar recriando o pesadelo das hierarquias opressivas contra as quais lutamos hoje. Podemos acabar alienando pessoas curiosas que se sentem indesejadas em nossas comunidades porque estão acostumadas a serem alienadas por um sistema que espera conformidade. Reconhecendo essa realidade, há muitas lutas que são inseparáveis do anarquismo, pois elas se enquadram no escopo das muitas lutas anti-hierárquicas que lutamos, e sendo assim, elas são anarquistas. É dentro desse guarda-chuva que encontramos todos os componentes do anarquismo que são necessários e resultantes do pensamento anarquista: feminismo, antirracismo, anticapacitismo, anticlassismo, antiespecismo, etc. Um estilo de vida vegano requer uma avaliação das refeições como práxis, bem como áreas potenciais de luta. Como anarquistas, nos esforçamos constantemente para analisar nossas relações para entender os efeitos holísticos de nossos relacionamentos, refletir sobre meios e fins e trabalhar para viver uma vida que promova nossas lutas de libertação. O anarquismo é um chamado à ação, e o veganismo é um chamado à ação que os anarquistas devem atender.

Um estilo de vida vegano necessita de uma rejeição de mercadorias derivadas de animais. Essa rejeição é uma reação ao entendimento fundamental de um veganarquista de que animais não são propriedade e seus corpos são seus. Alguém que reconhece os corpos dos animais como sendo o único ser dos próprios animais deu o primeiro passo lógico em direção a um entendimento veganarquista. Eles percebem que em um mundo onde rejeitamos a alienação do sistema de capital, rejeitamos todas as tentativas de mercantilizar nossos corpos ou os dos animais ao nosso redor. Quando os corpos dos animais, secreções corporais ou partes do corpo se tornam mercadorias a serem compradas, vendidas e acumuladas de acordo com os caprichos dos capitalistas que controlam os meios de produção e extraem mais-valia de animais e humanos, o sistema capitalista consegue desvalorizar os animais a ponto de eles se tornarem

propriedade. Nesse tornar-se propriedade, o animal deixa de ser uma entidade viva e se torna um objeto do capitalismo. Este é o fim natural de todo trabalho dentro da megamáquina capitalista. Identificar-se com animais não humanos na luta pela libertação é uma luta do trabalho contra o capital. Lutar contra a máquina do capital requer libertar os corpos que lutam para se libertar de seu peso, e em cujas costas ele lucra. É essa mercantilização da vida que os veganarquistas rejeitam. Animais não são propriedade e seus corpos não são para comprar e vender. A propriedade de um corpo fora do seu é uma farsa e uma zombaria da agência necessária para a propriedade. Se alguém pode ser dito que possui alguma coisa, ele deve primeiro possuir a si mesmo, e essa propriedade é derivada unicamente da natureza de sua existência. Esse egoísmo da existência é o que define a autopropriedade de todos os animais. Em união com os animais ao nosso redor, rejeitamos qualquer sistema que roube dos animais essa agência de ser.

A vida vegana é uma prática que incorpora uma perspectiva anarquista de resistência às hierarquias presentes em perspectivas especistas e busca subverter a noção capitalista predominante de que os corpos dos animais são para uso e descarte dos humanos. Embora seja possível e comum ser vegano, mas não anarquista, argumentaríamos que ser anarquista e viver uma vida anarquista exige tratar os animais com o respeito e a dignidade devidos a todos aqueles com quem encontramos solidariedade na luta pela libertação. Em localidades nas quais a vida vegana é possível e improvável de impedir outras lutas, e particularmente em lugares onde não é onerosa, não existe alternativa ao veganismo para os anarquistas. Em tempos e situações em que a vida animal e humana estão disputando a luta pela vida, é possível imaginar cenários nos quais os corpos de animais falecidos, incluindo humanos, podem ser reutilizados para a melhoria das ecologias existentes. Verdadeiramente, o anarquismo é uma filosofia viva e não consideramos os mortos tão sagrados a ponto de imaginar que a deferência aos mortos deva ser motivo para privar os vivos de qualquer coisa. Na prática, sustentamos que essas instâncias são tão raras que geralmente só existem no hipotético, e ainda entendemos que até escaparmos de uma estrutura capitalista, reaproveitar os corpos dos que já viveram necessariamente abrange as mortes futuras dos que vivem atualmente; dentro do capitalismo, a expectativa prática de uma cultura que normaliza o uso do corpo morto como propriedade é que a forma

viva se torne um meio de produzir o corpo morto — e assim os vivos mais uma vez caem no serviço recrutado sob a hierarquia daqueles que vivem melhor. No entanto, de acordo com a tradição anarquista de ser totalmente anticapacitista, é necessário chegar a um entendimento sobre as limitações sob as quais certas pessoas vivem e a possibilidade de que nem todos podem concebivelmente viver uma vida vegana sem suportar estresse extremo ou mesmo possivelmente arriscar suas vidas.

Em casos em que vidas podem ser salvas e amplamente melhoradas por medicamentos, nutrientes e outros produtos que podem ser derivados apenas de corpos animais e humanos, como ecologistas radicais, imploramos aos animais envolvidos nessas decisões que estejam cientes do dano e sofrimento que podem ser infligidos a nossos semelhantes animais em prol desses nobres ideais. O anarquismo não enxerga nenhuma luta e uma política radical de consenso de todos os grupos requer uma compreensão honesta dos danos e benefícios de cada escolha que fazemos. Como escolhemos entre danos temporários e permanentes em todos os níveis é uma decisão extremamente individualizada que depende das circunstâncias específicas envolvidas em cada escolha, mas uma estrutura antiespecista nos obriga a avaliar essas escolhas por seus méritos, desprovidas de quaisquer noções de supremacia humana e do direito que esse viés tende a gerar. Estamos confiantes de que as perspectivas de libertação podem ter um impacto positivo em vastas áreas, incluindo medicina, saúde e ciência, respeitando a autonomia e a liberdade de todos os membros. Essas áreas oferecem amplo espaço para discussões saudáveis e perspectivas radicais sobre ajuda mútua podem oferecer um poderoso contrapeso às normas capitalistas que dominam essas decisões hoje.

Ecologia Social Radical

O termo “ecologia radical” abrange uma gama de ideias que incluem teorias e filosofias cunhadas por Arne Naess e disseminadas por pensadores como Murray Bookchin. A ecologia radical tenta sintetizar a ecologia profunda e a ecologia social para apontar o fracasso de um “ambientalismo superficial” em abordar adequadamente as questões e os problemas mais profundos inerentes aos sistemas capitalistas de dominação. Esse ambientalismo superficial trata os humanos e, em particular, os

humanos em países desenvolvidos, como os únicos beneficiários de um sistema de dominação que explora os pobres, os não humanos e os não vivos, ao mesmo tempo em que reivindica um desejo moral paternalista de salvá-los.

A ecologia radical não apenas afasta os humanos do centro de sua filosofia, mas também sustenta que os humanos são parte de um sistema interconectado de seres vivos, ecossistemas, fluxos e dependências que possuem valor inerente como partes dentro e de uma ecologia inteira. Além disso, por meio de suas influências na ecologia social, a ecologia radical tenta formar uma análise política e uma filosofia de libertação dos fundamentos de muitas das estruturas que sustentam trocas, valores e noções sociais. A ecologia social e o ecofeminismo têm expandido os limites do uso do ambientalismo e da análise ecológica para entender os efeitos e as críticas ao capital que desempenham um papel na destruição de nossas ecologias.

Ecologistas sociais notam a centralidade das relações sociais de dominação e subordinação para a destruição de ecologias na continuação e promoção dessa dominância. Eles ainda apontam que para ir além da ecologia profunda como uma crítica e para uma forma de práxis, devemos criar uma política de ação que tente reestruturar ou destruir esses sistemas sociais para liberar ou preservar essas ecologias. A ecologia radical tenta trabalhar essas questões por meio de experimentos em formações sociais radicais ou dinâmicas de grupo que buscam entender e melhorar as relações socioecológicas.

Uma tendência dentro dos movimentos veganos e da ecologia radical que deve ser abordada aqui é a escolha de formar argumentos ecocêntricos. Os ecocentristas colocam a sobrevivência e a preservação dos ecossistemas como centralmente importantes e sustentam que todas as vidas são igualmente importantes, independentemente de classe, gênero, espécie ou tipo. Embora sustentemos que todas as vidas são importantes, não escolhemos fazer julgamentos de valor sobre a importância de qualquer vida ou grupo de vidas em detrimento de outra. Não sustentamos que a preservação de qualquer status quo ecológico específico seja necessariamente mais correta do que outra. As avaliações da vida dessa forma são o que os sistemas capitalistas tentam fazer constantemente quando arbitram entre escolhas baseadas em noções excessivamente simplistas e altamente centralizadas de valor, necessidade e benefício.

Toda a vida é maravilhosa no indivíduo, e a vida é ainda mais maravilhosa no agregado nas ecologias que nos incluem. Ambas podem ser verdadeiras e aceitas, e não precisamos fazer escolhas genéricas para sacrificar algumas em prol ou subordinação de outras. A ecologia vegana radical exige que estejamos dispostos a ter conversas difíceis sobre as escolhas que fazemos e reconhecer que não há uma maneira simples de tomar certas decisões, mas que é necessário ser expansivo em nossa compreensão e aberto a novos métodos de desenvolvimento de consenso em torno de decisões coletivas.

Eco-Feminismo

Críticas ecofeministas à degradação ambiental como uma resposta à relação patriarcal do homem com a natureza forneceram novas lentes poderosas com as quais analisar a crise criada pelo capitalismo entre nós. Enquanto formos atormentados pela dominação patriarcal, nunca seremos capazes de viver de forma sustentável ou não capitalista, pois a tendência à dominação necessita da relação de propriedade que produz os ganhos privatizados e as perdas socializadas que tipificaram o pesadelo ecológico moderno.

Os métodos que o capitalismo e o patriarcado usam para dominar as mulheres e os recursos são os mesmos métodos que eles usam para dominar o ambiente que compõe o mundo natural. A análise feminista pode nos ajudar a entender tanto os métodos de dominação que lutamos quanto o potencial de luta contra essa dominação. Ao vermos o movimento ambiental e sua resposta ao capital como uma extensão do movimento feminista, expandimos nossa capacidade de combater a subjugação ambiental em todas as formas. Quando os capitalistas exploram, reivindicam, privatizam e controlam os recursos que compõem nosso ambiente local e globalmente, eles se apropriam de partes interessadas autônomas na comunidade pública para lucro privado. Quando entendemos o controle do ambiente como uma forma de violência sexual na forma de mercadoria, podemos imaginar novos futuros para a libertação do ambiente e novas estratégias para a justiça radical em face do abuso ecológico. A análise feminista é uma ferramenta poderosa para dismantelar a dominação do capitalismo. Evitar o colapso ecológico exigirá uma abordagem antipatriarcal. Como

anarquistas, não consideramos nenhuma luta como privilegiada em detrimento de outra, e lutamos em concerto e em união com todas as lutas que trabalham em direção ao nosso objetivo comum. O ecofeminismo é a união das lutas antissexistas e pró-ecológicas do nosso movimento.

Karen Warren em seu ensaio *The Power and the Promise of Ecological Feminism* afirma que “[a] degradação e exploração ambiental são questões feministas porque uma compreensão delas contribui para uma compreensão da opressão das mulheres”. Ela argumenta que “estruturas conceituais opressivas” são usadas como a lógica de dominação que permeia o *zeitgeist* (algo como “sinal do tempo” em alemão, n.t.) popular e pretende justificar a destruição e apropriação do meio ambiente. Essas são as mesmas estruturas que os homens usam para dominar as mulheres em sociedades patriarcais. O movimento ecológico é feminista porque pode nos ajudar a entender a opressão das mulheres e o movimento feminista é ecológico porque pode nos ajudar a entender a opressão do meio ambiente. Devemos analisar e criticar essas estruturas de dominação se esperamos nos libertar dos jugos da degradação ambiental, dominação e destruição.

O movimento ambientalista deve manter a luta feminista em mente e entender os sucessos e obstáculos do movimento feminista. Se não aprendermos com nossas lutas irmãs, o movimento ecológico estará fadado ao cemitério da política de questão única. Anarquistas ambientalistas não precisam tentar pesar uma luta contra a outra. Todas as lutas são parte da luta anarquista. Como ambientalistas, devemos estar cientes das oportunidades para a libertação das mulheres dentro do ativismo ambiental. Especialmente em regiões em desenvolvimento, a confluência do capitalismo, patriarcado e dominação ecológica se unem para desempoderar as mulheres onde elas correm mais risco de serem prejudicadas por essas estruturas e regimes opressivos. Quando lutamos para manter os recursos ambientais livres do controle privado dos capitalistas, evitamos que esses recursos sejam usados para alienar e oprimir as mulheres nessas regiões. Em nosso mundo cada vez mais global, é ainda mais necessário entender a capacidade de qualquer privação ou dominação em qualquer parte do globo de ter efeitos em cascata sobre todas as outras. O impacto global de desastres e crises ambientais torna cada vez mais impossível para os desfavorecidos sobreviverem a catástrofes repentinas quando já estão em uma situação precária. A

degradação ambiental por interesses corporativos é um ataque direto aos pobres e desfavorecidos que são suprimidos de lutar contra esse terror ecológico.

Como a mudança climática antropogênica ameaça destruir irreparavelmente a vida na Terra, ou pelo menos erradicar toda a vida humana e deixar para trás uma Terra sem nós. As razões para a negação em larga escala em relação aos efeitos, magnitude e certeza dessa mudança e o terrível futuro que isso representa para toda a vida na Terra incluem a enormidade psicológica da questão e a aparente impotência relativa do indivíduo diante da crise global. Nem é preciso dizer que os mais desfavorecidos, pobres, mulheres e aqueles das chamadas regiões "em desenvolvimento" serão e foram os primeiros e mais duramente atingidos por essas transformações iminentes. Já vemos isso na maneira como os desastres climáticos catastróficos hoje estão sendo vinculados às mudanças climáticas antropogênicas. Nesses desastres, a disposição de uma comunidade de ter uma infraestrutura resiliente que proteja todas as pessoas pode ter um efeito dramático na perda de vidas causada por esses desastres. A confluência da negação em relação às causas que levam a esses desastres e a falta de vontade de proteger as pessoas de seus efeitos leva a uma sociedade cada vez mais segregada, que condena aqueles que classifica como povos inferiores à maioria das mortes nessas tragédias evitáveis.

Ariel Salleh, uma ecofeminista prolífica, escreveu sobre o potencial de uma ecoteoria crítica que pode transformar a negação libidinal dos humanos como uma forma incorporada da natureza, um pré-requisito necessário para novas perspectivas sobre mudanças climáticas antropogênicas e futuros potenciais para os humanos em conjunto com o resto do nosso mundo natural. Devemos nos entender como parte integrante do nosso mundo natural e não como observadores científicos objetivos ou gestores de recursos capitalistas. Até que joguemos fora essa falsa separação, nunca resolveremos os problemas que ela causa, incluindo esses desastres climáticos evitáveis. Salleh sugere uma mudança na estrutura do Antropoceno (a era em que a Terra como um todo é afetada pela existência e ações dos humanos) em direção ao androceno. Essa mudança considera o fim do modelo agrícola antropogênico de dominação geológica e libidinal, destruição e mercantilização da Terra como tantos lotes de recursos ou futuros de colheitas para um modelo que encapsula todo ser e não

ser em um esforço para continuar a existência e prosperidade de um mundo natural saudável, incluindo os humanos.

Como uma crítica feminista interseccional, o ecofeminismo fornece ao feminismo uma reavaliação fora da heterodoxia feminista do lugar e das relações de poder entre gênero e espécie. O desgosto como uma reação ao ecofeminismo como dogma essencialista é injustificado e injustificado. A desconstrução que o ecofeminismo requer é o questionamento do que é ser humano, de uma posição construcionista, não essencial. O ecofeminismo não visa rebaixar o feminismo ou as mulheres, mas reposicionar as perspectivas sobre a humanidade como uma qualidade essencial dentro de nossas compreensões de raça, gênero, classe e sexualidade.

Em *The Sexual Politics of Meat*, Carol J. Adams fundamenta os laços do vegetarianismo e do veganismo com a política radical antiopressão e o feminismo inicial. Adams afirma ainda que visões reacionárias contra o corpo vegetariano do pensamento ecofeminista representam uma dominação adicional da mulher pela ortodoxia predominante. Ela aponta para os crescentes movimentos vegetarianos em apoio à Revolução Francesa e entre mulheres que tentam aliviar o jugo opressivo de produzir laticínios intensivos em mão de obra e cozinhar carnes demoradas para suas famílias inúteis. Adams argumenta ainda em favor de uma teoria feminista-vegetariana crítica que centraliza o imperativo ético de considerar os animais como seres que existem para seu próprio bem e a crítica necessária do complexo capitalista-patriarcal que tenta dominar nossa ecologia até a destruição.

O ecofeminismo promete que podemos ir além da estrutura ideológica patriarcal capitalista dominante que está destruindo o mundo como o conhecemos. O fim da propriedade, o fim do patriarcado e o fim do especismo são todos uma luta. Devemos lutar essas lutas irmãs em conjunto e trabalhar em direção a um mundo desprovido de todas as hierarquias. Não há liberdade ecológica sem liberdade sexual e de gênero e não há libertação animal sem o fim da propriedade e da misoginia.

Descolonizando nossas ecologias

Dominação e controle são os temas centrais do ecofascismo cotidiano no ambiente capitalista. A linguagem e os métodos de destruição ambiental refletem a

colonização do império ao longo da história, continuando até o presente. Enquanto lutamos pela independência ecológica do nosso mundo, marchamos em solidariedade aos esforços de descolonização em todo o mundo.

Os movimentos de libertação que lutam para remover a opressão de potências estrangeiras agem em conjunto com nossos próprios métodos e filosofia dentro dos movimentos de libertação da Terra e dos animais. Da mesma forma que os povos oprimidos lutam contra as estruturas dominantes por meio de um pluralismo de ação direta, protesto e discurso eficaz, nós revidamos contra o especismo que subjuga os animais aos humanos. Em uma entrevista com o *Earth First! Journal*, Rodney Coronado, um ativista ambiental de longa data e guerreiro Pascua Yaqui, descreveu a interseção dos movimentos ambientais e anti-imperialistas: "Muito antes do ambientalismo contemporâneo e dos direitos dos animais, havia movimentos de resistência humana lutando pelas mesmas coisas pelas quais lutamos hoje. Pessoas sendo assassinadas por defenderem as mesmas crenças que dizemos que defendemos na EF!" A destruição ambiental que esses imperialistas causaram estava interligada à dominação cultural que buscavam. À medida que extraíam os recursos naturais das terras colonizadas, eles subjugavam o trabalho dos povos que atacavam. Coronado continuou: "os resistentes indígenas foram o primeiro movimento antiglobalização, lutando contra as políticas econômicas e sociais imperialistas dos governos europeus e o impacto que elas tiveram no meio ambiente e em nossas vidas, que eram realmente inseparáveis".

Lutar contra a máquina capitalista nunca é fácil, mas o movimento hoje pode aprender muito com as lutas de pessoas que lutaram antes de nós. Em 1969, um grupo de povos indígenas protestou por meio de uma tomada de Alcatraz, uma ilha em São Francisco famosa por sua prisão. O grupo indígena apresentou ao governo americano uma proclamação exigindo a compra da terra por uma quantia nominal, citando as próprias avaliações do governo americano em acordos indígenas. Embora a terra tenha sido finalmente recuperada pelo governo americano, o protesto durou 19 meses e sua visibilidade levou a resultados diretos para o ativismo indígena e reacendeu os esforços de descolonização. Esses movimentos fornecem um lembrete de como o ativismo pode ser usado para recuperar terras do sistema capitalista. Quando manter o

status quo capitalista se torna caro e impraticável, os movimentos de libertação podem explorar as fraquezas do capital e fazer uma farsa de seu próprio dogma.

Chris Kortright escreveu em um artigo *Colonização e Identidade* sobre os vários temas semelhantes dentro do colonialismo. A força, o domínio e o controle que tipificam as relações coloniais não são diferentes da relação ecológica que os especistas usam para definir a supremacia humana. Kortright discute a capacidade da descolonização como uma prática para ajudar a mover as comunidades em direção a um futuro que reconhece as realidades de um passado colonial, ao mesmo tempo em que remove os sistemas hierárquicos que são necessários para permitir que o colonialismo sobreviva. Descolonizar espaços envolve não apenas uma descolonização do colonizado, mas também do colonizador. Kortright descreve a psicologia e a moralidade do colonizador como uma cultura específica de dominação. Esta é a cultura dominante contra a qual o anarquismo vegano luta. Buscamos substituir a imanência de sistemas hierárquicos de controle e subjugação por uma harmonia transcendente de progresso coletivo. À medida que eliminamos as barreiras que confinam os animais à subjugação, também devemos substituir a estrutura do especismo que permitiu que essa subjugação começasse — devemos eliminar a ideologia colonizadora e a crença no falso individualismo em que se baseia a dominação ecológica.

Dentro da estrutura da sociedade liberal colonialista, a identidade é uma tática de guerra cultural incorporada nas mentes das comunidades colonizadas e de colonos. Mohamed Abdou escreveu sob o nome de Mohamed Jean sobre o poder dessa política de identidade colonial para impulsionar o fascismo cotidiano. Para combater essa identidade, temos que descolonizar e reindigenizar ativamente nossas sociedades e identidades. O especismo como uma estrutura para identidade em classes baseadas em espécies requer esse mesmo senso de identidade de colono. Quando deixamos de lado as armadilhas dessa falsa identidade, podemos transcender as barreiras da hierarquia. A espiritualidade que levou Rodney Coronado em seus esforços de ação direta é uma poderosa promulgação dessa reindigenização. À medida que nos abrimos para identidades não colonizadoras, renascemos o mundo que pode existir livre das falhas do império arruinado.

Desvendar a cultura do carnismo é um primeiro passo para entender nosso próprio especismo. Nós descolonizamos as relações entre animais e humanos buscando soluções ecológicas profundas para nossas crises de destruição climática por meio da libertação animal. As filosofias dentro do guarda-chuva anarquista vegano reformulam nossa visão do mundo para que nosso movimento possa ser centrado em ecologias saudáveis em vez de apenas nos benefícios para a humanidade ou outras identidades liberais. Nossas ações práticas derivadas dessas filosofias colorem como interagimos com o mundo ao nosso redor e promovem nosso movimento.

Parte 2

Contra o Consumismo

O movimento vegano tem sido frequentemente criticado pela esquerda e pelos anarquistas por ser um boicote — um protesto que age totalmente dentro da ética consumista do século XXI sem tentar dismantlar as estruturas de poder que tornam a indústria exploradora. Como anarquistas veganos, nós nos esforçamos para ir muito além dessa crítica superficial. O estilo de vida de dieta e consumo que considera a natureza exploradora dos produtos no mercado é apenas incidental, não central, para a práxis e filosofia do anarquismo vegano. Embora seja verdade que não existe consumo ético sob o capitalismo, pode-se dizer que mesmo sob o capitalismo algumas formas de consumo são mais antiéticas do que outras.

Uma crítica veganarquista do veganismo como um movimento de consumo requer uma compreensão de como os movimentos de consumo inerentemente desempoderam indivíduos dentro de nossas comunidades ao tratá-los antes de tudo como consumidores dentro de uma economia capitalista. Essa estrutura predestina a raiz do problema — o capital. Dentro do paradigma do capitalismo, uma pessoa só é valiosa por suas contribuições ao consumo. Uma pessoa com menos capacidade ou vontade de continuar o ciclo de consumo é menos favorecida pelo sistema, e corporações com operações de consumo em larga escala são mais favorecidas do que as próprias pessoas. No sistema capitalista, uma corporação ganha todos os benefícios atribuídos à personalidade porque é uma consumidora e, como uma grande consumidora, é considerada mais uma pessoa do que muitos humanos. Derrubar o sistema de capital é necessário para tornar o mundo vegano, bem como para torná-lo anarquista. O veganismo sem uma crítica ao fetichismo da mercadoria do carnisismo é apenas uma crítica superficial — uma escolha de sabores, gostos e normas culturais, em vez de uma análise crítica. Com sua rica história de ativismo sindical e força movida pela comunidade, o boicote do consumidor pode ser um meio eficaz de ataque direcionado contra o capitalismo (especialmente o capitalismo localizado), sua falha maior é transformar o trabalhador em consumidor e o ativista em (não)comprador, ao

fazer isso, encobrindo os principais meios de ataque ao capital para a maior parte da periferia.

O que queremos dizer quando dizemos que não existe capitalismo ético? Queremos dizer que formas de resistência que agem dentro do sistema do capitalismo, como boicotes, contrainvestimento ou política eleitoral são controladas pelas restrições do capitalismo e, como tal, são derrotadas antes mesmo de começarem. Para ir além dessas restrições, devemos agir fora deste sistema. Devemos criar as redes e a infraestrutura do anticapitalismo e, ao fazê-lo, mostrar que o sistema do capital é obsoleto e desnecessário. Quando tornamos o capitalismo não lucrativo e quando liberamos as vidas e propriedades que os capitalistas reivindicam, atacamos diretamente o sistema do capital em suas raízes. O capitalismo é baseado nessas reivindicações de propriedade e quando impedimos a violência que justifica essas reivindicações, trabalhamos em direção a um mundo sem capitalismo. Cada vez que libertamos um animal de uma fazenda ou salvamos um animal do abate, lutamos contra as reivindicações desses capitalistas sobre seus corpos e reafirmamos a dignidade individual desses seres.

A prática de tornar os sistemas capitalistas não lucrativos é uma pedra angular da ação anticapitalista eficaz. É a lógica por trás de "jogar uma chave no sistema" incorporada no ato físico de grevistas tornando as máquinas da fábrica inoperantes antes de entrar em greve para impedir uma possível produção contínua sem elas. O chamado "macaco-arrancador" (monkey wrench em inglês) se tornou um pilar da ação anticapitalista e se tornou um grampo de grupos ambientalistas como Earth First! e a frente de libertação animal. Ted Kaczynski descreveu suas primeiras ações como macaco-arrancador e os métodos comunitários predominantes de prevenção da exploração madeireira no noroeste do Pacífico têm sido semelhantes, tornando o capitalismo inoperante. Quando os ativistas da libertação atacam os sistemas de dominação em laboratórios, fazendas e matadouros, eles funcionam como uma contramedida contra o controle sistemático que o sistema de capital exige.

Enquanto como anarquistas e anticapitalistas acreditamos que não há consumo ético sob o capitalismo, como veganarquistas podemos expandir esse ditado para "não há consumo ético, mas algum consumo é pior do que outros". Com isso queremos dizer que mesmo entre escolhas antiéticas, às vezes pode haver uma escolha mais clara

sobre qual consumo é menos ou mais ético, ao mesmo tempo em que entendemos que fazer escolhas limitadas por uma estrutura capitalista tem impactos globais que afetam negativamente os trabalhadores, ecossistemas e processos de produção em todo o mundo, e nenhuma escolha possível existe dentro do capitalismo que seja desprovida de resultados antiéticos. Além disso, em nosso mundo cada vez mais interconectado, muitas vezes é impossível definir o verdadeiro impacto de nossas escolhas. Muitas vezes parece que explorar cada ramificação de nossas escolhas revela contribuições minúsculas para a máquina global que alimenta nossas cadeias de suprimentos destruindo nossos ambientes e desumanizando nossos colegas trabalhadores.

É desse pensamento que surge a necessidade de escolhas veganas. Quando reconhecemos que fazer escolhas veganas para comer alimentos e usar produtos que não são produzidos pela subordinação de corpos e vidas animais é uma escolha consciente contra as indústrias e estruturas que lucram com essa subordinação e a opressão contínua contra os animais que impede a libertação total, entendemos que não estamos, em última análise, fazendo uma escolha que luta contra o capitalismo. Estamos fazendo uma escolha consumista que não é radical, pois existe como uma escolha dentro do capitalismo, e vemos todos os dias que o capitalismo coopta ainda mais essas escolhas ao atender às escolhas de estilo de vida dos veganos ao redor do mundo. Não é em aliança com essas forças capitalistas que os anarquistas veganos fazem as escolhas que fazem, mas sim se opõem às forças que tentam extrair mais-valia das costas e corpos dos animais sem nenhuma consideração por sua existência fora da estrutura do sistema de produção. Acreditar que uma escolha de estilo de vida destruirá o capitalismo é ser cego ao poder que o capital exerce. O capitalismo não fornece escolhas que incluem sua própria destruição, mas sim escolhas que buscam encobrir ainda mais suas próprias contradições. Embora seja importante ser honesto sobre o poder que o capitalismo exerce, os indivíduos também têm poder. Se escolhermos não lutar contra o sistema, fornecemos o suporte que o mantém funcionando. Assim como reconhecemos o poder do sistema capitalista, devemos aceitar que temos a capacidade de mudar esse sistema. Se não lutarmos contra esse sistema, ele explorará nossa não decisão como apoio tácito à sua própria existência. O anticapitalismo como um movimento maior trabalha para desmascarar essas

contradições e acabar com o sistema do capital antes que ele se destrua e nos leve com ele.

Agricultura para todos nós

A estrutura capitalista predominante encoraja uma alienação completa do eu, onde até mesmo os desejos de uma pessoa são reduzidos a questões simplistas desta ou daquela forma de consumo. Se quisermos existir fora e em oposição a esta estrutura, então devemos olhar além das restrições que o capitalismo coloca em nossas possibilidades. Devemos ver nossa interação com o mundo além dos limites das relações de propriedade e, em vez disso, entender nossa unidade com a natureza. Quando interagimos com o mundo como um participante voluntário em sua beleza, apreciamos e somos apreciados por nossa contribuição. As maneiras pelas quais podemos agir em comunidade com nosso mundo natural incluem nutrir nossas ecologias locais, reduzir o impacto negativo do capitalismo em nossas localidades e nos opor às estruturas maiores que continuam a degradação de nossos ecossistemas.

Nosso objetivo é derrubar a estrutura que perpetua a destruição do mundo ecológico, e isso requer ir muito além de colocar a culpa individual nas pessoas por suas decisões dentro da estrutura capitalista. Embora o sistema de capital deixe pouco espaço para escolha, ele também não nos absolve de qualquer responsabilidade por permitir que ele permaneça como tal. Na luta contra o capitalismo, o especismo e outras hierarquias, não há aliados mornos — qualquer um que não se oponha ativamente a essas hierarquias, intencionalmente ou não, dá credibilidade à sua existência contínua. Os estoicos são elogiados por suas filosofias de autodesenvolvimento e alinhamento da ação pessoal com valores internos. Embora as filosofias estoicas tenham sido amplamente cooptadas por movimentos de ultradireita como um meio de atacar pessoas desiludidas em busca de um significado maior, a filosofia fornece uma base útil para a autocrítica que pode beneficiar nosso movimento. A autocrítica e o autoaperfeiçoamento são necessários para um anarquismo acionável que existe no mundo real e busca trazer o anarquismo por meio de cada interação. Quando aceitamos a responsabilidade por nossas escolhas, percebemos que devemos estar cientes não apenas do porquê tomamos as decisões que

tomamos, mas de como essas decisões afetam os sistemas maiores de poder ao nosso redor. Visar destruir esses sistemas de poder por meio de ação deliberada é a única maneira de continuar a luta anarquista. Nunca devemos parar de ponderar a questão de como essas escolhas existem dentro das várias estruturas de lutas contra hierarquias injustas se quisermos ser eficazes em nosso trabalho.

Harry Browne, em seu livro *How I found freedom in an unfree world: a handbook for personal freedom*, discute o profundo senso de desempoderamento que alguém pode sentir ao tentar dedicar todos os seus recursos para criar um mundo livre e, em vez disso, encoraja escolhas pessoais que permitem que alguém viva uma vida sem o peso dessa imensa tarefa. Embora o método de Browne seja útil para evitar o desespero que pode acompanhar qualquer movimento aparentemente fútil, como alcançar a libertação total, para aqueles que não conseguem ficar em paz deixando as injustiças do nosso mundo continuarem, integrar movimentos de libertação em nossas vidas diárias é uma parte necessária de viver uma vida livre. Não buscamos ser livres da responsabilidade de fazer o bem ou evitar a realidade do nosso ambiente atual. Em vez disso, aceitamos que, mesmo que não possamos mudar tudo por conta própria, devemos mudar o que podemos, e sustentamos que trazer essa mudança é uma parte significativa de viver como um indivíduo livre. Não livre da realidade, mas livre por ela e nosso próprio lugar dentro da luta pela libertação. A participação no movimento de libertação pode ser uma escolha definidora tanto pessoal quanto politicamente, e a política, por ser uma demanda pessoal, também buscamos dentro desses espaços de participação que nos permitem nossa própria felicidade, alegria e diversão. O ativismo é um esforço coletivo. O autocuidado é uma parte importante de ser um membro efetivo da equipe coletiva. Sarah Z, em um ensaio em vídeo, falou sobre a participação no ativismo social como ser um membro de um coral cantando uma nota impossivelmente longa: membros individuais fazendo pausas conforme necessário ajudam a criar uma nota muito mais longa e estável do que os artistas poderiam cantar individualmente. Da mesma forma, quando fazemos pausas ou mesmo nos afastamos temporariamente do ativismo, conforme necessário para cuidar de nossa própria cura, criamos uma força coletiva mais forte e resiliente. Estratégias para ativismo social efetivo não vêm às custas da saúde ou satisfação individual, mas trabalham para fornecer objetivos individuais e coletivos.

Para encontrar a felicidade pessoal que seja adequadamente egocêntrica, mas não egoísta, temos que sintetizar nossa felicidade pessoal e nossa política pessoal. Adrienne Brown (intencionalmente sem capitalização) em seu livro *Pleasure Activism* compartilha as alegrias de viver uma vida movida e aproveitar plenamente os prazeres da vida. Ser capaz e estar disposto a fazer o autocuidado necessário para nos mantermos saudáveis e prontos para fazer o bem no mundo é uma pré-condição necessária para nossa práxis. Se não estivermos em uma posição que nos mantenha seguros e saudáveis e, mais importante, felizes, então não estaremos em uma posição forte para ajudar os outros. Adrienne Brown fala sobre o poder de cuidar de nós mesmos, bem como ver nosso próprio prazer como uma forma de práxis. Nosso mundo luta ativamente contra nossos prazeres pessoais por meio de tabus, vergonha e opressão. É radical aproveitar-se plenamente e viver uma vida de alegria. A revolução pode dar muito trabalho, mas também deve ser uma brincadeira. Como Emma Goldberg escreveu em *Living my Life*: “Quero liberdade, o direito à autoexpressão, o direito de todos a coisas bonitas e radiantes”.

Não queremos um anarquismo definido unicamente pelo que somos contra, mas sim uma filosofia viva de vida impulsionada por nosso desejo de criar o mundo que lutamos para implementar. O perigo apresentado pela mercantilização do trabalho, de nossos corpos e de nossas vidas é que, quando somos isolados, tokenizados e comercializados, perdemos nossa individualidade e a suplantamos com a fachada de criatividade que é o consumismo.

A descrição de Marx de um capitalismo à beira da revolução parece cômica, dados os séculos de liberalismo e neoliberalismo dominantes da história recente. Marx claramente subestimou a flexibilidade da burguesia para aceitar e até mesmo abraçar o capitalismo de bem-estar, cooptar estruturas sindicais, gamificar o trabalho e usar a tecnologia para se intrometer totalmente na vida privada e pública. Embora uma crítica superficial possa ver essas mudanças como um reinício no relógio da revolução e nos trazer de volta à era do controle feudal, é claro que as rachaduras no sistema só aumentaram. A insustentabilidade do ciclo de expansão e retração que Engels continuamente apontou é clara. O pesadelo ecológico que o capitalismo causa em nosso ambiente compartilhado não pode ser ignorado. À medida que os trabalhadores

enfrentam futuros mais sombrios e o mundo "fora do capitalismo" encolhe, o sistema se torna cada vez mais canibal. A hora de agir é agora; não há futuro com o status quo. Se quisermos sobreviver, devemos destruir o sistema que existe e construir nosso mundo em suas ruínas.

Há uma história popular compartilhada nos Estados Unidos sobre uma pessoa chamada Johnny Appleseed, que supostamente viajou pelos Estados Unidos plantando sementes de maçãs que brotaram em inúmeras árvores, cujos frutos se tornaram o recheio de tortas de maçã americanas. Fazer uma versão moderna do conto seria absurdo, pois não existe terra na qual o personagem pudesse plantar ou cultivar livremente esses presentes. Em vez disso, se ele quisesse ao menos participar da beleza do cultivo de macieiras, ele poderia ser forçado a vender seu trabalho para a indústria que destruiu essa terra pedaço por pedaço, roubando das pessoas comuns como continua a fazer hoje. Pode não haver lugar para o herói popular Johnny Appleseed em um mundo dominado pelo capital, mas são as pessoas comuns que ele representa que podem tomar o mundo de volta. Quando escolhemos desconsiderar as alegações ultrajantes dos capitalistas que buscam privatizar o mundo, tornamos suas alegações impossíveis de aplicar e não lucrativas de apoiar. Nós estrangulamos as raízes do capital através dos laços fortalecidos dos nossos próprios micélios e cultivamos o mundo que precisamos naquele que eles tentam tirar de nós.

Anna Tsing, em *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*, explora as próprias bordas do capitalismo para entender os efeitos da exploração madeireira industrial no noroeste do Pacífico como o curioso catalisador de um mercado vibrante de cogumelos raros que crescem apenas em ruínas ecológicas únicas e não cultivadas. Ela explora o mundo de possibilidades que a ruína capitalista pode fornecer. Ao destruir a floresta, a exploração madeireira industrial cria o ambiente que permite que o cogumelo matsutake brote. O trabalho de Tsing apresenta um contraste maravilhoso com a desgraça e a melancolia da maioria dos trabalhos que tentam entender os impactos climáticos das sociedades humanas. Ela nos força a considerar nossa própria insignificância dentro de uma ecologia que encontrará maneiras de sobreviver e prosperar mesmo diante de nossos esforços concentrados para destruí-la. Se acabarmos com este mundo, provavelmente o destruiremos para habitação humana e causaremos tragédias para muitas das espécies que dependem do

status quo ambiental atual, mas havia vida antes de nós e provavelmente continuará a haver vida depois de nós.

Comida, não bombas

Os afiliados autônomos do Food Not Bombs formam uma rede solta de ativistas voltados para a comunidade que trabalham para atender às necessidades locais de segurança alimentar, tornando a comida vegana frequentemente reaproveitada ou reapropriada, que de outra forma teria sido jogada no lixo. Ao fornecer serviço de alimentação confiável para comunidades locais, os grupos do Food Not Bombs criam fortes conexões com as pessoas que usam seus serviços. Embora todos os grupos do Food Not Bombs sejam anarquistas e a organização seja política por natureza, alguns grupos se concentram quase inteiramente na distribuição de alimentos, enquanto outros distribuem literatura e fazem propaganda, além deste serviço ou como seu propósito principal.

A natureza política da comida é clara no trabalho dos grupos Food Not Bombs nas ruas e em eventos políticos, garantindo que os ativistas recebam comida adequada, gratuita e vegana. Esse tipo de ativismo, que foi uma marca registrada dos protestos do Occupy Wall Street e tem raízes no movimento dos Panteras Negras e na solidariedade anterior dos trabalhadores, acrescenta resiliência e autonomia a qualquer protesto, pois os organizadores não precisam sair constantemente da área para se reagrupar e obter comida.

Os grupos Food Not Bombs não aceitam doações em dinheiro e, em vez disso, agem completamente fora do sistema capitalista de produção e consumo. Ao subverter esse sistema, os grupos Food Not Bombs causam uma dor dupla ao sistema capitalista. Eles impedem os capitalistas de extrair riqueza dessas pessoas para a entrega de alimentos, bem como para sua produção. O ativismo Food Not Bombs atua diretamente para neutralizar as decisões das cidades de alegar "combater a falta de moradia", combatendo de fato os moradores de rua por meio da promulgação de medidas que são antipobres e prejudiciais às pessoas transitórias. O ativismo Food Not Bombs mantém essas pessoas alimentadas, ao mesmo tempo em que nega aos capitalistas o prazer de lucrar com sua desvantagem.

Uma discussão sobre Food Not Bombs de uma perspectiva anarquista deve sempre considerar tanto sua eficácia quanto sua capacidade de ser verdadeiramente radical. Food Not Bombs faz o que muitos de seus ativistas pretendem fazer, ou seja, fornece segurança alimentar para muitas comunidades locais e fortalece a logística interna dos movimentos de protesto que apoia no local. Mas toda ação carece de poder sem organização, e em termos de efetuar mudanças em larga escala ou paralisar políticas anti-moradia, os grupos Food Not Bombs têm sido amplamente impotentes. A questão em questão não é se Food Not Bombs é ou não uma organização digna, como sem dúvida é, mas sim quais meios temos em mãos para multiplicar o efeito dos grupos Food Not Bombs e radicalizar a mudança que eles podem afetar.

É possível que um grupo Food Not Bombs que buscasse ser verdadeiramente inovador pudesse considerar apoiar esforços de agricultura comunitária ilegal para aqueles que não têm terra e nem comida para cultivar alimentos em propriedades ditas "públicas". Podemos imaginar um grupo que visasse propositalmente os centros lucrativos de varejo de alimentos e mercearias, montando barracas de distribuição e distribuindo folhetos em suas escadas da frente. Um grupo mais radical poderia considerar se infiltrar nas listas de funcionários de redes de supermercados e se recusar a cobrar dos clientes que vieram para obter necessidades básicas como comida. Essas táticas colocariam o grupo e seus membros em situações progressivamente mais perigosas em relação à aplicação da lei e ao sistema capitalista de estado, pois agem para desafiar mais diretamente as leis que privam as pessoas de alimentos.

Um método de longo prazo pode tentar evitar os tipos de confronto que tenderiam a uma escalada da interação com a aplicação da lei e, em vez disso, criar um mundo completamente separado do capitalista ao lado dele. Para tornar o capitalista obsoleto e as formas capitalistas não lucrativas, isso é absolutamente necessário. Embora essas soluções sejam únicas para as necessidades de cada comunidade, é provável que envolvam algum modo que remova a necessidade de propriedade ou território, mesmo como um ato de rebelião.

O movimento Food Not Bombs se tornou um marco do movimento anarquista e provavelmente continuará a evoluir para enfrentar novos desafios. Ativistas enfrentaram prisões por seu trabalho servindo e libertando suas comunidades. Em

certas áreas, os cronogramas do Food Not Bombs são tão conhecidos e confiáveis que seria devastador para a comunidade local se fossem interrompidos. Embora essa situação esteja longe de ser um ideal de comunidades autônomas sem escassez de alimentos, ainda é uma parte vital da solução, ou pelo menos da manutenção da sobrevivência daqueles descartados pelo sistema. Para construir essas comunidades, devemos ir além de alimentar as pessoas e, ao mesmo tempo, continuar a fazê-lo. A política alimentar é uma parte dominante de nossas vidas porque a comida é uma parte tão dominante da vida, e é absolutamente necessário desenvolver essa política alimentar.

Construindo Estruturas Veganas nas Ruínas da Capital

À medida que prefiguramos o mundo que surgirá das ruínas do capital e da exploração, é necessário estar ciente do mundo que pretendemos criar. Essa necessidade é em parte para manter nossa luta em direção a esses objetivos, bem como para sermos autocríticos em nossa análise de nossa própria luta para entender melhor as táticas e também os objetivos. A revolução não é um fim de jogo ou conclusão para a luta, mas um movimento constante em direção a esse novo mundo. Ser resiliente aos movimentos contrainsurgentes das estruturas do capital requer sistemas fortes de solidariedade que existam fora e independentemente do sistema do capital. Construir essas redes é algo que devemos fazer hoje para que estejam prontas e em vigor para quando forem necessárias.

Para manter a mobilidade necessária para estruturas anarquistas e veganas fortes, devemos empregar uma variedade de táticas, incluindo a construção de coalizões de apoio, aumentando a capacidade contínua de movimentos autônomos autossustentáveis e nos preparando para estar prontos para a luta, atendendo às necessidades básicas de nossos ativistas e fornecendo suporte a eles quando necessário. Devemos ser honestos e cientes do poder extremo e da saliência do estado e de suas agências. Em um sentido, pode-se dizer que as previsões de Marx eram falsas, pois o sistema de capital não está fadado ao fracasso e só parece ter aumentado sua capacidade de dominar e destruir desde sua época. Por outro lado, é inteiramente

verdade que as contradições do capital são mais prevalentes hoje do que eram naquela época, e que as lições da análise de Marx são tão relevantes quanto as ferramentas e ideologias que o sistema de capital criou para se defender contra uma possível revolução.

Algumas das estruturas veganas e anarquistas que existem hoje incluem bancos de alimentos e despensas para fornecer suporte às comunidades, muitas vezes em caso de perda de emprego ou emergência financeira repentina (muito comum entre os trabalhadores pobres que compõem as fileiras até mesmo das chamadas economias "desenvolvidas"), hortas comunitárias ou cooperativas que reduzem a dependência da infraestrutura controlada pelo estado e aumentam o conhecimento, as habilidades e a autossuficiência das comunidades locais, e grupos como a rede Food Not Bombs, que fornece ajuda e alívio durante protestos, em momentos de necessidade e em intervalos regulares para construir relações comunitárias.

A rede Food Not Bombs usa suas ações comunitárias como uma oportunidade para também distribuir literatura sobre seu movimento e o de movimentos semelhantes que impactam a comunidade dentro da qual ela existe. Como a rede Food Not Bombs é uma série de nós autônomos, cada grupo tem a capacidade de escolher o quanto focar em propaganda e o quanto focar no ato direto de fornecer alimentos necessários aos membros de sua comunidade que podem não ter tido uma refeição de outra forma. Cada comunidade tem necessidades únicas e essas necessidades podem ser atendidas por nossas próprias estruturas quando nos esforçamos para construí-las. Atender a essas necessidades e continuar a fornecê-las de forma confiável constrói comunidades resilientes que podem suportar as correntes mutáveis dos programas governamentais que têm o potencial de desaparecer com cada mudança de burocrata, político ou notícia.

As vantagens de construir e sustentar essas redes são imensas. Quando políticos ou chefes de estado aumentam tarifas, incitam guerras comerciais ou sancionam pessoas, essas estruturas veganas e anarquistas podem fornecer à comunidade a capacidade de permanecer independente dessas manipulações. Isso dá à comunidade mais liberdade para lutar contra a tirania do estado e se opor aos seus interesses adquiridos quando eles não se alinham com os seus. Além disso, quando os membros da comunidade interagem com esses movimentos veganos e anarquistas, eles veem os

benefícios reais do poder não estatal e a capacidade dos movimentos fora do status quo de atender às necessidades que não estão sendo atendidas e não serão atendidas (frequentemente deliberadamente) pelo estado. A propaganda está na ação e a ação é a propaganda.

Ter estruturas autônomas fortes e diversas, independentes do poder estatal, garante que não estejamos sujeitos aos interesses dos capitalistas. Podemos escolher definir nossos objetivos e gerenciar nossos recursos sem nos importar com lucro econômico ou operar dentro de estruturas legais estatais. Embora as vantagens desses sistemas sejam óbvias à medida que os estados se degradam e durante tempos de conflito aberto entre populações e seus governos, eles têm benefícios concretos para nossas comunidades, mesmo em tempos de relativa calma. Enquanto o capitalismo tenta valorizar cada um de nossos corpos e vidas em seus próprios termos, podemos subverter essa estrutura garantindo que somos capazes de cuidar de nossa comunidade fora desses limites. Ao fornecer remédios, alimentos, roupas para as pessoas sem explorar ou abrir mão da dignidade e do respeito por nossa ecologia, enfraquecemos a compreensão do capitalismo sobre nossa realidade física.

Descentralizando nossas redes alimentares

Precisamos criar hoje o mundo que surge das cinzas do capitalismo para substituir permanentemente o sistema atual. A infraestrutura capitalista e estatal tende à sua própria monopolização às custas das comunidades que poderiam ser melhor atendidas pelas capacidades de distribuição e produção dessas infraestruturas. Após uma "paralisação do governo" em 2019 nos EUA que resultou na suspensão temporária dos chamados serviços "não essenciais", como assistência alimentar e serviços de saúde tribal, escrevi em um artigo para o Center for a Stateless Society: "É absolutamente necessário, como tática, que os anarquistas assumam essas estruturas e forneçam suporte para suas comunidades separadamente e em oposição aos governos que tentam manter a segurança e o bem-estar dessas pessoas como reféns de uma crise fabricada".

Se permitirmos que essas estruturas sejam os únicos caminhos para nossas comunidades cuidarem de si mesmas, fortalecemos o estado e nos tornamos

dependentes de sua benevolência, que sempre virá às custas do trabalho e em benefício do sistema de capital. Quando construímos sistemas independentes e autônomos que existem e trabalham em oposição ao sistema de capital, fornecemos a prova do trabalho a todos que veem a realidade do que os espaços não hierárquicos podem fornecer a eles. Sempre que permitimos que esses sistemas sejam o único caminho para que os trabalhadores obtenham suas necessidades, os deixamos vulneráveis aos caprichos do sistema capitalista que os ataca. À medida que libertamos a nós mesmos e às nossas comunidades criando espaços alimentares autônomos, tornamos o estado obsoleto e fornecemos um caminho claro para um mundo sem governos e sem hierarquias.

Não podemos confiar em estruturas capitalistas para nos sustentar, porque fazer isso seria colocar cada uma de nossas comunidades em risco de ser vítima da guerra de cerco na qual o sistema capitalista internacional tem confiado frequentemente durante a configuração para uma escalada de pressões políticas e militares na nova estratégia de guerra total que começa com a colocação de sanções econômicas em países como a Coreia do Norte e a Venezuela. Quando permitimos que o proletariado nessas nações se torne vítima dos sistemas internacionais que os capitalistas construíram, mas nós não, vemos diante de nós a verdade gritante de que, esteja o mundo ou não "pronto para o anarquismo", podemos ainda não ser anarquistas o suficiente para o mundo.

Construir essas estruturas locais e internacionais é uma parte necessária da nossa luta por estruturas totalmente autônomas que suplantem o capitalismo e o tornem não lucrativo em um mundo onde os sistemas de lucro não são mais a opção normal e única. À medida que construímos essas estruturas por meio do diálogo aberto com as comunidades com as quais interagimos e das quais nos tornamos parte, caminhamos em direção a um sistema de alimentação e vida que é holisticamente anarquista. Essa congruência de alimentação e vida como práxis anarquista é a estrutura crítica para a qual caminhamos quando consideramos futuros anti-hierárquicos que agem propositalmente em oposição ao especismo, classismo, racismo, sexismo e todos os outros ismos contra os quais lutamos. À medida que nos esforçamos para círculos maiores e mais inclusivos de "nós", encontramos novas maneiras de conceituar o mundo que estamos criando e percebemos, por meio de nosso tornar-se liberado, o que significa libertação. Dessa forma, não há linha entre

filosofia, práxis e autocrítica — assim como não imaginamos linha entre anarquismo e veganismo; elas são partes do todo que é a libertação e buscamos entendê-la por meio de sua criação.

Tornar-se autônomo em relação à alimentação cria comunidades resilientes e autossuficientes com o conhecimento para propagar as lições que vêm da prática de cultivar alimentos e resolver as questões de distribuição, logística e inclusão que surgem de uma comunidade disposta e capaz de fazer o trabalho para resolver os problemas que enfrenta. Essas são as perguntas que os sistemas capitalistas se recusam a fazer e trabalham propositalmente contra. Ao resolver esses problemas, removemos os nichos dentro dos quais o capitalismo hoje opera e se autopropaga. Quando fornecemos alternativas ao capitalismo que sejam viáveis e confiáveis, não haverá mais necessidade de destruir o capitalismo, pois ele decairá por pura falta de vítimas para caçar.

Freeganismo e Desperdício

Os “freegans” empregam estratégias para adquirir radicalmente alimentos, roupas, moradia e outras necessidades por meio de escolhas deliberadas para minimizar a participação na economia convencional. Ao fazer isso, eles minimizam o impacto das escolhas do consumidor sobre os animais, o meio ambiente e os trabalhadores do mundo. Os freegans utilizam táticas como “desperdício”, incluindo mergulho em lixeiras e reaproveitamento de objetos e alimentos que, de outra forma, se tornariam resíduos. Ao recuperar esses itens, os freegans reduzem os danos causados por seus resíduos e maximizam o benefício de sua reutilização.

Essas escolhas radicais de apoiar uns aos outros e evitar comprar qualquer coisa o máximo possível são escolhas poderosas para atacar e subverter economias convencionais e o desejo capitalista de superproduzir e consumir em excesso. Warren Oakes, no zine *Why Freegan?*, popularizou o freeganismo como uma crítica e expansão do movimento vegano. Oakes estende as críticas que o veganismo faz sobre ética e consumo em sua conclusão final, perguntando por que deveríamos consumir. Ele termina o zine: “Existem duas opções para a existência: 1) desperdiçar sua vida trabalhando para ganhar dinheiro para comprar coisas que você não precisa e ajudar a

destruir o meio ambiente ou 2) viver uma vida plena e satisfatória, ocasionalmente catando lixo ou trabalhando suas habilidades de autossuficiência para obter a comida e as coisas que você precisa para ficar contente, enquanto pisa levemente na terra, eliminando o desperdício e boicotando tudo. Vai!”

A escolha de viver uma vida deliberadamente anticonsumo e trabalhar conscientemente contra a economia de consumo e os capitalistas que lucram com ela é uma escolha radical que prova, por meio da prática, que é a economia que precisa de nós, e não o contrário. A propaganda capitalista se gaba de fornecer uma série de luxos e consumíveis que melhoram todas as nossas vidas, mas a ética freegan traz essa contradição para o primeiro plano. Se não precisamos consumir, por que precisamos produzir? E se não precisamos produzir, por que trabalhar? Por que cooperar com um estado e uma estrutura que desconsideram a vida humana, animal e terrena? Por que cumprir as estruturas legais que sustentam esses parasitas econômicos?

Os freegans deixam essas questões penduradas no ar para que possam ser vistas nuas na luz. Não há razão para produzir e trabalhar, ou consumir e desperdiçar. Eliminamos a cabeça do capital removendo a cauda. A resposta ao colapso iminente inerente às contradições do capital é recuar e deixá-lo cair. Somos nós que sustentamos o capitalismo e permitimos que ele sobreviva, e se nos deixarmos levar pelas tentações dos pseudoluxos do capitalismo de consumo, então prolongaremos o eventual declínio e morte do capitalismo. O sistema já está em seus estertores de morte e não pode sobreviver sem nós. Percebendo a relação tóxica do capital com o trabalho e do capitalismo com o consumismo, só precisamos recuar e deixar o capital cair sob seu próprio peso.

Frente de Libertação Animal

A Frente de Libertação Animal (ALF) atraiu mais ira e reação das autoridades policiais do que qualquer outro grupo ativista pelos animais, sem dúvida devido às suas campanhas de enorme sucesso para lutar sem remorso contra a tirania das classes proprietárias e a hierarquia injusta imposta pelos supremacistas que sustentam que os animais são propriedade a ser usada e abusada em benefício da classe burguesa.

O sucesso da ALF fornece uma estrutura para ação direta e propaganda eficaz à medida que avançamos na construção do mundo livre que imaginamos, e as táticas utilizadas pelo estado e pelas forças capitalistas para derrubá-los também merecem consideração e análise adicionais. A ALF é geralmente categorizada em duas alas independentes e não comunicativas, consistindo principalmente de uma assessoria de imprensa e organização de defesa legal voltada para o público e orientada para a propaganda, e outra ala que geralmente é considerada como contendo todos os grupos de ativistas de ação direta, autônomos e díspares que trabalham no local para sabotar, subverter ou neutralizar as operações estatais e capitalistas que impedem a libertação de animais. A vantagem dessa pseudoestrutura de duas asas é proteger os membros da ALF voltados para o público, ou seja, assessores de imprensa, advogados e outras posições administrativas que lideram a propaganda, as relações públicas e a proteção legal de serem acusados de extorsão ou outras acusações de conspiração por auxiliar ou apoiar a ação direta de seus camaradas ativistas autônomos no local.

O livro *Life During Wartime: Resisting Counterinsurgency* é um texto definitivo que analisa a transferência de modelos de policiamento de guerra de volta para o policiamento doméstico dentro dos Estados Unidos e o uso da doutrina de contrainsurgência do General David Petraeus por autoridades policiais locais, estaduais e federais para subverter e neutralizar as ameaças ao status quo representadas por grupos ativistas dentro dos Estados Unidos. Nele, Jenny Esquivel escreve o ensaio “*Building Conspiracy: Informants in the Case of Eric McDavid*” narrando a continuação das estratégias do COINTELPRO em infiltrar, provocar e coagir ativistas do movimento verde e dos animais em situações de risco que resultaram em sua eventual captura e silenciamento desses ativistas (em troca de retirar ou reduzir acusações exageradas) por meio de ação legal, ao mesmo tempo em que semeavam as sementes da discórdia que mais tarde seriam colhidas pelos agentes da lei ao fazer com que alguns ativistas se voltassem uns contra os outros na confusão de suas prisões e auxiliassem a acusação. O ALF Press Office mantém uma pequena lista de alguns desses e outros agentes, infiltrados e informantes em seu site.

O pessoal da aplicação da lei tem consistentemente aumentado os esforços para infiltrar e derrubar movimentos anarquistas, e tem dado foco particular aos grupos de direitos dos animais. Os think tanks do governo e da polícia têm postulado que os

grupos de direitos dos animais e grupos de conservação formam um ponto de partida crítico para as filosofias anarquistas. No mínimo, sua própria literatura mostra que o anarquismo como uma ideia e a ação direta como uma tática são imensos problemas para o estado. Movimentos sem liderança são difíceis de derrubar e grupos de afinidade geralmente levam anos de trabalho para se infiltrar. Táticas defensivas fortes podem ajudar a prevenir ou detectar a infiltração, mas a verdade é que qualquer grupo tem vulnerabilidades. Manter células autônomas totalmente separadas é uma parte importante da manutenção do anonimato de movimentos maiores e da resiliência a agentes provocadores e informantes. O pessoal da aplicação da lei citou especificamente a tendência dos anarquistas em direção a uma base forte na teoria anarquista e postura defensiva contra a infiltração como fortes barreiras para a coleta de informações. As táticas mais eficazes de aplicação da lei tendem a exacerbar divisões ao longo de linhas de política de identidade liberal ou métodos de práxis e explorar vulnerabilidades existentes por meio de ativistas que usam drogas ou fortalecem líderes misóginos hipermasculinos. Em última análise, o anarquismo como prática é a maior defesa contra a infiltração policial e o poder do estado. Ao trabalhar como anarquistas e fortalecer nossos laços de comunidade, podemos prevenir essas vulnerabilidades e criar comunidades mais resilientes.

À medida que nos organizamos em nossas diversas afinidades, estar pronto para nos opor e denunciar instâncias ou pessoas quando elas causam danos é essencial para manter a integridade de nossos movimentos. Unidade de esquerda sem uma compreensão definitiva do que são movimentos radicais ou esquerdismo é política de identidade desinformada. Courtney Morris aborda em seu ensaio *Why Misogynists Make Great Informants* como um líder em vários movimentos radicais, Brandon Darby, foi revelado como um informante do FBI e testemunhou em nome do governo no julgamento de fevereiro de 2009 de dois manifestantes da Convenção Nacional Republicana. Morris aponta quantos membros desses movimentos tentaram se manifestar contra a misoginia flagrante de Darby e seu estilo agressivo e dominador, mas foram silenciados e, por fim, alienados. Taticamente, ser cauteloso com membros ativistas e garantir que a verificação seja um processo contínuo de compreensão e promoção do pensamento radical permite que nossas redes permaneçam resistentes à infiltração por subversão de baixo esforço de equipes de aplicação da lei. Quando

permitimos que os membros estejam acima das críticas, seus egos se tornam o principal impulso de suas políticas e o movimento se torna dependente dessa egomania. Essas mesmas escolhas para sustentar líderes carismáticos em vez de promover as necessidades de seus membros dividiram o Partido dos Panteras Negras e vários outros movimentos. Morris argumenta que esses atores, provocadores do governo ou não, promovem o trabalho do estado ao perpetuar a opressão dentro de movimentos supostamente radicais. Defender ou desculpar o ódio ou a autoridade dentro de ativistas e líderes do movimento enfraquece nosso radicalismo e apoia as opressões que pretendemos nos opor.

Em um depoimento perante o Comitê Judiciário do Senado, entregue em 18 de maio de 2004, John E. Lewis, Diretor Assistente Adjunto do Federal Bureau of Investigation (FBI), afirmou que "[n]os últimos anos, a Frente de Libertação Animal e a Frente de Libertação da Terra se tornaram os elementos extremistas criminosos mais ativos nos Estados Unidos". Essas palavras ecoam a declaração anterior em 6 de fevereiro de 2002 por Dale L. Watson, Diretor Assistente Executivo da Divisão de Contraterrorismo e Contraineligência do FBI, testemunhando perante o Comitê Seletor do Senado que "[n]os últimos anos, a Frente de Libertação Animal (ALF) — um movimento extremista pelos direitos dos animais — se tornou um dos elementos extremistas mais ativos nos Estados Unidos". A seriedade da ameaça que a ALF representa para o status quo está sendo enfrentada com toda a força das agências de aplicação da lei do estado em uma tentativa de continuar a controlar as vidas de animais não humanos e dos humanos que vivem ao lado deles. Devemos nos solidarizar com a ação direta desses ativistas pelos animais se quisermos ver um futuro em que suas estratégias de libertação não sejam retratadas de forma ridícula como atividades terroristas.

Quem é você, realmente?

Claramente, o domínio da vida dentro do sistema capitalista pressiona as pessoas a evitar uma vida anarquista ou veganarquista. Se alguém aceita que usar produtos feitos de animais é antiético e deve ser evitado, mas teme as ramificações sociais de tornar essas mudanças visíveis e trabalhar em direção a um mundo sem

especismo, é suficiente ser vegano apenas em privado? Alguém pode ser um anarquista privado?

Há uma piada que Salvo J Zizek relembra em *A Peste das Fantasias* sobre o imperativo para todas as crianças em idade escolar imitarem a diretriz pessoal de Lenin de "Aprender, aprender, aprender" e estar constantemente lendo, que diz "Marx, Engels e Lenin foram questionados sobre o que preferiam, uma esposa ou uma amante. Marx, cuja atitude em questões íntimas é bem conhecida por ter sido bastante conservadora, respondeu: 'Uma esposa'; Engels, que sabia aproveitar a vida, respondeu, é claro, 'Uma amante'; a surpresa vem com Lenin, que respondeu 'Ambas, esposa e amante!' Ele se dedica a uma busca oculta de prazeres sexuais excessivos? Não, já que ele explica rapidamente: 'Dessa forma, você pode dizer à sua amante que está com sua esposa, e à sua esposa que está prestes a visitar sua amante...' 'E o que você realmente faz?' 'Aprender, aprender, aprender!' ” Enquanto a piada zomba do impulso singular de Lenin, ela é apresentada neste contexto para zombar de uma variação da pergunta anterior: Alguém pode ser um veganarquista privado? Inequivocamente, dizemos não! Aceitar que os animais merecem consideração ética e ficar sentados enquanto são tratados como objetos e comercializados como mercadorias seria a maior vulgaridade. Não podemos simplesmente dizer em privado que apoiaremos os animais, mas apenas fazê-lo quando for social, profissional ou logisticamente conveniente.

Se fôssemos veganos apenas onde for conveniente e inofensivo, ou tivéssemos esperança privada pela libertação animal, mas não fizéssemos nada para promover essa luta, então nos autoimporíamos a prisão de escolhas prescritas que o estado e o capitalismo visam impor. Há um velho ditado anarquista que diz que o autoritário final a ser removido é aquele em nossa própria mente. Quando internalizamos o pensamento autoritário a ponto de nos autopoliciarmos, nos tornamos a "última milha" do braço do estado. Lutar contra a hierarquia imposta pelo estado envolve aceitar a rebelião pessoal contra essa mentalidade autoritária. Lorenzo Kombo Ervin alertou sobre o perigo da complacência de esquerdistas brancos cujo apoio veio por meio de palavras, mas não de ações no artigo *Esquerdistas Autoritários: Matem o Policial em Sua Cabeça!* Ervin argumentou que esses autoritários estavam traindo a luta contra o fascismo ao exibir as mesmas tendências contra as quais se manifestavam. Quando oferecemos simpatias

vãs sobre a situação dos animais sob a máquina agrícola, mas não fazemos nada para apoiar sua luta, agimos em apoio à mesma máquina. Por nossa inação, consentimos com a destruição de nossa ecologia e o abate de nossos semelhantes animais para lucro privado. Além disso, Ervin discute o estado-nação como um veículo para a supremacia branca que permite que cada membro lucre com a pobreza de nações oprimidas. Da mesma forma, se afirmamos desejar a libertação animal, mas continuamos a lucrar com os corpos de animais usados para trabalho, experimentação e consumo, apoiamos o modelo supremacista que depende da subjugação dos animais como classe.

Não há separação entre o privado e o público. Em uma palestra pública na European Graduate School em Malta, Žižek argumentou que, na realidade, a persona pública é a pessoa mais "real" do que a moral privada ou as justificativas que as pessoas discutem com seus confidentes próximos. No final das contas, a persona pública é aquela que interage com o mundo exterior e causa um impacto real, e todo o resto é apenas uma fantasia. Não podemos justificar a manutenção do status quo nos escondendo dentro de uma versão fantasiosa autoconstruída de nós mesmos que age de acordo com nossa ética. Nossa ética se reflete em nossas escolhas e as racionalizações que fazemos depois do fato são circunstanciais dessas escolhas. A realidade prática do anarquismo vegano é que devemos promover a luta pela libertação animal por meio de nossas ações. Devemos lutar em todas as frentes para garantir que os animais tenham a liberdade de brincar e viver dentro das ecologias saudáveis que merecem.

Culinária Ativista

A culinária vegana cura almas, torna as comunidades inteiras e une as pessoas ao radicalizar nossas cozinhas, mesas e gastronomias por meio da prática holística e totalmente intencional que utiliza cada parte da crítica anarquista. Para viver como um anarquista completamente, precisamos funcionar dentro do mundo real, fazendo mudanças reais e comendo comida de verdade. Ao elaborar refeições que são intencionalmente antiespecistas e que buscam incluir variedades de culturas, origens e fontes de alimentos, podemos unir comunidades diversas e fortalecer os laços de nossos grupos de afinidade.

Ao participar de nossas comunidades e fortalecer nossos laços por meio de refeições intencionalmente inclusivas e veganas, oferecemos locais de encontro para discussões, círculos ativistas e grupos de ação que são necessários para levar nosso movimento ao próximo nível. Ao nos envolvermos e uns aos outros neste diálogo aberto e praticar a arte do autocuidado e do cuidado comunitário, cultivamos comunidades saudáveis e unidas que se tornam a rede de segurança necessária para derrubar o sistema do capital.

O capital busca alienar os trabalhadores de seu trabalho e as mercadorias de sua produção. Quando escolhemos criar espaços comunitários para interação e crescimento que são anticapitalistas, fortalecemos as redes que protegem nossas comunidades dos ataques da classe capitalista. Os locais de reunião e restaurantes onde escolhemos nos reunir são constantemente vulneráveis às invasões do estado.

O sistema de capital é tão integrado ao estado que é impossível, em restaurantes comerciais e estabelecimentos sociais, evitar o poder do estado. Todo estabelecimento comercial está sujeito às restrições de operar dentro do sistema de capital. As apólices de seguro, conformidade regulatória e controle do estado são visíveis em todas as partes de um estabelecimento comercial. Quando escolhemos nos reunir comunitariamente em espaços não comerciais, como nossas casas, quintais, ruas, garagens, parques e áreas de piquenique, lutamos contra a dependência que o estado espera gerar.

No momento em que escrevo isso, muitos estados ao redor do mundo estão reagindo à pandemia da COVID-19 por meio de medidas que incluem restringir viagens, fechar restaurantes comerciais para refeições e proibir reuniões de grupos de pessoas. Neste momento, os luxos de cozinhar se tornam uma das necessidades básicas para a sobrevivência, pois os supermercados enfrentam fechamentos e escassez e muitos enfrentam quarentena parcial ou forçada. Ao transformar essas necessidades básicas em luxos, o capitalismo nos força a nos tornarmos dependentes dele para sobreviver, e estamos à sua mercê para descartar à medida que nos tornamos desnecessários. Durante esses tempos, a força que nossas comunidades podem trazer por meio de programas de ajuda mútua e autocuidado e cuidados comunitários são inigualáveis e, em muitos casos, essenciais para a sobrevivência em uma situação em que o estado se mostrou incapaz e não disposto a ajudar.

Comer e cozinhar juntos cria laços que fortalecem comunidades e reforçam nossas redes. Cozinhar e comer juntos é uma ferramenta poderosa para grupos ativistas mostrarem solidariedade e criarem afinidade com comunidades adjacentes. Ao compartilhar nossas forças e aproveitar a companhia e o prazer dos outros, liberamos o trabalho para ser usado em outras circunstâncias e reduzimos nossa dependência dos sistemas capitalistas e estatais. Uma cozinha forte e um espaço de alimentação comunitário podem trazer a uma comunidade um lugar que fornece um descanso das forças capitalistas externas. Ao criar espaços que permitem que as pessoas existam sem consideração por seu lugar nos ciclos de produção da máquina capitalista, atacamos os fundamentos da relação de trabalho.

Em seu livro *Food Politics*, a nutricionista Marion Nestle discute como a subjugação social das mulheres como uma classe de donas de casa permitiu que as famílias nucleares burguesas e lumpen-proletárias mantivessem dietas saudáveis porque havia alguém para cozinhar refeições em casa e assumir as responsabilidades de planejar e preparar essas refeições. Além disso, como as políticas neoliberais corroeram a capacidade das famílias trabalhadoras de prosperar com rendas únicas (um luxo que dependia em grande parte da subjugação do trabalho e dos recursos globais nos anos do pós-guerra), essas famílias se veriam com menos tempo para se dedicar à preparação de refeições e gravitariam em direção aos alimentos processados e lanches preparados que a indústria estava mais do que disposta a fornecer. Afastar-se do sonho liberal da domesticidade suburbana nos permite radicalizar o processo de nos alimentarmos. Podemos trabalhar em comunidade para nos sustentar e participar do poder de independência que compartilhar refeições proporciona.

O trabalho com alimentos e cozinha é frequentemente desvalorizado pelo sistema de capital e usado para explorar trabalhadores que recebem pouco ou, em muitos casos, nada em casa, em troca de um trabalho inestimável. Para comunidades que valorizam todos os seus membros e todo o trabalho, usar alimentos e cozinha como uma forma de ajudar a fortalecer a comunidade ao participar em espécie dessas experiências compartilhadas e compensar as contribuições de nossos cozinheiros, produtores, fornecedores e transportadores é nossa chance de mostrar a essas pessoas o quanto as valorizamos. Ao elevar esses papéis, participamos da igualdade e dos ideais

compartilhados de uma cultura progressiva. Ao retornar seu valor por meio das obrigações sociais que existem fora do sistema de capital, exercemos nossa própria independência e autonomia.

Esses grupos comunitários veganos naturalmente cedem a discussões sobre as origens dos alimentos na mesa e podem se tornar redes fortes para encontrar soluções locais para obter alimentos que seriam difíceis de localizar sem o esforço combinado de vários comedores focados. Ao criar um centro forte e solidário para informações e uma comunidade pronta para responder às necessidades de seus membros, fortalecemos nossos laços de camaradagem na luta contra o sistema do capital.

Alimentos que você não consegue engolir — Por que os alimentos capitalistas matam

Hipócrates, considerado o fundador da medicina ocidental como profissão, considerava o estilo de vida e a dieta como essenciais para uma boa saúde. Embora o ditado "que o alimento seja seu remédio e o remédio seja seu alimento" seja frequentemente atribuído erroneamente a Hipócrates para apoiar essa conclusão, não há dúvida de que alimentos saudáveis são um componente vital para uma vida saudável. Como a escassez de alimentos continua sendo uma crise de alocação fabricada, áreas onde a escolha de alimentos é relativamente abundante frequentemente se tornam vítimas de seu próprio sucesso. O alto teor de gordura e açúcar de alimentos altamente processados tendem a parecer alternativas baratas ao processo caro e demorado de cozinhar em casa. Na verdade, uma simples comparação de calorias por unidade de custo geralmente levará alguém para longe dos alimentos frescos e em direção aos corredores processados de um supermercado. Nosso sistema capitalista tardio de produção de alimentos no varejo se concentra fundamentalmente em impulsionar a fidelidade à marca por meio do canal de aditivos e intensificadores alimentares baratos e viciantes para esticar cada dólar de insumo de produção por meio de práticas totalmente fraudulentas.

Upton Sinclair escreveu em seu romance de exposição sobre a indústria de empacotamento de carne de Chicago descrevendo os horrores da máquina que tritura

animais e trabalhadores sob seu peso na busca pelo lucro, escrevendo que os empacotadores de carne "usam todas as partes do porco, exceto o guincho". Sinclair escreve ainda sobre os vários métodos que a indústria alimentícia usou para inflar seus lucros vendendo produtos adulterados sob falsos pretextos. Ao usar substitutos e enchimentos, a indústria alimentícia enche seus bolsos, muitas vezes arriscando a saúde e a segurança de seus clientes. Um relatório do Congressional Research Service de 2014 sobre fraude alimentar motivada economicamente aponta para uma variedade de alimentos, incluindo mel, carne, sucos de frutas, alimentos orgânicos e café como alvos comuns. Além disso, o relatório afirma que a maioria das fraudes alimentares motivadas economicamente não é detectada a menos que alerte as autoridades de saúde pública, e que a fraude alimentar mais comum é substituir um produto de alto valor por uma alternativa mais barata ou de qualidade inferior. Além dos comportamentos diretamente fraudulentos observados no relatório, ainda mais prevalente é o uso de enchimentos listados, derivados e alternativas baratas para reduzir os custos de produção. Mais insidiosa é a ciência do engano empregada na rotulagem de produtos alimentícios para cumprir com termos regulamentados pelo governo, como rotular um "suco com sabor de fruta" em oposição a um "suco de fruta" ou um "xarope" com uma folha de bordo adjacente em oposição ao termo mais fortemente regulamentado "xarope de bordo" (e conseqüentemente reduzindo ou mesmo eliminando a exigência legal de que "suco de fruta" ou "xarope de bordo" real esteja no produto). À medida que a linguagem redefine a linguagem e esses identificadores simbólicos fortemente comercializados reduzem o significado a nada, nossa comida se torna cada vez mais alienada da experiência à qual presta homenagem de marketing. O fim lógico desse caminho ridículo pode ser que cada produto alimentício seja a mesma mistura de amido de batata e xarope de milho rico em frutose com uma imagem de marketing diferente para evocar a memória do que aquele produto costumava ser.

Embora a ação legislativa dos EUA contra a fraude alimentar motivada economicamente pareça lenta, uma área em que a fraude alimentar atraiu alguma atenção é no papel de um suprimento de alimentos transparente e seguro como uma questão de segurança nacional. Claro, onde a transparência é necessária é apenas entre o estado-governo-inteligência e o estado-corporativo, não transparência para o público

ver a extensão desse engano corporativo. Garantir o suprimento de alimentos como um objetivo de defesa tem sido usado há muito tempo para justificar os programas do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) que fornecem bem-estar corporativo às comunidades agrícolas. Esses subsídios, que são naturalmente consumidos quase inteiramente pelos fazendeiros corporativos bem relacionados e dotados de capital, alegam conservar as capacidades de produção de alimentos da terra, fornecendo os suportes de capital para impedi-los de serem removidos da indústria agrícola. O livro de Sarah Milov *The Cigarette: A Political History* descreve como a realidade desses suportes do USDA consolida amplamente as estruturas sociais de controle e privilégio, tornando-se commodities econômicas em si mesmas, à medida que os beneficiários capturam os mercados econômico e regulatório e os usam para empobrecer os fazendeiros pobres e de subsistência presos na servidão por dívidas.

A fundadora do Decolonial Cooking Club, Luz Calvo, descreve sua abordagem à alimentação saudável como um meio radical de adotar alimentos que raramente recebem atenção em um mundo voltado para a produção com fins lucrativos. Ao explorar alimentos tradicionais e resgatar o conhecimento ancestral, podemos explorar os limites do que a comida pode significar para as comunidades e o poder de ter experiências culturais profundamente enraizadas historicamente. Além disso, a produção e a preparação de alimentos fornecem um meio prático e complexo para desafiar papéis de gênero e expectativas de classe. A produção capitalista de alimentos é altamente dependente do trabalho de povos oprimidos e da destruição de ecologias saudáveis. As culturas comerciais substituem ecossistemas diversos e equilibrados e a terra se torna outro resíduo da mega-máquina. Calvo descreve um paradoxo de saúde latino/a em que os imigrantes latino/a são mais saudáveis do que seus equivalentes de status socioeconômico equivalente, mas com o tempo, à medida que suas dietas evoluem para atender às expectativas e limitações do deserto alimentar urbano americano, essas vantagens de saúde se desgastam e eles se tornam vítimas dos mesmos problemas de saúde pública que afligem os trabalhadores pobres não imigrantes.

Em seu livro *Unsavory Truth*, a nutricionista Marion Nestle discute a confluência de fatores, incluindo a perversão econômica da ciência, a influência esmagadora do marketing nas escolhas alimentares, parcerias perversas entre governo

e corporações e o esforço em busca de lucro para criar os produtos mais viciantes pelo preço mais barato, sem se preocupar com as consequências, se unindo para destruir a saúde nutricional das pessoas hoje. Ela descreve como os cientistas sociais, a partir da década de 1980, têm sido capazes de prever por meio de um "efeito de financiamento" os resultados de um estudo simplesmente sabendo a identidade do patrocinador do estudo. Além disso, ela explica os programas de checkoff do USDA, uma série de conselhos específicos da indústria (financiados em comum por fundos pagos por produtores de alimentos por peso de produto alimentício), com o propósito explícito de aumentar a demanda por commodities agrícolas. A pesquisa financiada pelo Checkoff, bem como a pesquisa financiada pela indústria, fornece um contrapeso à pesquisa que mostra as "verdades desagradáveis" da indústria que, de outra forma, poderiam permanecer incontestáveis. Ao introduzir confusão e atrair atenção desproporcional para pequenos segmentos de pesquisa, esses estudos financiados pela indústria são usados para criar a ilusão de ciência contestada.

Assim como essa superestrutura de parcerias público-privadas concentra riqueza e poder nas mãos de elites ricas em comunidades rurais, as áreas urbanas transformam comunidades pobres em colônias modernas de oligarcas urbanos ricos. Enquanto os fazendeiros se deslocam para áreas urbanas para promover seus produtos em comunidades ricas que têm os recursos para atrair mercados de fazendeiros para sua já vasta variedade de escolhas, os pobres urbanos compartilham o fardo de poucos e inconvenientes suprimentos de alimentos localizados conectados por um sistema logístico terrivelmente deficiente. O fenômeno do deserto alimentar, onde comunidades rurais e urbanas podem encontrar as únicas fontes de alimentos disponíveis para serem fast-food insatisfatório e pouco saudável ou pequenos lanches que são eficientes em custo por caloria, mas ineficientes em custo por nutrição, é muito comum em um sistema logístico que não visa atender a todas as comunidades.

Embora a falta geral de acesso a alimentos em desertos alimentares seja a característica que leva a lojas de conveniência pouco saudáveis como a única opção para muitos moradores, simplesmente adicionar um supermercado ou mercearia a um deserto alimentar não parece produzir o resultado pretendido de desenvolver redes alimentares fortes. Fundamentalmente, adicionar um novo supermercado fez muito pouco para mudar as opções de alimentos saudáveis disponíveis para famílias

individuais e teve um impacto perceptível apenas na redução dos preços dos concorrentes. Essa pressão descendente sobre os preços em alguns casos teve o efeito deletério de levar ao fechamento de lojas e aumentar a consolidação no novo supermercado centralizado. O fenômeno do deserto alimentar resulta de uma combinação de preços de alimentos, transporte e logística urbana e da concentração de locais de fast-food em áreas de desespero econômico. Se a questão é, por um lado, uma questão econômica sobre as escolhas disponíveis para populações desfavorecidas e, por outro lado, uma questão de saúde pública sobre o fornecimento de alimentos frescos saudáveis, a política social dos desertos alimentares continua sendo outra face da hierarquia de classes do capitalismo. Essas mesmas comunidades são, na maioria das vezes, as últimas a receber apoio do estado e as que ficam se esforçando para encontrar maneiras de atender às suas necessidades em um sistema que conspira para roubá-las para enriquecer ainda mais as "boas partes da cidade". O gueto urbano se torna a colônia da elite urbana, para onde os trabalhadores, servos e trabalhadores vão passar a noite depois de trabalhar o dia todo para que os ricos possam descansar em luxo mimado.

Essa subjugação de ricos e pobres e exploração por meio de empobrecimento deliberado e engano dentro de comunidades geográficas é espelhada por uma relação semelhante entre a indústria e o público consumidor. A indústria como classe age somente para seu próprio benefício, ignorando o dano que causa até mesmo aos membros individuais que trabalham em seu nome. A loucura do dogma capitalista é que ele requer que uma pessoa aja contra seu próprio interesse e trabalhe para criar um mundo que seja prejudicial a ela, fazendo isso fornecendo apenas outras pseudoescolhas mais terríveis como alternativas. O capitalismo como ideologia é totalmente consumidor; requer que as pessoas trabalhem para enriquecê-lo e, então, as empobrece em troca de seus trabalhos contínuos. As recompensas pelo trabalho dentro do capitalismo são mais trabalho e uma fatia relativa menor do bolo.

Grupos científicos, universidades e associações acham impossível ignorar o fascínio do investimento de capital, pois ele fornece o único meio de apoiar seus outros esforços. A Organização Mundial da Saúde teve problemas com seus próprios compromissos com a neutralidade da influência da indústria privada, e Marion Nestle observa que, quando perguntados por um grupo de pesquisa sobre obesidade na

Universidade de Harvard sobre como lidar com o apoio de empresas alimentícias, eles não estavam dispostos a entreter a noção de rejeitar o financiamento, e apenas esperavam que a transparência pudesse manter o prestígio de sua posição, mesmo reconhecendo que isso distorceria sua ciência.

Além disso, dentro de uma matriz agrícola cercada por suportes de preços, cotas governamentais, tarifas e limites de importação, o poder estatal desempenha um papel importante na orientação do poder agrícola, e a mão poderosa da indústria agrícola muitas vezes não pode ser separada daquela dos reguladores agrícolas estaduais. Os lobbies de alimentos jogam jogos políticos poderosos e usam inúmeras estratégias estatais para afetar seus resultados financeiros. Ao controlar o acesso regulatório aos benefícios em todas as etapas da produção, distribuição e financiamento de suas operações, os gigantes agrícolas conseguem dominar cada vez mais seus concorrentes menos experientes politicamente (ou poderosos). Como as margens para agricultores individuais são tão estreitas, os conglomerados com equipes contábeis e jurídicas extremamente eficientes conseguem se estruturar para tirar o máximo proveito desses suportes governamentais e consolidar ainda mais seu próprio poder enquanto seus pequenos vizinhos rurais vendem seu futuro produto esperado (com um grande desconto) em troca do dinheiro para pagar suas dívidas por equipamentos e suprimentos agrícolas. Os vencedores da última temporada sorteiam para esta temporada, e assim por diante. Além disso, em escala internacional, os lobbies da indústria desempenham um papel poderoso em influenciar atores estatais a pressionar órgãos internacionais como a Organização Mundial da Saúde. Grupos de lobby do açúcar dentro dos países argumentam ainda mais com seus legisladores que remover os apoios de preços dentro do país seria economicamente perigoso enquanto outros países se mantêm firmes em seus próprios produtores. Assim, a indústria usa sua última corrupção para justificar sua próxima corrupção, enquanto seus concorrentes pobres se endividam mais e o público em geral suporta o peso de suas decisões ecológicas e de saúde pública. Fundamentalmente, as corporações que fabricam alimentos não valorizam sua existência como um ser vivo, mas apenas sua existência como um consumidor. Se vender a você seus alimentos viciantes e extremamente comercializados quando criança o condenará a uma morte prematura,

que assim seja, contanto que você continue sendo um cliente pelo resto de sua curta vida.

Ajuda mútua, uma necessidade biológica

A *Origem das Espécies* de Charles Darwin expôs, em termos facilmente digeríveis, as ideias básicas de sua teoria evolucionária da seleção natural. Darwin definiu a competição pela existência em "um sentido amplo e metafórico, incluindo a dependência de um em relação ao outro". O potencial para a sobrevivência evolucionária é avaliado em uma base coletiva e depende da capacidade de um grupo de atender aos requisitos dos nichos ecológicos disponíveis. Darwin reconheceu o benefício ecológico das relações mútuas de uma população para sua própria sobrevivência evolucionária e o sucesso evolucionário que vem com ser o melhor ajuste para os nichos ecológicos disponíveis. A decisão de trabalhar em comunhão com nossos parceiros ecológicos é de ajuda mútua e sobrevivência. Apoiamos nossos ambientes e outros animais em solidariedade para nosso benefício coletivo.

A imagem de sobrevivência mútua que Darwin apresenta foi distorcida muitas vezes para promover ideias de superioridade racial, dominação social e mandatos ecologicamente destrutivos, muitas vezes agrupados sob o guarda-chuva do darwinismo social. Os darwinistas sociais usaram as palavras e ideias da biologia para apoiar estruturas existentes de hierarquia e emprestar uma vantagem falsamente científica para solidificar os preconceitos existentes de seus apoiadores. Jordan Peterson escreveu em *12 Rules for Life* sobre sua crença de que as lagostas exibiam relações sociais baseadas em hierarquias extremas como resultado de seus vários graus de resolução de conflitos. O exemplo de Peterson não é exclusivamente hipócrita para um darwinista social, mas apresenta um estudo de caso útil para a maneira como a ciência pode ser usada como arma para fins não científicos. O livro de Peterson é claramente destinado a fornecer cura psicológica para seus leitores e não está necessariamente preparado para fazer julgamentos sobre como os animais interagem entre si, mas ainda é necessário rejeitar essa noção para evitar que seja mal interpretada ainda mais. Usar sistemas de valores e julgamentos sociais distintamente

humanos para entender as interações entre animais nos cega para toda a amplitude de conhecimento que podemos obter ao observar e aprender com os animais.

Como o propósito de uma medida é diferenciar entre resultados, medidas objetivas podem ser difíceis de elaborar, mas nosso objetivo deve ser obter informações significativas da escala e variância das diferenças. Elaine e Harry Mensh conduziram um exame exaustivo dos problemas com testes de inteligência em humanos e a dificuldade de desenvolver testes justos em termos de cultura. Se é tão difícil desenvolver um entendimento dentro de nossa espécie, desenvolver esse entendimento entre espécies provavelmente também será difícil. Os mesmos problemas assolam ambos os problemas: como avaliamos a diferença e ao mesmo tempo garantimos que nossa própria diferença não seja refletida na medição? Depois de determinarmos significativamente uma diferença, como pegamos esses dados e os usamos para desenvolver ainda mais nosso entendimento e transformar nossos métodos de medição? Frequentemente, o problema que enfrentamos é que criamos testes que avaliam nosso viés em vez de avaliar a capacidade do usuário. Ao tentar determinar a inteligência em animais, os cientistas frequentemente começaram utilizando testes semelhantes que mostraram sucesso em humanos, mas estes se baseavam em habilidades centradas no ser humano. Nossos corpos são equipados para processar o mundo através da visão e manipular o mundo através de nossas mãos. Muitos animais exibem essas mesmas funções, mas usam meios bem diferentes para interagir e entender o mundo. Por meio de uma pesquisa cuidadosa que é autoconsciente sobre suas próprias deficiências, certamente obteremos uma melhor compreensão das ecologias ao nosso redor, mas devemos estar cientes do impacto de suposições incorretas e nos proteger contra elas. Uma prontidão robusta para começar do zero será útil neste esforço.

Peter Kropotkin, um filósofo anarquista e naturalista, estudou extensivamente as relações mútuas dos animais em sua luta evolutiva publicada em sua coleção de ensaios de 1902, *Mutual Aid: A Factor of Evolution*. Kropotkin observou uma infinidade de interações entre e dentro das espécies como fatores que ajudaram a melhorar sua própria sobrevivência e a sobrevivência de sua própria espécie. O trabalho de Kropotkin fornece a prova do trabalho do comunismo anarquista e promove uma alternativa ao materialismo histórico de Marx por meio de seu estudo

científico de ajuda mútua em animais. Kropotkin mostrou que a falha do estado foi impor estruturas de propriedade privada que impediram as pessoas de se envolverem totalmente em ajuda mútua, como muitos animais bem-sucedidos fizeram. O trabalho de Kropotkin apoiou o estudo da cooperação em animais e mostrou o sucesso da cooperação em sistemas biológicos. Por meio do estudo dos animais, podemos encontrar uma apreciação pela natureza social do sucesso e o poder da ajuda mútua para beneficiar nossas comunidades e a nós mesmos.

Ao explorar a riqueza de conhecimento que os animais fornecem e dar uma olhada imparcial nas maneiras pelas quais eles podem nos ensinar, podemos aprender a apreciar as possibilidades de organizar a sociedade e entender nossa própria espécie sem subjugar os animais para esse fim. Por meio do respeito mútuo e da ajuda mútua, podemos prover uns aos outros e avançar nosso conhecimento científico coletivo dentro de uma estrutura de libertação. O trabalho de Kropotkin e Darwin mostra as maneiras pelas quais a ajuda mútua permite que grupos sociais funcionem de forma mais eficaz quando trabalham juntos para seu benefício coletivo. Alcançar a libertação total e reverter o desastre ecológico iminente exigirá o desenvolvimento e a utilização de sistemas de ajuda mútua.

Parte 3

A Máquina Agrícola

A agricultura deu início ao feudalismo e o feudalismo eventualmente deu lugar ao capitalismo que, argumentam os socialistas, deve dar lugar ao socialismo. Seguindo essa linhagem materialista, pode ter sido necessário passar pelo estágio do feudalismo que a era agrícola trouxe para chegar a algum estágio futuro do socialismo. Alguns ativistas do "retorno à natureza" argumentam, no entanto, que a agricultura em si foi um erro e que deveríamos coletivamente voltar a uma sociedade de reunião e deixar para trás os longos dias de trabalho que eles atribuem a uma cultura que surgiu da vida agrícola. Os esquerdistas dessa tradição sugerem que uma sociedade inclusiva que valorizasse cada membro e se movesse gradualmente, repentinamente ou mesmo possivelmente involuntariamente em direção à prosperidade ideal proveria todos os membros comunitariamente e possivelmente usaria tecnologias de vários graus para atender às necessidades individuais quando necessário. As complexidades de manter centros de conhecimento ou utilizar recursos disponíveis para tecnologia avançada em um mundo muito menos integrado tecnologicamente estão além do escopo deste livro e não serão abordadas aqui, mas está claro que chegar a esse futuro exigiria uma estrutura e pensamento radicalmente diferentes dos que dominam o cenário atual.

David Graeber, em *Debt: The First 5000 Years*, descreve a introdução e proliferação da violência como um meio de solidificar a riqueza como a mudança central na mudança de dívidas sociais para reservas físicas de valor para medir a riqueza durante a ascensão dos primeiros estados. A macroanálise da história de Graeber apresenta o caso da dívida, ausente da violência patrocinada pelo estado, como um meio de troca que depende fortemente das relações sociais entre as pessoas e amplamente dependente da confiança dentro dessas estruturas sociais. As moedas de troca, argumenta Graeber, tornam-se úteis em ambientes de baixa confiança ou entre pessoas que não podem ter certeza de que as interações futuras agirão como um contrapeso contra qualquer atividade de má-fé hoje. Graeber descreve o estado social antes da introdução do dinheiro e das moedas apoiadas pelo estado como "comunismo

cotidiano" baseado na expectativa de um retorno, mas não necessariamente na garantia de um retorno. A dívida social e o investimento social que acumulamos permanecem, mesmo hoje, um poderoso indicador do nosso próprio lugar no mundo.

Quando ecologistas radicais e anticapitalistas descrevem a máquina do capital, a força motriz que Marx argumentou que transforma o trabalhador em uma mercadoria, eles descrevem a superestrutura que aparece em todas as facetas da vida moderna e é a apoteose da descrição de Graeber do "comunismo cotidiano". A máquina do capital reduz toda relação ao parasitismo transacional da exploração no mundo de baixa confiança que ela cria. O que Foucault chama de biopoder dos estados para usar diversas redes de regulação e controle para manter o poder sobre o mundo físico e controlar pessoas e coisas é inevitável sob o capitalismo. Toda relação revela uma camada nova e mais vulgar da forma da mercadoria. Toda descoberta é usurpada pelo capitalismo como outro mecanismo de controle e poder sobre seus súditos.

Podemos até descrever como pilares gêmeos dessa mega-máquina que empurra a pessoa para se tornar mercadoria como, por um lado, a análise marxista do trabalho sem lugar para ir, forçado a se vender como escravo assalariado como mercadoria, e, por outro lado, o "processo de poder" movido pelo ego descrito por Theodore Kaczynski, pelo qual o capital e a tecnologia fornecem a falsa escolha entre o sucesso por meio da subserviência ou o desespero por meio do desafio. O capital duplamente atrai a pessoa a vincular sua identidade pessoal ao sucesso dentro do sistema de capital e a transforma na máquina que subjuga o resto do mundo. A miopia da vida moderna é que não existe escapatória dentro do sistema. Tentar mudar o sistema de dentro resulta em ser mudado por ele e, finalmente, se tornar ele. Errico Malatesta argumentou fervorosamente que uma pessoa que aceita a exigência de mudança revolucionária como terrível e imediata não pode, de boa fé, apoiar mudanças incrementais por meio do trabalho dentro do sistema. Não podemos continuar com o status quo, porque fazer isso significaria aceitar a morte de nossas ecologias e apoiar a destruição do nosso mundo. Qualquer coisa que não seja uma mudança revolucionária seria um desserviço aos animais que se encontram como sujeitos da dominação humana.

Aceitar o ônus da libertação animal e dos movimentos ecológicos profundos como nossa própria luta faz pouco para mudar a realidade material da nossa situação. Hoje, por simplesmente existirmos como humanos, lucrarmos com a existência

privilegiada que temos dentro do sistema de dominação que existe. Lutar ativamente contra essa estrutura é o ponto de partida do nosso movimento. A agricultura como uma forma tecnológica é um braço da superestrutura através da qual a humanidade domina nossas ecologias existentes. Relações simbióticas no mundo natural não são raras, e não somos os únicos animais a se envolver em cultivo ativo. Formigas cortadeiras cultivam intrincados jardins de fungos para alimentação, cupins fabricam habitats para cultivo de fungos, e donzelas cultivam algas e cuidam de colônias de corais. Então, o que há de tão ruim na agricultura, afinal? Qual é a diferença entre simbiose mútua e o relacionamento da humanidade com este planeta?

O mutualismo requer um benefício duplo, uma aceitação da responsabilidade inerente à coexistência ou a administração abrangida pelo domínio. A ruptura da simbiose para a subjugação é a forma da mercadoria. Quando deixamos de respeitar e entender nossas ecologias para os benefícios mútuos de compartilhamento de vida que podemos oferecer uns aos outros e, em vez disso, os vemos como tantos recursos a serem explorados, a dominação se torna a norma. Comprar a hierarquia do capital sobre todos predetermina a exploração completa do nosso mundo. Nós escravizamos o mundo vivo ao não vivo. A própria vida é possuída e controlada pelos mortos. À medida que o capital expande continuamente seu crescimento, empanturrando-se dos frutos do trabalho, suas demandas apenas aumentam. O trabalho de hoje carrega o peso do capital de hoje e do capital de ontem. O capital se banqueteia nos corpos do trabalho de hoje e do trabalho de ontem. A dominação dentro da forma capitalista é a traição contínua de hoje por ontem e de amanhã por hoje. Se não removermos hoje o jugo do capital, o trabalho de amanhã carregará o peso de nosso fracasso contínuo.

As imagens que a indústria da agricultura animal espera evocar em sua publicidade e branding evitam os valores associados às fazendas familiares e à agricultura de subsistência. As técnicas de pequenas comunidades agrícolas e pastores nômades são mais semelhantes à criação de pulgões por formigas de jardim do que aos métodos utilizados em corporações de agricultura intensiva. As operações agrícolas em larga escala dependem de especialização intensa para utilizar economias de escala, mas a escalabilidade da agricultura raramente é sustentável. À medida que as fazendas se tornam maiores e os ecossistemas mais homogêneos, a capacidade desse ambiente local de descartar resíduos e fornecer nutrientes adequados diminui rapidamente.

Assim como a escravidão assalariada aprisiona o trabalhador na armadilha da servidão por dívida, a agricultura como forma tecnológica arrasta a ecologia existente para sua servidão. Para fornecer uma colheita utilizável em quantidades vastas o suficiente para ser lucrativa sob o capitalismo, nutrientes que representam várias vezes o produto final devem ser esgotados dos recursos de matéria-prima usados, e os resíduos se tornam tão concentrados e mal alocados que não podem ser reintegrados à terra para uso futuro.

Primitivismo e a Crítica da Civilização

A organização da sociedade é fundamentalmente oposta à nossa sobrevivência ecológica ou coesão social. Embora existam formas alternativas de organização, algumas apontam para a civilização como uma causa primária dos nossos problemas. Similarmente ou não, os primitivistas sustentam que a tecnologia solidifica essas hierarquias existentes e perpetua a alienação da nossa realidade prática. Em oposição à visão materialista dos marxistas, o antigo anarquista primitivista John Zerzan descreveu a incapacidade da tecnologia de promover a revolução. A tecnologia, ele e outros primitivistas argumentam, tem sido a ferramenta do estado capitalista para oprimir e subjugar ainda mais as massas. O capitalismo não tem sido um trampolim no caminho para o socialismo, mas um afastamento da harmonia das relações ecológicas sustentáveis.

Em um artigo, *“The Practical Marx”*, Zerzan questiona a vida de Marx em contraste com sua posição mítica no diálogo esquerdista. Zerzan descreve as escolhas de Marx de ficar do lado dos reformistas e apoiar insensivelmente as guerras de estado como um meio de apressar a revolução, independentemente da dor que causaria aos seus peões proletários. Zerzan coloca a realidade vivida por Marx como fundamentalmente oposta aos ideais que seus apoiadores esperam engendrar. Embora Zerzan não continue com uma análise da reflexão deste Marx Prático no espírito do pensamento marxista, os paralelos não devem ser perdidos. O materialismo como dogma exclui o sacrifício do proletariado de hoje como necessário para trazer as condições materiais da revolução. As classes camponesas e o trabalho escravo do

passado tornam-se sacrifícios igualmente necessários. O partido e sua política tornam-se os ideais pelos quais o proletariado deve sofrer na luta. O neoliberalismo capitalista é substituído pelo vanguardismo chauvinista e o estado é substituído pelo comitê. Fundamentalmente, o que a análise de Marx de Zerzan nos pergunta é "Como nossa experiência vivida pode ser separada de nossas vidas filosóficas?" É fazendo trabalho anarquista que nos tornamos anarquistas, e é impossível ser um sem fazer esse trabalho por nossas vidas. O primitivismo como questão nos pergunta o mesmo. Se usarmos as tecnologias que perpetuam a hierarquia capitalista, ou demandam cadeias de suprimentos globais, ou pressupõem o próximo desastre ecológico, então como podemos fingir que não somos cúmplices? Quando o colapso acontece, é verdade que não será um carro pessoal ou material minerado destrutivamente ou comida exótica importada que empurrará o clima para o limite, mas quando normalizamos essas escolhas, consolidamos a realidade de que estamos dispostos a subjugar o planeta e selar nosso destino ecológico. Não há escolhas éticas dentro do capitalismo, então devemos trabalhar e agir fora do capitalismo.

Zerzan argumenta que a domesticação é o erro definidor que leva à civilização e que a civilização surge de uma tendência às divisões do trabalho. À medida que as divisões do trabalho tendem a aumentar a especialização, as hierarquias do trabalho dão lugar às estruturas de poder e ao controle social necessários para controlar essas maiores diferenças de classe. Fundamentalmente, ao subjugar a paisagem ecológica para a produção pura, como um fim em si mesmo, nos colocamos no caminho para a destruição total. Parece não haver saída desse caminho, mas permanecer no curso será desastroso. À medida que os desastres ecológicos consolidam ainda mais as diferenças de classe e as políticas ambientalmente racistas mantêm as comunidades desfavorecidas em áreas propensas aos primeiros efeitos de fenômenos naturais voláteis, os privilégios da classe burguesa as isolam ainda mais das consequências negativas da civilização.

Esse primitivismo tende a apontar para o cultivo agrícola como o ponto de virada na civilização global que desencadeou o fim do nosso mundo ecológico. Esse ponto de vista é estendido ainda mais para manter tanto em estima quanto em desconsideração ingênua as vidas e culturas das comunidades pré-agrícolas; no entanto, as vastas diferenças nos resultados ecológicos entre essas comunidades

podem geralmente ser rastreadas quase inteiramente ao tamanho da comunidade e não ao início do cultivo agrícola. Além disso, comunidades pré-agrícolas que dependiam de hierarquia intensa, escravidão e subjugação não eram incomuns. Até mesmo formas de império existiram no mundo pré-agrícola. Embora seja possível viver de forma ineficiente e eficiente interagindo com nossos ambientes em comunidades modernas e pré-modernas, quanto maiores nossas comunidades se tornam, mais complexos se tornam os problemas logísticos de desperdício, produção de alimentos e saneamento. Embora o cultivo agrícola permitisse o tipo de crescimento previsível e especializado de safras que tendia a dar suporte ao crescimento das comunidades em tamanho, é possível conceituar uma sociedade não primitivista que seja especificamente anticivilização.

Em um ataque direto ao primitivismo como não anarquista, o anticivilizacionista Wolfi Landstreicher argumentou que os primitivistas exibem seu próprio fetichismo de mercadoria em sua reificação de sociedades pré-modernas e desempenho de habilidades primitivas de sobrevivência como um programa para o futuro em vez de uma crítica ao capitalismo e à civilização. Landstreicher argumentou que lutar contra a civilização por meio de ações concretas para nos libertar dos limites da civilização abre novos caminhos para realizar nossas capacidades e desejos. Uma crítica anarquista, Landstreicher continuou, requer uma crítica ao capitalismo que pode ser explorada por meio de uma existência ativa em oposição à civilização como ela existe. Ao dismantelar a arquitetura social existente, liberamos as infinitas possibilidades de crescimento futuro, livres das identidades reificadas do símbolo "primitivo", bem como da infraestrutura restritiva da civilização. Alguns anticivilizacionistas veem a tecnologia e a civilização como um complexo que impede o progresso humano, enquanto outros sentem que certos avanços tecnológicos oferecem possibilidades para a humanidade ir além da civilização e suas armadilhas.

A crítica da civilização fornece um potencial para o avanço além do simples escapismo do desfrute temporário dentro do mundo ecologicamente mais rico de florestas, montanhas e desertos removidos da urbanização. Certos avanços tecnológicos provavelmente têm o potencial de promover a libertação, se apenas seu controle permanecer descentralizado e as barreiras ao acesso, como custo e infraestrutura tecnológica, forem delimitadas por meio de movimentos fora e contra o

capitalismo. À medida que a estrutura tecnológica para viver e acessar recursos que antes concentravam o crescimento urbano e a expansão se presta a potenciais para maior afastamento do trabalho, pode ser possível imaginar caminhos tecnológicos além das estruturas predominantes da civilização. À medida que esses movimentos avançam, garantir que as tecnologias, se as usarmos, sejam ferramentas de libertação e não de opressão, será uma parte vital de uma filosofia de libertação para a organização social.

Evitando o estilo de vida como uma fuga

Murray Bookchin alertou sobre o perigo de anarquistas se degenerarem em estilo de vida anarquista promovendo os elementos estéticos do anarquismo através de uma lente individualista sem os elementos radicais necessários para um anarquismo social. Bookchin argumentou que esses anarquistas de estilo de vida apenas realizavam o anarquismo como uma escolha de marca, mas não de significado. Eles não têm interesse no movimento social ou no trabalho de organizar e reestruturar a sociedade. Anarquistas de estilo de vida adotam o estilo da anarquia para escapar do tédio do luxo burguês sem interesse em análise de classe ou revolução social.

Além disso, Bookchin alerta especificamente contra a inclinação antitecnologia de primitivistas como Zerzan como uma performance reacionária da estética anarquista, em oposição a um ato de revolução social anarquista. Ele alerta que a anarquia que primitivistas ou individualistas e proprietários buscam é simplesmente um estilo aconchegante para atores burgueses escaparem da monotonia de suas vidas de luxo. Enquanto buscam a estética da anarquia, esses atores não sentem desejo de atacar ou mesmo abrir mão dos privilégios da hierarquia de que desfrutam.

Bookchin encontrou especificamente o contraponto a essa performance pseudoanarquista dentro do cenário neoliberal como o anarquismo social municipal. Ele acreditava que, por meio de movimentos localmente focados e estudados, poderíamos arrancar o poder dos capitalistas agindo em uma escala (a pequena escala) onde eles não eram competitivos. Quando as pessoas parecem estar cada vez mais isoladas e o capitalismo cada vez mais onipresente, essa confiança no poder local de pequenas comunidades pode parecer de uma era passada, mas o poder local continua

sendo o bloco de construção fundamental de todo o poder dentro dos sistemas sociais. O escapismo do anarquismo de estilo de vida é o objetivo final das políticas neoliberais. Ao tirar o foco do trabalho social anarquista e redirecioná-lo para a marca consumista, a aparência do anarquismo se torna a porta de entrada para uma vida de mediocridade burguesa. Embora o lamento de Bookchin sobre ex-anarquistas se acomodando em empregos de elite confortáveis e se apegando a princípios republicanos contra os quais uma vez se rebelaram seja tão antigo quanto o tempo, a subversão da anarquia é, em última análise, perigosa porque remove da vista os efeitos visíveis e tangíveis de uma força prática radical de esquerda. Um jovem recém-chegado pode facilmente ver através do verniz desses socialistas brincalhões e entender que não há nada a ser ganho com esse trabalho, exceto escapismo. Assim, o recém-chegado escolhe o escapismo que evolui para se juntar à burguesia ou a apatia que eventualmente se torna autodestruição. Nenhum desses resultados leva à libertação ou à anarquia. Eles são becos sem saída para nossa ecologia e futuro social.

Crescer ambientes sociais que sejam propícios ao nosso crescimento social coletivo é necessário para ecologias sociais vibrantes. Nossos ambientes podem ter um efeito profundo em nosso comportamento e, ao entender esses efeitos, podemos construir uma infraestrutura comunitária que ajude a prevenir a violência e fortalecer os laços sociais. Construindo uma visão estratégica para o mundo que permita que as pessoas existam em harmonia em vez de em oposição ao seu ambiente, podemos criar ambientes que sejam, por sua existência, autossustentáveis. Crescer estruturas de ecologia social como um meio para nossa existência social e ecológica saudável afirma o papel ativo que desempenhamos na formação de nosso ambiente, assim como ele nos forma. O mundo biológico fornece uma série de inspirações para nosso próprio crescimento social. Indivíduos e comunidades se adaptam a seus ambientes para poderem se encaixar melhor em suas ecologias. As interdependências de coletivos orgânicos formam a teia da vida e alavancar essas dependências para benefício coletivo fornece oportunidades para crescimento sustentável.

Ecologias sociais fortes fornecem o espaço dentro do qual se pode encontrar e experimentar o eu ecológico. Quando conectamos nossa experiência com a natureza significativamente às nossas próprias ações como um agente e beneficiário do nosso ambiente, somos capazes de agir congruentemente com nossa consciência ecológica.

O que os ecologistas profundos chamam de eu ecológico é uma identidade que vai além da consciência ecológica necessária para o ambientalismo casual em uma identidade profunda com nossas ecologias. Quando nos vemos dentro da luta pela existência que os animais passam no processo de viver e morrer pela máquina agrícola ou como as florestas moribundas que são arrasadas para cultivar plantas forrageiras, nós experimentamos essas várias ecologias como nós mesmos. Além disso, ao construir nosso senso de eu nessas identidades ecológicas, estamos melhor posicionados para tomar as decisões necessárias para preservar nossa saúde e bem-estar ecológicos.

Resposta ao Mito Vegetariano

The Vegetarian Myth, de Lierre Keith, narra sua própria jornada ao descobrir as origens e consequências de seu próprio estilo de vida e escolhas alimentares. À medida que ela aprende mais sobre a produção de alimentos e assume o controle de fazer o máximo de comida possível por conta própria, ela descobre que suas suposições e decisões iniciais são, em alguns casos, irrealistas ou até mesmo contraproducentes para seu objetivo geral de viver em harmonia com a natureza.

Ao cultivar suas próprias plantas, ela não consegue fornecer nutrientes para fertilizar seu solo sem recorrer a fertilizantes à base de petróleo, e descobre que a maneira mais ecologicamente correta de controlar os insetos que comem seus produtos é introduzir galinhas em seu jardim. Enquanto as galinhas comem esses insetos e preservam os produtos que ela busca cultivar para si mesma, e os fertilizantes derivados do petróleo ajudam a criar solo saudável para alimentar esse crescimento, ela sente que utilizar produtos de petróleo vai contra suas suposições de ambientalismo adequado. Ela narra a grande dor que enfrenta ao decidir como manter os produtos que deseja cultivar livres de insetos que os comeriam. Ao introduzir galinhas que os caçam, ela sente que traiu suas próprias tentativas de ser antiespecista, e alega que isso lhe causa grande turbulência psicológica.

Se tomarmos o trabalho de Keith como uma avaliação honesta de seu próprio esforço de boa-fé para criar um modo de agricultura ambientalmente consciente, seus esforços devem ser aplaudidos. Ela alega que essas revelações derivadas de seu

próprio trabalho mostram que o “mito vegetariano” é falso. Com isso, ela quer dizer que quaisquer alegações de estilos de vida vegetarianos como benéficos ao meio ambiente, antiespecistas ou que apoiam a própria saúde são falsas.

Críticas ao trabalho de Keith são abundantes. Ginny Messina, uma nutricionista, atacou o trabalho de Keith e Carolyn Zaikowski dedicou um site inteiro a uma refutação capítulo por capítulo dos pontos de Keith. O perigo de *The Vegetarian Myth* não é apenas que ele apresenta informações falsas ou uma história pessoal que tenta justificar as escolhas especistas e prejudiciais ao clima de muitas pessoas, mas que ele atua para sustentar os mitos que levam a um estilo de vida de posições anticientíficas e antiéticas. A beleza do livro de Keith é que ele escolhe um público preparado para ouvir suas conclusões tiradas às pressas e fornece a eles uma capa para evitar o confronto com as questões subjacentes, apresentando sua própria história pessoal como um conto de advertência para aqueles que podem considerar olhar mais profundamente para essas questões de sustentabilidade e ética.

Keith levanta questões que todas as pessoas deveriam considerar. Saber como cultivar a própria comida e prover para nossas próprias comunidades é um passo importante para ser independente das indústrias globais que ameaçam manter nosso planeta refém. Examinar os efeitos dessa produção e encontrar estratégias eficazes para nos alimentarmos enquanto existimos em harmonia com nosso ecossistema maior é fundamental. É extremamente importante que reconheçamos os perigos de continuar com os negócios como de costume que a agricultura intensiva apresenta, mas não há um passado idílico que tenha existido ou ao qual possamos retornar. Em sua essência, *The Vegetarian Myth* funciona como uma propaganda para dietas da moda "paleo" e anti-carboidratos que se concentram quase inteiramente em comer animais.

Embora os estilos de vida que o livro de Keith apoia sejam perigosos e prejudiciais ao meio ambiente, o perigo que esperamos focar aqui é o dano ético de usar isso para argumentar pela subjugação de animais. Como anarquistas, não acreditamos que a escolha pessoal possa ser uma razão para prejudicar outra pessoa ou sustentar estruturas hierárquicas de dominação. Decidir subjugar outra pessoa ou animal por nossa preferência pessoal é uma violência baseada inteiramente nas suposições de hierarquia. Se alguém é incapaz de viver ou funcionar sem as secreções ou partes do corpo de outra pessoa, isso requer uma avaliação de como prover

eticamente essa necessidade, mas não remove a obrigação de prover a todos com justiça. O anarquismo social exige que cuidemos uns dos outros como uma comunidade, mas fazê-lo por meio da instituição de hierarquias seria autodestrutivo.

Locais de construção

Afastar-se dos combustíveis fósseis destrutivos, cultivar redes alimentares locais diversas e resistentes e manter fortes redes de afinidade local são todos benefícios da produção de alimentos de origem local. As cadeias de suprimentos globais dizimam esses laços comunitários ao focar obsessivamente na extração imediata de lucro e deslocamento de custo. Investir nosso tempo e recursos na construção de fortes esforços comunitários para ser independente do império capitalista global fornece benefícios individuais e mantém o foco nas necessidades e prioridades de nossas comunidades individuais.

O derrotismo do globalismo é um beco sem saída. Em uma era em que as políticas neoliberais deram lugar a vários movimentos populistas de extrema direita e a uma lacuna cada vez mais insustentável entre capital e trabalho, o mundo pós-ideológico descrito no livro de Francis Fukuyama, *The End of History and the Last Man*, é flagrantemente delirante. O que o impulso implacável do globalismo para continuar sacrificando pessoas, animais e o planeta na busca de concentração econômica perigosa pede a qualquer um que esteja procurando uma saída? Ele apresenta a visão de que não há alternativa. O maior (ou mais sujo) truque do capitalismo é depravar os trabalhadores até mesmo das menores alegrias de cooperação e autorrealização para que eles não possam mais compreender uma alternativa. Ele criminaliza a organização, pune a criatividade e coloca o serviço ao capital como o único caminho para o sucesso. A pseudolibertação do "Sonho Chinês" de Xi Jinping oferece um sucesso por meio da subserviência à empresa capitalista global, ao estado-nação, ao partido e ao continente. O capitalismo diz para você "colocar a boca ou calar a boca". Se você não está disposto a trabalhar em nome da visão patriótica de um ator estatal unificado dentro do capitalismo, então sua única outra opção é ser um agente livre para atores capitalistas dentro dos sistemas do estado. Mas escolher servir a mando do globalismo não oferece realmente nenhum

alívio da exploração esmagadora do capital. Existe uma vida além do capitalismo. Existe algo fora do sistema. Também está ao lado do sistema e ao redor do sistema e em todos os lugares dentro dele. Os buracos no biopoder do estado se tornam mais reais quanto mais participamos da ajuda mútua e da cooperação. Quando trabalhamos contra o paradigma capitalista e recusamos as falsas escolhas que o sistema oferece, nos tornamos a prova do trabalho que aumenta nossas redes de resistência. Quando construímos laços comunitários e aumentamos afinidades contra o estado, seus poderes murcham. O poder global do estado pode ser muito real, mas se torna menos real quando nos defendemos contra sua anomia insidiosa. Ao resistir ativamente à expectativa de subserviência do capitalismo, tornamos o poder do estado menos definido e menos onipresente.

Em *Suicide: A Study in Sociology*, Emile Durkheim escreveu extensivamente sobre os fatores sociais e psicológicos que levam indivíduos e comunidades à autodestruição. A dizimação da comunidade, abertamente por meio do estado policial e secretamente por meio da alienação do capitalismo, leva à apatia individual e à automutilação social. Chris Hedges descreveu em seu discurso “*American Anomia*” como essa tendência à apatia e à autodestruição diante de um sistema capitalista seria, se prevalecesse, o fim da sociedade e o ecocídio do nosso mundo. Mas há vida além dos limites do niilismo ou do tédio. Podemos criar o mundo que deveria existir participando do sucesso de movimentos fora e em contraste com o capitalismo. Em vez do escapismo do consumismo e da política de desempenho, podemos apoiar as redes de poder que tornam o estado sem sentido e o capitalismo não lucrativo. Quando construímos essas redes dentro da casca do mundo capitalista e alimentamos essas redes por meio de fortes comunidades de trabalho e poder, o estado murcha e seu controle sobre os trabalhadores e nossa ecologia se afrouxa. Oferecemos alternativas significativas às pessoas para que elas tenham uma escolha fora da dependência que o estado engendra. Tornamos real a visão do anticapitalismo ao criá-la por meio do nosso trabalho.

Usar alimentos para nos reconectarmos com nossa comunidade local e entender as origens de nossos alimentos como sustento em vez de commodities fornece um caminho radical para centralizar a ecologia em nossa experiência alimentar. Em áreas que enfrentam insegurança alimentar devido a conflitos ou instabilidade política, o

crescimento de redes fortes de fontes alternativas de alimentos e cadeias de suprimentos com foco local fornece uma rede de segurança necessária que prioriza a comunidade local sobre os interesses do capital global. Esse tipo de especialização local pode ser uma ruptura poderosa com o ataque do globalismo que tenta alienar completamente as interações com alimentos em questões de identidade de marca ou sociedade química. Os mercados de agricultores localizados fornecem um lugar único para desacoplar mercados do capitalismo, pois criam ineficiências que tornam os fornecedores em larga escala não lucrativos e fornecem uma oportunidade para pequenos agricultores locais serem economicamente bem-sucedidos. Além disso, como espaços para a cooperação entre vários produtores para comercializar seus produtos, são áreas onde o anticapitalismo e o capitalismo externo têm a oportunidade de ser explorados. Fornecer a esses pequenos produtores as habilidades e o conhecimento para ter sucesso no mercado, do produtor ao usuário final, e remover os agregadores que constituem os intermediários parasitas do capitalismo permite que esses agricultores locais aumentem suas habilidades e sua importância na comunidade, enfraquecendo ainda mais o alcance do capital global.

Os sistemas alimentares locais dentro da expansão urbana apresentam problemas especiais em relação à disponibilidade e à alocação equitativa. Aumentar o conhecimento alimentar e a compreensão coletiva sobre as limitações e melhores práticas para o fornecimento local de alimentos é um pré-requisito necessário para desgovernar nossa infraestrutura alimentar. Ao aumentar um público mais informado e cultivar o interesse nas variedades e rotações sazonais que são possíveis para a ecologia local apoiar, criamos uma ecologia social informada e capaz, pronta para participar significativamente desses modelos de crescimento local. Esse tipo de conhecimento aumenta ainda mais o investimento do indivíduo na comunidade e vice-versa. Nossas redes locais se fortalecem por meio dessas interdependências e nossas redes de infraestrutura alimentar se tornam mais resilientes diante de crises ecológicas. Visualizar locais que forneçam as conexões físicas para sustentar nossas comunidades oferece novas oportunidades para fortalecer nossas redes contra e fora do capitalismo.

O domínio global do transporte de alimentos

Como frutas e vegetais geralmente têm uma pegada de carbono menor envolvida em sua produção do que alimentos como carne e laticínios, a parcela de sua pegada de carbono representada pelos custos de transporte pode ser significativa. Organizar-se para tomar decisões conscientes para evitar as decisões das cadeias de suprimentos globais de representar a maioria dos alimentos disponíveis em nossas áreas locais pode ajudar a evitar esse fardo adicional em nosso meio ambiente. Quando o setor de logística de suprimentos tenta atender aos desejos de uma base de consumidores que deseja alimentos em curto prazo ou "just-in-time", mantendo longas distâncias entre o fornecedor e o usuário final, o setor tentará atender a essa demanda por meio do uso crescente de viagens aéreas e outros modos de transporte ineficientes em termos de emissões. Esses sistemas não são configurados para valorizar nossa sobrevivência ecológica coletiva e sacrificarão nossa saúde global por lucro de curto prazo. Embalagem e reembalagem, armazenamento e depósito, logística de transporte e práticas de varejo desempenham papéis no aumento dos custos ambientais de levar produtos ao mercado. Nosso sistema oculta esses custos do usuário final de inúmeras maneiras e nossas cadeias de suprimentos cada vez mais complexas dificultam o rastreamento do ciclo de vida de um único item, da criação ao consumo e ao desperdício. Técnicas e modelos logísticos para refrigeração adequada durante o transporte são necessários para controlar o crescimento microbiano durante o transporte, mas mudar para uma estrutura que desprioriza a disponibilidade de todos os bens para aqueles com mais recursos nos permite concentrar esses esforços nas necessidades de nossas comunidades, bem como nas de nossa ecologia global.

Para poder fornecer todas as frutas e vegetais o tempo todo, é necessário transporte de climas distantes de cultivo (menos intensivo em energia), manutenção de instalações de armazenamento refrigerado localmente (uso médio de energia, mas também alto potencial de perda devido ao tempo de armazenamento necessário para manter o consumo anual) ou cultivo de produtos em instalações internas (mais intensivo em energia). Tentar atender a essa demanda já está destruindo nosso planeta e continuar nesse caminho nunca sustentará nossa população em rápido crescimento. Mudar nossa cultura alimentar para valorizar os alimentos que estão na estação e

podem ser cultivados localmente pode ajudar a reestruturar drasticamente nossa indústria de fornecimento de alimentos. Hoje, nosso sistema alimentar se uniu em torno da ideia de que o que as pessoas querem é ter acesso a todos os mesmos alimentos durante todo o ano, mas ao nos reconectarmos com nossos climas locais e entendermos as maiores consequências de nossas decisões coletivas em relação à comida, podemos ter um impacto poderoso em nosso mundo.

Decidir não fazer essa mudança também é uma escolha profunda para manter o status quo de dominação e exploração de terra, água e alimentos de áreas desfavorecidas como culturas comerciais para a sustentação de luxos no Norte Global. Vandana Shiva discute a implementação específica da "Revolução Verde" no estado de Punjab, na Índia, para aumentar os preços do trigo na Índia em troca de permitir que os Estados Unidos e a indústria química impulsionem a agricultura química na Índia. Essa transformação para uma "Revolução Verde" foi imposta pelo Banco Mundial e pelos Estados Unidos para mudar as variedades de trigo usadas para outras que fossem mais intensivas em água e química, bem como tirar o poder de decisão cooperativa dos agricultores para decidir quais culturas cultivar, exigindo culturas favorecidas pela indústria. Ela aponta especificamente para o cartel de venenos da Monsanto-Bayer, introduzindo a estrutura agrícola industrial americana de servidão por dívida do agricultor ao distribuidor de alimentos. Este é o ecocídio dos agricultores ao empurrá-los para a escravidão por dívida que leva ao suicídio e ao envenenamento químico conhecido por causar câncer. Shiva chama especificamente Bill Gates por usar suas filantropias para lançar uma "cadeia de escravidão" na Índia por meio do controle do comércio digital, na África por meio de sua própria "Revolução Verde" e por meio da lei intelectual em patentes e controle genético. No cenário global, a indústria parece ter um impacto tão forte a ponto de ter mais peso do que muitos países, e frequentemente os países com maior influência internacional agem totalmente por parte da indústria. A síntese do império capitalista e do estado-nação está nessa priorização da coerência entre os desejos da indústria e a política internacional. Entender esses processos globais de dominação é uma parte necessária para resistir ao ataque do ecofascismo em nosso mundo.

O veganarquismo pode produzir tanto quanto o capitalismo?

Alguém pode perguntar como podemos manter nosso nível atual de produção e alimentar a humanidade sem continuar os métodos de agricultura intensiva e operações de produção concentrada que são a norma hoje. Na verdade, a resposta é que não podemos. O problema que enfrentamos como um bioma global não é uma falha em produzir, mas uma falta de vontade de alocar recursos de forma eficaz. Não é apenas que os alimentos são produzidos para serem consumidos em outro lugar, mas que os alimentos são produzidos para comoditizar os recursos públicos que formam seus insumos, para que o valor possa ser extraído de seu local de origem, removido dos recursos ambientais coletivos e concentrado em mãos privadas. Fundamentalmente, a transição para um modelo sustentável de produção global de alimentos exigirá uma reestruturação do cenário agrícola atual. Avassaladoramente, terras, capital e corpos em nações desfavorecidas são apropriados a serviço da produção de bens e alimentos para consumo em nações favorecidas. As estruturas logísticas são preparadas para a concentração de propriedade em áreas de alta renda e o esgotamento de recursos e riqueza em áreas de baixa renda.

Os tentáculos do império se estendem profundamente no solo e nos rios de todos os cantos do mundo e trabalham incessantemente para a crescente falência biótica da Terra para o empoderamento econômico de poucos. O que pedimos como anarquistas veganos é questionar as relações fundamentais nas quais essa transferência de riqueza e dominação contínua se baseiam. Fundamentalmente, o anarquismo vegano não é uma escolha do consumidor, mas um ato de rebelião contra as normas culturais de exploração. Como podemos nos rebelar contra o sistema econômico que subjuga biomas inteiros do nosso mundo a outros? É possível imaginar um mundo que forneça todos os alimentos de que precisamos e, ao mesmo tempo, fortaleça nossos laços de cultura coletiva para construir ecologias resilientes? A sustentabilidade como um fenômeno global requer uma força coletiva ativa para construir comunidades resilientes, melhorar os meios de subsistência rurais e conservar e proteger ativamente os recursos naturais. 30,7% dos trabalhadores do mundo são empregados no setor agrícola, e a agricultura continua sendo um método extremamente eficaz para reduzir a

pobreza. Como reconhecemos o ímpeto econômico que leva comunidades rurais desfavorecidas a esgotar seus recursos naturais para o enriquecimento do capital global e fornecer espaço dentro de nossa comunidade global para apoiar mudanças em direção à ajuda mútua? A resposta não é simples ou fácil, mas é óbvia. Não podemos continuar no caminho da produção por si só, no qual estamos atualmente. A concentração global de riqueza não é sustentável. A desigualdade é tanto a causa quanto o efeito do nosso problema de produção.

Como nosso sistema é tão focado na concentração incessante de riqueza, nossas áreas e povos esgotados continuam a ter pouca escolha a não ser servir sob o sistema de capital que existe. O trabalho permanece para sempre preso nas tarefas de Sísifo da esteira rolante da CMC da escravidão assalariada (descrita em *Das Kapital* de Marx), inadvertidamente ampliando o diferencial de poder entre trabalho e capital. Foucault argumentou em seu discurso “*The Mesh of Power*” que as superestruturas de governança que existem no estado policial, no complexo industrial militar, na corporação global e nas indústrias financeiras incestuosas são secundárias àquela tecnologia original de poder que existe nas relações primitivas de controle. A tecnologia de poder que cria divisões de trabalho e transforma o trabalhador em uma mercadoria só foi possível dentro da disciplina da oficina em larga escala. Essa disciplina, argumenta Foucault, é necessária para passar do poder monárquico (uma malha frouxa com grandes espaços sem controle) para o poder capitalista (uma malha mais apertada).

Então, à medida que a malha de poder se torna mais apertada e as hierarquias culturais, econômicas e sociais nos empurram cada vez mais para a frente em direção ao precipício da catástrofe climática e do desastre ecológico, onde está a fuga? Ao atacar as tecnologias de poder que formam a base das superestruturas, isto é, ao atacar as normas culturais, rebelando-se contra o revisionismo neoliberal e suplantando a complacência derrotista com uma organização eficaz, podemos ampliar as liberdades que escapam da malha de poder. Ao enfraquecer o domínio desses fios, tornamos a malha de poder funcionalmente inútil. Sem essas tecnologias de controle individual e autodisciplina, as superestruturas se tornam impotentes.

Inconveniente

Como anarquistas veganos, uma questão que devemos resolver é se é necessário em todas as instâncias evitar a exploração de animais. Existe algum nível em que se torna uma compensação entre os benefícios que esse movimento fornece às nossas relações e o dano que ele pode apresentar aos humanos individualmente ou como um grupo? Acusamos que esta é uma dialética patentemente falsa; a exploração de um grupo ou indivíduo não justifica e não será usada para justificar a exploração de outro. Nós nos opomos à exploração e lutamos contra ela em todas as ações, e todas as lutas lutam pela mesma revolução. Quando aceitamos a noção de que devemos sacrificar uma luta ou aceitar uma forma de exploração para salvar a nós mesmos ou a outro, condenamos o anarquismo ao fracasso. Afirmamos que temos a capacidade de prover para todos e dar a todos a dignidade que lhes é devida. O anarquismo não sustenta que a revolução é algo que vem em alguma data futura quando as tecnologias ou sensibilidades alcançarão as realidades do conflito de classes. Como anarquistas, é necessário que analisemos mais completamente os efeitos de tal acusação.

Na maioria das vezes, essa crítica afirma que um estilo de vida vegano é um luxo moderno oferecido apenas nos chamados países ocidentais "desenvolvidos" e não disponível para a maioria do mundo ou para a maioria das pessoas. Isso é patentemente falso. A disponibilidade de alimentos de origem vegetal e mercados de alimentos continua mais forte em países não ocidentais e países menos dominantes economicamente mais próximos da raiz das cadeias de suprimentos agrícolas. Isso ocorre em parte porque a despesa envolvida no suporte a indústrias de produção animal em larga escala só é econômica em terras agrícolas com preços imobiliários mais altos que existem mais perto dessas áreas de alta renda disponível que estão concentradas em economias ocidentais estabelecidas.

Nas últimas décadas, os recursos terrestres usados para abrigar a agricultura animal cresceram para abranger muitos estados do leste também, com ração animal geralmente proveniente dos países mais pobres com os imóveis mais baratos por acre. Os alimentos que alimentam os animais produzidos nessas fazendas são amplamente cultivados e importados das economias menos estabelecidas, pois elas competem por

contratos para negociar sua riqueza com as fazendas de produção animal e os países que as abrigam.

Uma crítica mais insultuosa é que as pessoas que não são obcecadas com o luxo de uma dieta estritamente personalizada não terão tempo, conhecimento ou capacidade para tomar decisões deliberadas sobre sua interação com essas economias. Não sustentamos que seja necessária alguma habilidade ou conhecimento particularmente privilegiado para entender como adquirir alimentos vegetais, mas reconhecemos que em certas localidades, principalmente áreas ultraurbanizadas ou ambientes isolados com condições de cultivo adversas, as plantas podem ser difíceis de encontrar. Embora seja verdade que não há forma ética de consumo dentro do capitalismo, também é verdade que há formas mais antiéticas de consumo do que outras. Escolher deliberadamente não ajudar na luta pela libertação animal ou evitar confrontar o conhecimento disponível sobre essas indústrias é uma falha de nossa parte como anarquistas e veganos. Devemos empregar uma variedade de táticas para garantir que a educação sobre essa luta esteja facilmente disponível e que estejamos bem informados contra a propaganda das indústrias capitalistas que tentamos desmantelar. Estamos determinados a tornar fontes sustentáveis de alimentos disponíveis, mesmo na "última milha" do suprimento urbano de alimentos que é o deserto alimentar moderno.

Há situações em que uma pessoa pode precisar do produto de algum processo exploratório para sobreviver ou melhorar drasticamente sua qualidade de vida, e devemos estar cientes dessas realidades individuais. Onde essas situações surgem, é necessário que trabalhe para pressionar os produtores desses produtos a explorar e fornecer fontes alternativas não exploratórias para esses mesmos remédios e garantir que o capital não seja capaz de explorar as desvantagens das pessoas e forçá-las a escolher entre o auto-sacrifício ou ir contra sua ética.

O fato de a exploração existir como norma é um sintoma do mal-estar da impotência que o capitalismo espera transmitir, e devemos utilizar nossa organização para combater esses desafios. Acreditamos que todas as pessoas têm inteligência, graça e capacidade de viver uma vida livre de exploração, ao mesmo tempo em que reconhecemos que o que isso significa pode ser único para cada pessoa e cada situação.

Liberdade para comer (e ser comido)

Para alguns, é possível aceitar a acusação de que viver um estilo de vida que respeite a autonomia e a subjetividade individual dos animais é o único caminho lógico a seguir, mas para outros esse suposto entendimento pesado é descartado como nada com um apelo a algo como gosto, familiaridade ou uma simples escolha pessoal de causar dano. Esse ponto continua filosoficamente difícil de contestar porque começa de uma posição de moralidade subjetiva que considera as vidas dos animais como inconsequentes para a pessoa que não se incomoda em conter seu próprio desejo preferencial por produtos exploradores.

Essa linha de pensamento geralmente decorre de algum tipo de crença casual em valores libertários, uma ideia ilusória de que os valores podem e devem ser formados em torno das vidas que escolhemos viver e não o contrário, ou uma noção ainda mais depravada que faz a escolha estilística de destruir o mundo a partir da crença de que essa demonstração de animosidade é um ato de poder pessoal.

Em relação a essa vertente do pseudolibertarianismo que alega que exercemos nossa liberdade causando dano conscientemente, Jeffrey Tucker escreveu para Fee.org, uma publicação amplamente de direita, um artigo intitulado *Against Libertarian Brutalism* que argumenta contra a virada em direção a uma liberdade mais sombria na qual uma pessoa livre que acha o mundo desagradável assume o privilégio de ser a causadora da desagradabilidade. Tucker argumentou que os libertários têm a escolha entre uma visão de mundo brutalista que destruiria o mundo inteiro pelos mais minúsculos confortos pessoais, ou um libertarianismo humanista que apoia os outros em suas próprias buscas por liberdade pessoal.

Em última análise, se acreditamos no poder da ação direta e na vitalidade de nossas próprias instituições sobre aquelas do estado, capitalismo ou outras hierarquias opressivas, então confirmamos esse poder toda vez que agimos de uma forma que deliberadamente traz à tona o mundo dentro do qual desejamos viver. Ao aceitar que o mundo se torna do jeito que é por causa de nossas próprias ações, aceitamos tanto o poder quanto a responsabilidade que vêm com a tomada de decisões deliberadas. Por causa disso, o anarquista deliberado e o vegano liberado sempre escolherão renunciar à ilusão que se apresenta como o fascínio do prazer de alimentos exploradores.

Uma reação comum para compreender completamente a enormidade da brutalidade envolvida na agricultura animal é tentar argumentar contra a realidade e tentar raciocinar para justificar a cumplicidade dos anos passados. Essa reação vem do desejo de manter o conforto do estilo de vida que alguém pensa ter escolhido. Chris Hedges, em seu livro *I Don't Believe in Athiests*, discute a ascensão de uma nova era de pseudo-intelectuais que argumentam contra a convicção de pensamento, a responsabilidade pessoal pela força de nossas próprias ações (ou falta dela) e até mesmo a denúncia deliberada de valores como uma forma significativa de determinar nossa filosofia e práxis. Hedges alerta contra sucumbir ao fascínio dessas desculpas fáceis para sermos menos do que totalmente críticos de nós mesmos e de nossas próprias ações. Se temos expectativas significativas do mundo ao nosso redor, então devemos criar esse mundo por meio de nossas escolhas e nosso trabalho. Mesmo a inação é uma escolha que não pode ser feita levemente. Adiar a ação depois de determinar que ela é correta e está alinhada com os desejos de cada classe e de cada indivíduo afetado é nos condenar a um mundo abaixo da média. É porque somos anarquistas que exigimos mais do que o privilégio de um mundo com esse nível mínimo de não interferência.

Os mais vaidosos daqueles que se opõem ao movimento vegano como prática anarquista argumentam que é necessário manter as relíquias da produção de alimentos carnistas para preservar sua estética. Eles alegam que a inconveniência de fornecer consideração para aquelas classes criadas para manter a supremacia humana é uma afronta às iguarias de uma cultura que requer a subjugação desses seres não humanos em prol de um gosto mais refinado. Eles se apegam a modos hierárquicos de dominação por meio de um apelo à significância cultural. Claro, esse tipo de ilusão burguesa masturbatória não é algo que justifique um engajamento sério. Uma estética que se baseia na depravação é apenas um verniz de cultura — uma vulgaridade. Um argumento mais presciente segue a crença de que um estilo de vida vegano é um estilo de vida privilegiado e new age que é mais um marcador de distinção de classe do que uma questão de práxis legítima de libertação.

A crença de que os animais são propriedade é, naturalmente, tão nova quanto o capitalismo, e as filosofias anticapitalistas não poderiam ser anteriores ao capitalismo;

no entanto, a noção de que a libertação animal é um fenômeno ocidental é uma alegação que desacredita o trabalho de culturas inteiras em direção ao desenvolvimento de filosofias e alimentos que fornecem a vasta riqueza da culinária vegana e historiografias. Embora existam correntes dentro do movimento vegano que se enquadram totalmente nas normas da cultura comercial dominante e promovem o consumismo excessivo, a exploração contínua de trabalhadores e a extração de mais-valia por acionistas de economias multinacionais de escala (que, ao maximizar a eficiência da produção e o crescimento do capital, inadvertidamente maximizam a destruição de comunidades, ecologias e povos); os movimentos que apoiamos são, necessariamente, veganos e anarquistas. Ser algo menos do que totalmente comprometido com esses objetivos seria uma farsa, e sacrificar uma luta por outra seria alegar (falsamente) que o mundo em que vivemos não está pronto para o mundo que trabalhamos para trazer à existência.

Como anarquistas, cobramos dos outros que peguem o que precisam e, ao fazer isso, criamos o mundo que todos desejam. Como veganos, cobramos do mundo que se livre do jugo das reivindicações de supremacia humana em troca da força de uma vida deliberada. Nosso objetivo não é apenas ser os braços dos quais nosso trabalho flui, mas também agir em solidariedade com os corpos que trabalhamos para libertar. Enquanto escravizarmos, permaneceremos escravizados e, até que cada gaiola, prisão e coleira sejam quebradas, não seremos livres.

Ação Direta em Casa

Experimentos em jardins comunitários e agricultura urbana podem fornecer alternativas à infraestrutura falha do capitalismo para fornecer alimentos frescos adequados em certos locais. A agricultura urbana generalizada pode às vezes levar a efeitos negativos se as ineficiências dos rendimentos individuais das colheitas causarem problemas com descarte de resíduos, escoamento de água e problemas com fertilizantes químicos ou pesticidas. Ter conhecimento e desenvolver comunidades interconectadas de apoio aos agricultores urbanos é essencial para garantir um modelo de crescimento orientado para a comunidade que não coloque em risco nossa saúde coletiva pelo senso individual de liberdade que vem com o controle de um lote de

terra. Para ser radical sobre esses modelos ecológicos, devemos nos concentrar nos efeitos e benefícios que eles podem fornecer à nossa comunidade local, bem como no potencial de danos de nossos próprios erros. Alguns modelos de agricultura urbana permitem a agricultura sem área. Ao não dedicar nenhuma terra específica para a agricultura, podemos reduzir drasticamente os compromissos de solo e infraestrutura de terra necessários para cultivar nossos alimentos e, além disso, ao eliminar o transporte de alimentos de e para o jardim, ele se torna especialmente autônomo. Esses experimentos, no entanto, frequentemente exigem trabalho voluntário para permanecerem economicamente viáveis em um sistema que recompensa a centralização e a especialização, mas eles fornecem uma habilidade importante para as comunidades permanecerem resilientes contra a escassez de alimentos se seus modelos de produção de alimentos em larga escala enfrentarem problemas. Além disso, algumas áreas urbanas contêm quantidades substanciais de terra aberta que podem ser transformadas para cultivo. Essas extensões de terra podem ser utilizadas, com apoio da comunidade, para aumentar a estabilidade alimentar dessas regiões para criar redes mais complexas de produção de alimentos que permitam que moradores urbanos participem da criação de seus próprios alimentos em vez de consumir puramente como uma função de sua existência dentro do capitalismo e da necessidade biológica.

Restos de frutas e vegetais podem ser compostados com folhas e outras matérias orgânicas para criar solo saudável para o cultivo de plantas e alimentação de nossos biomas. Ao coletar os cortes de jardins e restos de nosso suprimento de alimentos, podemos reutilizá-los enviando-os de volta para nossas microecologias para nos separar ainda mais da dependência de estruturas capitalistas. Além disso, remover esses produtos de nossos sistemas de resíduos comunitários e canalizá-los para nossos sistemas naturais de manuseio de resíduos ecológicos pode reduzir a carga de resíduos criados pela civilização concentrada. Assim, reduzimos a quantidade de resíduos em aterros sanitários, nutrimos o crescimento saudável do solo e reduzimos os efeitos do transporte necessário para mover esses pedaços para dentro e para fora de nossa ecologia local.

Os efeitos de fazer mudanças no estilo de vida não são tão diretos quanto simples boicotes de consumidores. Assumir um papel ativo em fazer o trabalho de pequenas mudanças no próprio impacto diário concede uma janela empírica para as

questões globais de sustentabilidade, descarte de resíduos, distribuição de recursos. Quando vemos os limites de nossa própria capacidade de mudar em uma base individual, bem como a facilidade com que outras mudanças são feitas, temos o conhecimento prático para responsabilizar as corporações e os sistemas. Embora não consideremos que essas mudanças pessoais sejam pré-requisitos necessários para assumir uma posição forte sobre as práticas da indústria em relação ao meio ambiente, decisões pessoais e valores pessoais também não são totalmente exclusivos. Tomar decisões ecologicamente conscientes envolve questionar ativamente a rotina do consumismo que o capital tenta normalizar. No entanto, o capitalismo parece especificamente posicionado para se proteger desse tipo de introspecção. Mesmo como indivíduos, fazer um balanço dos impactos de nossas próprias escolhas e tomar decisões informadas em um mundo cada vez mais interconectado e interdependente pode dificultar o desenredamento de nossas liberdades das opções estreitas que o capitalismo apresenta.

Em um mundo cada vez mais dominado por grandes corporações com os meios e economias de escala para exigir financiamento competitivo e reivindicar a maioria do bem-estar corporativo, apoiar comunidades locais e fortalecer os ecossistemas e economias que fornecem valor de volta às nossas comunidades é essencial para lutar contra o capitalismo. Impulsionar o crescimento dentro de nossas comunidades não precisa se limitar a agir dentro das expectativas do capital. É inteiramente possível apoiar nossas economias locais enquanto atacamos ativamente as estruturas de capital e construímos as raízes de um mundo pronto e capaz de derrotar o capitalismo e a hierarquia. Resistir ao fetichismo da mercadoria e às identidades de consumo que o capitalismo instila é necessário para avançar uma concepção radical do poder que nossas ações individuais têm dentro do tecido socioeconômico mais amplo.

O mundo sem agricultura animal

Olhando para o mundo como ele existe hoje, pode parecer impossível imaginar um mundo que não explore corpos e vidas de animais. Alguém pode acreditar que, embora sustentar populações humanas sem agricultura fosse possível no passado, o crescimento populacional necessita da exploração contínua dos recursos naturais do

mundo para o crescimento. Esse pensamento negligencia considerar os danos causados por um impulso para o crescimento constante e desconsidera quaisquer alternativas que se tornem claras à medida que nos afastamos de uma perspectiva que é supremacista humana e orientada para o capital. Mais importante, a escassez no mundo moderno é uma questão de alocação, não de produção. O capitalismo lucra com a escassez artificial que resulta de máquinas de produção concentradas e trabalho especializado.

Imaginar um mundo sem agricultura animal não envolve nenhum "sacrifício" por parte dos humanos, mas requer priorizar uma cultura que não apoia privilégios entre a espécie humana. Se valorizamos o mundo em que vivemos e levamos em consideração todas as partes interessadas que coexistem conosco neste planeta, então devemos considerar os efeitos não apenas da agricultura animal, mas da agricultura como um todo. Temos os recursos e a capacidade de prover para todos no planeta. Não precisamos escolher entre deprimir o crescimento populacional e manter nosso meio ambiente. O capital privado é o problema e eliminá-lo é a solução.

A agricultura como um processo pode ser incrivelmente desgastante para os recursos terrestres presentes em solo saudável. Frequentemente, escolhas agrícolas sustentáveis exigem rotação de culturas ou manutenção de campos mistos em oposição à área de monocultura. A agricultura industrial depende de produção especializada que tende para a monocultura e se afasta de práticas sustentáveis. Embora a agricultura industrial possa ser incrivelmente útil para produzir grandes rendimentos com pouca despesa óbvia, o custo social é enorme. Quando arruinamos a saúde de nossa terra por meio de práticas agrícolas intensivas, colhemos um benefício de curto prazo enquanto destruimos a riqueza geracional e a saúde de nossa Terra.

Arar o solo é o processo de virar o solo para quebrar mecanicamente ervas daninhas, arejar o solo e quebrar o solo para facilitar o plantio de plantas desejáveis. Arar como um processo, no entanto, tem muitas desvantagens que, ao longo de muitos anos e gerações, podem ser catastróficas. O solo arado perde muito de sua camada superficial rica em matéria orgânica para o vento e a erosão, libera mais carbono e nitrogênio necessários para o crescimento saudável da matéria vegetal e contém distribuições menos saudáveis de carboidratos necessários para o desenvolvimento robusto da planta. Um estudo sobre os efeitos das práticas de cultivo versus plantio

direto na qualidade do solo concluiu: "do ponto de vista da fertilidade do solo, o sistema de plantio direto não apenas melhora a qualidade da [matéria orgânica], mas também aumenta sua quantidade". O sistema de cultivo ainda é comum, no entanto, em muitos ambientes agrícolas em economias "avançadas". Portanto, essa prática significa que a vida útil fértil de qualquer lote de solo é menor do que se uma tomada de decisão mais ecologicamente consciente tivesse sido empregada. O sistema de lavoura requer a canibalização contínua de pequenas fazendas — as empresas "familiares" que apimentam toda a propaganda agrícola — pelas grandes mega corporações pioneiras em operações concentradas de alimentação animal e práticas de propriedade rentista sobre terras agrícolas que atacam os trabalhadores agrícolas e destroem a viabilidade da terra. Essas operações em larga escala destroem a diversidade econômica das comunidades agrícolas e deixam para trás um caminho de desperdício de terras inutilizáveis que podem levar gerações para serem aráveis novamente. Essa estrutura de agricultura intensiva continuará a destruir a riqueza comum da terra entre nós na busca do lucro privado.

Em última análise, a razão pela qual a agricultura industrial nunca será sustentável é a mesma razão pela qual o capitalismo nunca será sustentável. Os sistemas de incentivos de ganho de curto prazo privatizado com grande despesa social são o resultado direto de relações de propriedade que tornam práticas lucrativas de extração de valor em vez de práticas de agregação de valor. Quando um fazendeiro olha para o resultado final em um mundo onde seu próprio futuro financeiro é inseguro e cada vez mais inviável, ele descobrirá que é impossível sustentar sua fazenda de uma forma que irá competir no atual sistema de mercado, mantendo também a integridade da qualidade do solo para que as gerações futuras também possam usar esta terra como fonte para o cultivo de alimentos ou outros recursos. Além disso, sob o sistema de servidão por dívida em que os pequenos fazendeiros geralmente vivem, onde eles devem vender a colheita esperada de sua próxima safra simplesmente para pagar a dívida de seus equipamentos e insumos agrícolas, ser um fazendeiro ecologicamente consciente parece não apenas um luxo, mas uma impossibilidade econômica. A menos que incentivemos práticas agrícolas sustentáveis por meio de uma reviravolta nos sistemas de capital e propriedade, nunca seremos capazes de libertar a terra e seus animais da sepultura que estamos cavando para nós mesmos.

A agricultura industrial “trata a fazenda como uma fábrica, com insumos e produtos, e considera o campo e os animais como unidades de produção”. A estrutura especista é um pré-requisito necessário para a conceituação de fazendas e animais residentes como os meios de produção sobre os quais o proprietário da fazenda alavanca sua propriedade para extrair mais-valia até que a última gota de vida seja removida da terra, dos animais e do ecossistema do que antes era uma região arável próspera. Os animais como classe sempre serão explorados neste sistema. Pequenos agricultores, comunidades rurais e sistemas ecológicos arcam com as perdas de longo prazo que o capital privado externaliza por meio do sistema de lucro. A tendência do capitalismo à centralização, de processos, de propriedade e de capital leva, na agricultura industrial, à proliferação de terras agrícolas de cultivo único. Essas tendências de cultivo de monocultura deixam os ecossistemas que antes eram protegidos pela biodiversidade inerente ao seu clima e bioregião suscetíveis à dizimação instantânea por “pressões de pragas” ou doenças que podem afetar essa cultura e que encontrarão áreas de monocultura como terrenos férteis para o desenvolvimento. “A sustentabilidade é determinada pelo sistema, considerado como um todo, não por seus componentes individuais.” A força dos sistemas depende da diversidade de suas muitas partes. Criar ecologias diversas fornece o poder de suportar uma infinidade de mudanças na viabilidade individual. Os sistemas de monocultura não têm a força dessa diversidade e sua proliferação deixa nosso mundo vulnerável a uma série de perigos.

Kenneth Dalhberg pergunta em um artigo de 1991 questionando as tendências de sustentabilidade na agricultura: "Essas sociedades buscarão manter os estilos de vida, privilégios e padrões de consumo atuais — ironicamente usando o rótulo sustentabilidade na tentativa — ou buscarão se reestruturar em padrões genuinamente sustentáveis e equitativos?" Como o chamado "capitalismo com uma cara bonita" se tornou a norma mais do que os males aparentemente diretos de tempos passados, parece que o trabalho desses modelos de sustentabilidade puristas pode ser pequeno comparado aos grandes nomes da "sustentabilidade" da burguesia, mas a agricultura sustentável real é uma necessidade e continua a crescer. As tecnologias e o entendimento que proliferaram na agricultura industrial evoluíram desde o artigo de

Dalhberg de 1991, mas as lições de uma época anterior às práticas agrícolas industrializadas ou intensivas são valiosas, no entanto.

Escrevendo sob o nome de Lewis Herber, Murray Bookchin exaltou o poder dos trabalhadores de produzir uma tecnologia libertadora que melhora muito o mundo. Tecnólogos com mentalidade ecológica foram capazes de realmente melhorar os ambientes por meio da interação humana e fortalecer biomas que de outra forma seriam fracos. À medida que fazendeiros e leigos passaram a entender os perigos do cultivo, práticas agrícolas intensivas e métodos industrializados de agricultura, a familiaridade com práticas sustentáveis cresceu e produziu alguns resultados fascinantes. Essas práticas sustentáveis não são apenas excentricidades pitorescas e experimentos interessantes, elas estabelecem as bases que serão o futuro da administração de alimentos e terras à medida que avançamos. Comunidades urbanas combateram o problema dos desertos alimentares criando comunidades de jardins urbanos para introduzir produtos frescos em áreas que são desconsideradas pelo sistema de alocação capitalista. Comunidades rurais entendem que sobreviver apenas para alimentar o sistema de dívida agrícola capitalista e destruir a viabilidade de longo prazo de suas terras apenas barateia a riqueza geracional que suas fazendas representam. Embora a traição máxima do sacrifício familiar nessas comunidades possa ser vender a fazenda, que diferença faz manter a escritura apenas para arriscar continuamente um ônus inservível sobre ela em um ano ruim? Ao se unirem por uma causa comum, os moradores urbanos interromperam as expectativas do sistema de lucro. Ao estarem prontos para apoiar uns aos outros como uma comunidade coletiva, os pequenos agricultores mostraram a flexibilidade e a inovação necessárias para manter a saúde e a viabilidade de longo prazo de suas fazendas contra os caprichos dos ricos e poderosos. Quando essas pessoas trabalham fora do sistema, elas lutam contra ele mostrando que é o sistema que precisa delas e não o contrário.

Os sistemas de agricultura apoiada pela comunidade (CSA) são modelos para produção e crescimento de alimentos que tentam combinar uma participação comunitária na produção localizada de alimentos com as necessidades das comunidades agrícolas e ecossistemas locais. Como existe no mundo ocidental, os sistemas CSA cooptam os termos de produção econômica originários do capitalismo para descrever esquemas de propriedade comunal em relação às terras agrícolas.

Existem vários tipos de sistemas de agricultura apoiada pela comunidade, alguns exigindo apenas assinaturas monetárias de acionistas que recebem em compensação os alimentos que a CSA colhe. Outros CSAs exigem que os membros forneçam algum nível de trabalho para ganhar com os frutos da terra. O maior benefício dos CSAs não é apenas fornecer uma maneira inovadora de tornar a agricultura sustentável para grupos que, de outra forma, seriam excluídos do mercado agrícola por barreiras estruturais e econômicas à entrada. Além disso, os CSAs apoiam as relações de conexão entre a terra, o agricultor e a mesa, que são necessárias para fortalecer as comunidades com investimento holístico na agricultura e seus ambientes. As CSAs ajudam a acabar com a alienação das estruturas capitalistas urbanizadas que tentam colocar as pessoas em caixas como "consumidor" ou "produtor" ou "trabalhador" e, em vez disso, permitem que cada pessoa exista em seu eu individual como uma parte interdependente de sua comunidade e ambiente. As CSAs localizam as cadeias de suprimentos em um mundo cada vez mais globalizado. Cone e Myhre descobriram que "[quanto] mais acionistas participam de suas fazendas, mais provável é que expressem seu comprometimento em termos ideológicos mais amplos". Em uma sociedade cada vez mais alienada de humanos em ilhas isoladas famintas por comunidade, as CSAs podem ser um elo de volta à cultura social que precisamos para vidas saudáveis e plenas. A propriedade comunitária da terra é uma parte importante do fim da estrutura capitalista da agricultura industrial, mas ela apenas forma parte da solução.

Rendas básicas universais experimentais vêm ganhando força como uma meta política dentro de certos grupos. Um conceito ligeiramente semelhante que Evan Pierce discute é a Infraestrutura Ecológica Universal. Pierce aponta que o capitalismo tem incentivado estruturas e estilos de vida que são absurdamente desarmônicos para nossos ambientes. Nosso mundo tem a capacidade de fornecer tudo o que precisamos, e se estruturarmos o mundo ao nosso redor, faria sentido estruturá-lo de maneiras que sejam positivamente orientadas para a sustentabilidade de longo prazo. Usar métodos de construção ou técnicas de paisagismo que não são adequados para o clima local está fadado a ser um exercício de vaidade de curta duração. Em vez disso, por exemplo, ao utilizar formas arquitetônicas que tendem a dissipar o calor em climas quentes e capturá-lo em climas quentes, podemos reduzir a necessidade de salas com clima controlado artificialmente que exigem entradas constantes de energia. Ao estruturar

nossa sociedade por meio de técnicas arquitetônicas inovadoras e localizadas e utilizar as tendências já existentes em nossos ambientes, podemos construir uma infraestrutura ecológica que nos sustenta. Viver em harmonia com nosso ambiente natural pode sustentar a vida de lazer que nosso planeta é capaz de fornecer a longo prazo.

Embora formar uma infraestrutura de permacultura perfeita que permitiria o luxo pós-escassez completo possa ser difícil de conceituar atualmente, desenvolver com esse tipo de objetivo em mente promove as possibilidades que o capitalismo nunca trará. Desenvolver radicalmente nossas ideias sobre nossa existência dentro da ecologia global maior pode ajudar a prevenir a tendência à exploração que começa pela dominação de outras espécies e continua até as noções de império. Ao construir espaços que nos permitam existir em harmonia com os outros animais ao nosso redor, podemos sinergizar nossos esforços em direção à ajuda mútua em vez da destruição coletiva que está no fim do caminho em que estamos atualmente.

Um mundo sem agricultura?

Se a agricultura é tão prejudicial às nossas ecologias, podemos imaginar um mundo pós-agrícola? Provavelmente, um futuro que não envolva agricultura alguma exigiria que nos afastássemos do desejo de manter muitos dos luxos que são garantidos em termos de fontes de alimentos previsíveis e suprimentos de alimentos escaláveis. A crítica de Theodore Kaczynski à escravidão tecnológica e aos efeitos da civilização opressiva ainda é amplamente verdadeira hoje, mas a realidade de um movimento antiagricultura pode ser difícil de engolir, mesmo que ondas do movimento anticivilização possam apoiá-lo. Então, se a pós-agricultura é improvável, o que dizer da pós-“agricultura intensiva”?

Em grande parte, os problemas da agricultura são uma questão de escala. À medida que o desejo de produzir produtos alimentícios consome quantidades cada vez maiores de terra e exige burocracias maiores e mais complexas de transporte e logística, a agricultura de monocultura e os processos biológicos prejudiciais se tornam a norma, agravando problemas agrícolas que de outra forma seriam administráveis. Mas se quisermos ser verdadeiramente radicais em nossa construção de um futuro, o que separa fundamentalmente a "agricultura" da "agricultura

intensiva"? Em termos mais claros, o que separa os ideais da fazenda familiar e do rancho comunitário ou do jardim urbano de zero acres dos gigantes agrícolas em larga escala que tendem a ser universalmente desprezados?

Mark Devries é um advogado e cineasta que filmou as primeiras imagens aéreas de fazendas industriais com drones do mundo em sua série *Factory Farm Drone Footage*. O trabalho de Devries coloca em termos visíveis a destruição e o desperdício inerentes à agricultura intensiva. Abrigar mais animais em menos espaço requer tecnologias de larga escala para remover e trafegar resíduos e recursos para fossas que armazenam esses resíduos, assim como em centros urbanos humanos. Como a quantidade de resíduos é impossível para a terra degradar naturalmente, eles se acumulam e criam um depósito tóxico que é perigoso para animais e humanos, bem como para o meio ambiente. À medida que essas fazendas se tornam maiores, também aumentam os riscos ambientais que elas representam. Nos Estados Unidos, as maiores fazendas atendem aos critérios da Agência de Proteção Ambiental para serem definidas como Operações Concentradas de Alimentação Animal (CAFO).

CAFOs representam um risco profundo para a ecologia da área circundante. De forma mais geral, a implementação de CAFOs e agricultura animal em larga escala como ponto de produção para a maioria dos produtos derivados de animais cria um enorme perigo para o meio ambiente global. Os perigos presentes e claros em CAFOs refletem as contradições inerentes ao capitalismo da agricultura intensiva. À medida que essas fazendas se tornam cada vez mais inchadas, concentradas e intensas, os riscos ambientais que elas representam se tornam incontroláveis. Essas fazendas continuam existindo como economicamente lucrativas para os capitalistas que lucram com elas porque são capazes de socializar os danos que seus processos de produção causam. Enquanto privatizam os lucros da escravidão animal, eles renunciam a toda responsabilidade pela degradação ambiental que causam por meio da produção de resíduos, má gestão da terra e abate mecanizado. O capital extrai lucro da terra e deixa em seu rastro destruição ambiental que, quando reversível, pode levar gerações para desfazer. CAFOs apresentam riscos perigosos para a comunidade circundante que foram observados em odores desagradáveis, centros desagradáveis de morte e destruição e preocupações perigosas com a saúde pública. Eles são focos de doenças e exigem grandes depósitos de resíduos tóxicos que tornam as áreas totalmente

inutilizáveis. Os CAFOs estão concentrados em áreas que visam desproporcionalmente minorias raciais e grupos historicamente desfavorecidos, e as emissões dos CAFOs causam doenças pulmonares, irritação e menor qualidade de vida em geral. As soluções que a indústria fornece para a destruição ambiental que os CAFOs causam às comunidades locais e ao clima global mais amplo são por meio de créditos fiscais verdes. Esses créditos fiscais atuam como compensações para emissões de carbono que podem ser compradas ou vendidas por poluidores para evitar pagar pelos danos que causam ao nosso meio ambiente compartilhado. Em vez disso, os poluidores podem comprar sua absolvição dos danos que causam e continuar suas práticas prejudiciais em perpetuidade com a sanção do movimento ambientalista moderado, efetivamente nos caminhando de braços dados em direção ao ecocídio.

As dificuldades de lidar com CAFOs são abundantes. Eles tendem a estar localizados em comunidades isoladas que têm pouco recurso regulatório e nenhum poder político para evitar os danos que essas operações causam. A indústria é grande e bem financiada, bem como politicamente conectada, especialmente nos cantos administrativos que têm jurisdição para regulá-los. Os efeitos nocivos da agricultura animal são mais prevalentes nas comunidades rurais próximas à operação, mas os beneficiários desses empreendimentos concentrados são geralmente as populações de grandes cidades mais próximas dos centros de poder e instituições financeiras sem participação nessas comunidades remotas. Além disso, os danos específicos que os CAFOs causam podem ser difíceis de identificar e quantificar, então pode ser difícil envolver o sentimento público (do público maior fora da vista que seria necessário para exercer pressão política) em torno da possibilidade de remover e eliminar essa indústria. Embora tudo isso permaneça verdadeiro, os moradores locais diretamente afetados pela existência dos CAFOs estão na posição mais eficaz para lutar contra eles. Resistir ao ataque da indústria da agricultura animal é necessário para a preservação de nossa frágil ecologia.

Embora impedir os esforços das empresas da indústria da agricultura animal seja importante para manter o terreno que temos agora, criar os projetos para um mundo sem CAFOs é necessário para tornar esse mundo uma realidade. O carnista pergunta: Mas sem CAFOs, como produziremos carne e laticínios suficientes para suprir nossas necessidades? E, claro, nossa resposta deve ser sempre que essa é a

pergunta errada. Não há necessidade humana de carne ou laticínios. Criar animais e depois matá-los para obter carne e laticínios não são meios eficientes de alocar recursos ou derivar calorias e nutrientes da terra, água e insumos solares necessários para produzi-los. Os animais não existem para você, eles apenas existem. Mas essas são todas respostas que o carnismo exige que uma pessoa saiba e ainda assim simplesmente ignore. A realidade da qual o esquema carnista exige que uma pessoa seja ignorante quando confrontada com nossas demandas é que Não, não produziremos carne e laticínios. Seria impossível fazê-lo e ignorante escolher fazê-lo. Os corpos dos animais e suas secreções não são para você consumir, eles são parte da existência corpórea de um animal e existem para esse animal. A realidade é que os bolsos de luxo que o capitalismo cria não são sustentáveis. Eles não são sustentáveis porque são falsidades criadas pela alocação ineficiente de recursos para inflar a riqueza relativa de certos atores. O verniz do neoliberalismo é que seu falso credo de lucro mútuo é necessário para cobrir as contradições gritantes inerentes ao capital. Este planeta tem capacidade mais do que suficiente para nos sustentar, mas não assim.

Claramente, a agricultura intensiva nunca será sustentável. Temos que nos afastar do modelo que vê a produção por acre como o único impulsionador do valor da terra. Quando destruimos a integridade dos nossos sistemas de terras e roubamos do solo os nutrientes que levam anos para serem repostos, ficamos com terras que se tornaram simplesmente o resíduo do empreendimento capitalista. Se continuarmos a permitir que a riqueza privatizada extraia valor da nossa terra, ficaremos com uma Terra inabitável. Ao proteger nosso mundo, garantimos a sobrevivência contínua de nós mesmos e daqueles que virão depois de nós.

As soluções para as mudanças climáticas e a destruição ecológica não virão do capitalismo. Todas as tentativas de criar energias “limpas” derivadas da fachada do “capitalismo sustentável” simplesmente transformam o modo de destruição sem abordar a questão raiz. Quando sacrificamos os recursos disponíveis para nós coletivamente para os ganhos privados do capitalismo, vendemos a fundação debaixo dos nossos próprios pés. Se quisermos viver neste mundo, temos que ir além do capitalismo e além dos argumentos especistas para subjugar o mundo não humano.

Não há futuro exceto um em harmonia com os ecossistemas ao nosso redor. Não há futuro em um mundo que visa continuar a destruição capitalista que continua a nos roubar ar limpo, água e fontes de alimentos. Práticas sustentáveis não criarão os grandes excedentes que o modo de produção capitalista reivindica como sua razão de ser, mas de que servem esses excedentes quando eles só existem para serem acumulados por poucos às custas do resto? A piada cruel do capitalismo é que ele é eficaz em seu modo de produção, mas puramente disfuncional em sua filosofia de produção. Ele produz para um e destrói para todos os outros. Para que a burguesia possa descansar, o mundo inteiro deve trabalhar.

Organizar-se para a proteção do planeta e o empoderamento dos animais pode ser um desafio porque a tarefa parece tão enorme e o perigo tão distante. Conceituar o poder da ação individual e comunitária para evitar uma catástrofe global é psicologicamente desafiador. A inércia cultural desacelera os movimentos para reconhecer a agência e a autonomia dos animais. A capacidade evolutiva da psicologia humana não está preparada para compreender rapidamente a ameaça existencial de não agir diante das mudanças climáticas. A distância nas relações causais e a dificuldade no processamento emocional de questões ambientais antropogênicas globais dificultam a ação contra as mudanças climáticas, mesmo quando somos capazes de avaliar a base racional para fazê-lo. Alguns antinatalistas usaram essas barreiras para dar o salto para a postura anti-humanista de que a existência dos humanos como espécie é a causa que requer a destruição deste planeta. Embora possa não ser possível ser especista contra os humanos, o anarquismo dificilmente seria compatível com a ideia de extinção como uma questão de recurso. Justiça para o planeta e justiça para os animais são nossos objetivos e não faremos concessões sobre esses objetivos.

Sem CAFOs e agricultura intensiva, como forneceremos alimentos para todos? Encontrar uma solução para a estabilidade alimentar global não é apenas uma questão de necessidade ecológica (se isso não bastasse). O nexó de alimentos-energia-água é crítico para a estabilidade dos climas políticos internos e da estabilidade política global. A instabilidade em uma perna do nexó de alimentos, água e energia teve um profundo efeito destabilizador no Iêmen, Síria e várias outras áreas, à medida que os agricultores locais correm para o fundo de uma economia local incapaz de sobreviver sob as demandas extrativas do capital global. Os preços da energia caíram, a

perfuração de águas subterrâneas aumentou de forma insustentável para bombear água para culturas comerciais, a independência alimentar entrou em colapso e a água se tornou uma mercadoria escassa. A conformidade com o capital requer cumplicidade em nossa própria aniquilação. O império do capital extrai seu lucro, despeja seus resíduos e se move para outra região para vitimizar e explorar. Então, como mantemos esses equilíbrios ecológicos críticos enquanto fornecemos alimentos para todos?

Rever radicalmente nossa aceitação do capitalismo é um passo necessário para pausar, e muito menos reverter a catástrofe em andamento. Ao mesmo tempo em que interrompemos a extração de lucro do nosso ecossistema, também devemos acabar com o sistema de dominação dos animais, recursos naturais e comunidades desfavorecidas do mundo. Buscar justiça ambiental requer reparar ecossistemas danificados pelo capitalismo e reorientar nossa sociedade para a continuidade de longo prazo. Acabar com a escravidão dos animais e o estupro da Terra é necessário para começar o caminho em direção a um futuro sustentável.

A variedade de espécies em uma fazenda diminui conforme o tamanho da fazenda aumenta, sugerindo que fazendas maiores tendem a se concentrar em poucos modelos de produção, enquanto fazendas menores mantêm sistemas ecológicos mais diversos, mas menos lucrativos. Provavelmente, a transição para um sistema sem agricultura intensiva exigiria uma redução substancial na variedade ou quantidade de alimentos disponíveis para consumo. O suprimento global de alimentos não é um luxo que pode ser simplesmente cortado, ele tem implicações no mundo real para as vidas e mortes de nossa população global. Nosso sistema atual dedica recursos de forma esmagadora e ineficiente para a produção de agricultura animal. Ao redirecionar nossos esforços para longe do acúmulo de alimentos como commodities para venda no mercado internacional e, em vez disso, para uma estrutura de alimentos a serem consumidos para sustentar a vida na Terra, descobrimos que a terra necessária para nos alimentar a todos existe e já está disponível e que não precisamos continuar destruindo nossas florestas naturais para fornecer mais terra para uso na produção de culturas para ração.

Uma compreensão radical da agricultura animal intensiva como um processo para extrair riqueza de commodities da terra, água e insumos energéticos usados para produzir alimentos é necessária para uma crítica anarquista da agricultura animal.

Além disso, a exigência de produção de ração em larga escala geralmente proveniente dos mercados internacionais do menor lance resulta em uma subjugação das áreas do mundo com baixo custo de terra para as áreas do mundo com alto custo de terra, pois a extração de capital de recursos naturais passa por uma transformação adicional de uma fazenda de ração de monocultura intensiva para uma fazenda de agricultura animal intensiva, para uma operação de matadouro concentrada, para o fornecedor e distribuidor de produtos animais. Essas transformações sucessivas criam uma rede de empreendimentos exploradores e ecologicamente desastrosos que não podem sustentar a vida na Terra, ou pelo menos não por muito tempo. Devemos acabar com os sistemas de agricultura intensiva e agricultura animal para os animais e para nossa ecologia global.

Companheiros animais — os peixes são amigos?

A companhia animal é um assunto delicado para muitos. Tentamos aqui preencher a lacuna entre a libertação animal e o amor pela companhia animal. Tentamos estar totalmente cientes da intimidade dos relacionamentos individuais, bem como da estrutura abrangente dos sistemas de dominação e capital em nosso mundo. Para o morador urbano ou suburbano moderno, suas interações mais íntimas com o mundo animal podem vir de um companheiro animal em casa. Para pessoas em lares e comunidades rurais, as interações com companheiros animais podem ter fortes divisões entre quais animais podem ser mantidos como animais de estimação e quais devem ser usados apenas para fins econômicos. Queremos reconhecer aqui a variedade de interações e experiências que pessoas e animais podem passar em seus relacionamentos e oferecer uma apreciação pela multidão de oportunidades de aprendizado que os animais podem fornecer, especificamente em crianças e jovens, mas também em estágios posteriores da vida. Finalmente, também queremos chamar a atenção para a possibilidade de os animais também obterem prazer em relacionamentos de companhia com humanos e o vasto benefício mútuo que esses relacionamentos podem suportar.

Os animais brincam, lutam, vivem e descansam. Eles fazem muitas das coisas que fazemos com nossas vidas e reservar um tempo para conhecer e entender os

animais fornece uma maneira valiosa e radical de nos experimentarmos. Quando vemos um novo animal pela primeira vez e o observamos se movimentando, comendo ou bebendo, aprendemos sobre as vastas possibilidades de sobrevivência e existência em nosso mundo. Vemos que pode haver maneiras drasticamente diferentes de realizar as mesmas tarefas fundamentais e que órgãos que parecem e funcionam completamente diferentes podem produzir o mesmo efeito. Estudar as linhagens evolutivas dos animais revela que funções semelhantes podem surgir de fisiologias totalmente diferentes e também que fisiologias semelhantes podem surgir de linhagens totalmente diferentes. Somos forçados a aceitar nossa própria singularidade e falta de singularidade. Vemos que há tantas coisas diferentes para ser bom e tantas maneiras diferentes de ser bom. Ao entender a complexidade da vida animal e a beleza de suas muitas complexidades, expandimos nossa compreensão das possibilidades de vida como o animal humano.

Em terapia, serviço e suporte emocional, os animais têm proporcionado enormes saltos de autonomia e habilidade para pessoas lidando com uma variedade de condições e problemas. Mostrar total apoio comunitário para as possibilidades de apoio mútuo e benefício nessas relações é parte de uma estrutura radical de companheirismo animal. Garantir que esses animais não estejam sendo abusados por seu trabalho e que eles sejam capazes de aproveitar os frutos de seu trabalho como trabalhadores liberados em companheirismo com um humano que eles ajudam é necessário para centralizar o respeito, autonomia e dignidade tanto dos animais que fornecem esses serviços quanto das pessoas que recebem esse cuidado. Os animais têm proporcionado vários benefícios para pessoas em relacionamentos terapêuticos em casa e em ambientes clínicos para progredir na convivência ou no desenvolvimento de táticas saudáveis para lidar com problemas de saúde mental. Além disso, construir um ambiente comunitário que valorize esses relacionamentos e entenda as codependências inerentes a eles requer estar disposto a perguntar, acomodar e entender as necessidades de animais e humanos quando eles estão trabalhando juntos em companheirismo. Os animais vivenciam várias codependências de ajuda mútua, comensalismo e companheirismo na natureza que se assemelham aos nossos relacionamentos pessoais e íntimos com animais como iguais emocionais e sociais. A forma capitalista é a diferença fundamental que coloca em risco essas relações de coexistirem em pé de

igualdade. Dentro das armadilhas da civilização capitalista de estado, a relação de propriedade dos humanos com os animais se torna imediatamente aparente e codificada nas regulamentações que controlam nossas interações mútuas. Anarquistas veganos resistem a essa transformação da companhia animal em uma conexão burguesa entre o dono e o possuído e trabalham para construir comunidades de respeito e ajuda mútuos.

Exotismo vegano e racismo ambiental

Alguns escritores medievais desprezaram pessoas que seguiam uma dieta pitagórica, onde se abstinham de carne, feijão ou peixe por razões éticas. Os pitagóricos "acreditavam que qualquer ser que experimentasse dor ou sofrimento não deveria ter dor infligida a ele desnecessariamente". Este é o mesmo piso ético que o filósofo do século XVII Jeremy Bentham estabelece ao ponderar a questão de se os animais merecem ou não consideração moral ao declarar "A questão não é Eles podem raciocinar? ou Eles podem falar? mas Eles podem sofrer?" Os Adventistas do Sétimo Dia, uma denominação da Igreja Protestante, enfatizam a saúde e o bem-estar desde os primórdios da igreja e geralmente são vegetarianos, com muitos seguindo um estilo de vida vegano. Jainistas e budistas, bem como muitos grupos de pessoas e culturas, descobriram que as conexões com seu mundo ecológico são importantes para seus valores.

A discussão da Extinction Rebellion sobre a Experiência Negra Global do Ecocídio explorou a descolonização, o anti-imperialismo e o ecocídio com um foco particular na compreensão da história da desapropriação na pátria pan-africana e o ataque do capital à nossa ecologia global. Podemos reconhecer que não há um retorno provável à natureza. Não há como fechar a caixa de Pandora da tecnologia, da industrialização ou da dominação ecológica capitalista, mas, ao estarmos cientes da história desses desenvolvimentos, podemos criar melhor as substituições que podem nos permitir prosperar em uma relação sustentável com o clima e um respeito pelos animais. A luta contínua pela libertação no continente africano e pelos povos indígenas e colonizados teve uma forte conexão com a sustentabilidade ecológica porque essas pessoas não têm o luxo de escolher ser ecologicamente conscientes. As opressões

cruzadas da vida na vanguarda do desastre ecológico no Sul Global garantem que as mesmas pessoas despossuídas pela concentração contínua de riqueza e poder do império capitalista-industrial no Norte Global, devem ser líderes no movimento ecológico porque têm a experiência vivida de serem afetadas pela injustiça climática.

Não há meio termo para evitar o desastre climático. O fim não apenas começou; está bem encaminhado. Embora eventos ecologicamente catastróficos tenham permanecido apenas nas margens do impacto nas vidas de luxo isolado no Norte Global, a tensão entre a ignorância cega dos capitalistas e dos beneficiários do capitalismo e a clara ameaça existencial do ecocídio atingiu um ponto de ruptura.

Em 1979, um grupo de moradores de Houston representados pela advogada Linda McKeever Bullard processou a Southwester Waste Management, Inc. por um plano para localizar um aterro sanitário perto de sua comunidade. Robert Bullard (marido de Linda) testemunhou como especialista neste caso e conduziu um estudo documentando uma história clara e sórdida de racismo institucional forjado por meio de danos ambientais em comunidades de cor por tomadores de decisão brancos que não permitiriam essas vozes dissidentes na discussão. O estudo apontou como locais de resíduos ambientais como aterros sanitários, incineradores e locais de descarte de resíduos sólidos estavam concentrados quase exclusivamente em comunidades de cor. Além disso, o estudo apontou como a dinâmica única de regulamentação frouxa de Houston permitiu que essas comunidades encontrassem constantemente novos empreendimentos industriais em seus bairros com pouco acesso ao controle político necessário para detê-los. Essas invasões em seus bairros obstruem ainda mais a organização e o poder sustentado dessas comunidades para lutar, pois são divididas pelos interesses sempre expansionistas do capital em uma cidade tão grande. O estudo e o processo constituem um caso decisivo para a forma sistemática em que comunidades desfavorecidas são exploradas pelas cidades e estruturas políticas que alegam existir para protegê-las. Além disso, os impactos que essa exploração ambiental tem na saúde e prosperidade sustentada dessas comunidades resultam em uma forma distinta de apartheid ecológico que tem paralelos em todo o mundo.

Harriet Washington descreve os efeitos de segunda e terceira ordem das estruturas racistas ambientais no desenvolvimento e status de comunidades desfavorecidas. Ela argumenta que os resíduos do capitalismo são despejados nas

pessoas mais pobres e menos poderosas, tornando-as suscetíveis a problemas de saúde de longo prazo, pobreza geracional e causando comprometimento cognitivo substancial. O racismo ambiental é um processo ativo pelo qual a heterodoxia supremacista entrincheira ainda mais as divisões entre as classes. Os benefícios míopes da destruição ecológica são concentrados nas mãos daqueles poucos que dominam a sociedade e os menos capazes de se defender recebem os vastos resíduos de aterros sanitários e lixões tóxicos que são as consequências desagradáveis do luxo capitalista.

Noções radicais de justiça ambiental envolvem a conceituação não apenas de questões sobre quem ou o que está causando o problema e como preveni-lo, mas como formular um sistema de ideias em torno da interdependência com o meio ambiente que distribua poder para os lugares necessários para proteger o meio ambiente e previna o acúmulo de poder nas áreas que danificam o meio ambiente. Devemos agir agora para evitar o colapso do nosso ecossistema global. Defender nosso mundo do ecocídio é uma preocupação imediata, e é algo que podemos fazer agora mesmo. Além do imperativo ambiental de evitar injustiças contra nosso bioma, temos uma exigência ética de libertar os animais das armadilhas do carnismo e do poder capitalista de estado. Devemos acabar com as opressões do capitalismo, do carnismo e do racismo ambiental. Acabar com as hierarquias de poder começa com uma análise crítica do nosso próprio pensamento, mas deve imediatamente passar para a ação coletiva para acabar com o sistema de capital global. Não há tempo a perder, a hora de agir é agora e estamos nos aproximando do ponto sem volta. Exigimos libertação total hoje, para os animais e para a Terra, completamente e sem concessões.

O Caminho a Seguir

Forjar o caminho para um mundo totalmente liberado não é uma tarefa simples. As forças do capital estão prontas e dispostas a continuar nossa marcha da morte em direção ao ecocídio completo. Hoje, não há mais uma questão séria de quando devemos agir ou o que precisa ser feito. O fim completo e imediato da subjugação animal e a eliminação do capitalismo são os primeiros passos necessários para evitar nossa aniquilação coletiva.

Justiça para a Terra requer não apenas uma reestruturação da nossa sociedade global, mas uma dedicação completa ao renascimento das nossas ecologias complexas. Isso envolve tanto uma mudança cultural na filosofia da nossa relação com o mundo ao nosso redor, quanto um movimento para reparar esses ecossistemas danificados por meio de esforços coordenados e organizados para reflorestar nossa Terra e repovoar nossos mares. Precisaremos mudar nosso foco para sustentar e construir redes ecológicas fortes a todo custo, em vez de pagar qualquer custo ecológico em prol da produção. Não se engane, se escolhermos continuar em nossa autodestruição, nosso mundo será drasticamente alterado e nossa extinção se tornará uma nota de rodapé na vida cósmica do nosso Pálido Ponto Azul. Rebelar-se contra essa extinção é necessário se acreditarmos que merecemos viver. Rebelar-se contra o ecocídio é a única maneira de evitar nossa própria extinção. A única maneira de evitar o ecocídio é acabar com os sistemas gêmeos de propriedade e cultura que são o capitalismo e o carnismo.

As crises da catástrofe ambiental global e a hegemonia da cultura carnista global podem parecer tão assustadoras a ponto de serem incompreensíveis. A histeria do consumismo é uma resposta reflexiva a essa tarefa hercúlea, mas é apenas um desvio escapista delirante da realidade da crise. As ações reais que destroem a Terra e seus animais podem ser revertidas. A cultura de dominação e subjugação que perpetua a destruição ecológica deve acabar agora. As rachaduras no capitalismo estão mais presentes e gritantes do que nunca. Enquanto o sistema se contorce de inúmeras maneiras para esconder essas contradições por trás do esquema ecológico carnista, está claro que não há mais a fazer sem cair no abismo. Se quisermos salvar a espécie humana, se quisermos salvar nossos companheiros animais, se quisermos salvar nosso lar ecológico, então devemos agir agora para acabar com o capital e acabar com o ecocídio. O capitalismo nos condenou a um caminho de morte e destruição, e o único caminho a seguir é a libertação total e imediata dos animais e da Terra.

Bibliografía

[Coe, S., & Eisenman, S. (2018). ZOOICIDE: Seeing cruelty, demanding abolition. Chico, CA: AK PRESS.

Katz, B. (2019, June 7). A German Circus Uses Stunning Holograms Instead of Live Animal Performers. Retrieved March 25, 2020, from <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/german-circus-uses-stunning-holograms-instead-live-animal-performers-180972376/>

Singer, P. (2009). Animal Liberation: The Definitive Classic of the Animal Movement. New York, NY: Ecco Book/Harper Perennial.

Hurt, C. "The Economic Importance of U.S. Animal Agriculture." farmdoc daily (9):158, Department of Agricultural and Consumer Economics, University of Illinois at Urbana-Champaign, August 26, 2019.

Koerth-Baker, M. (2016, November 17). Big Farms Are Getting Bigger And Most Small Farms Aren't Really Farms At All. Retrieved October 20, 2019, from <https://fivethirtyeight.com/features/big-farms-are-getting-bigger-and-most-small-farms-arent-really-farms-at-all/>.

Huehnergath, N. F. (2016, May 06). Big Agriculture Bullies And Lobbies To Keep Americans In The Dark. Retrieved March 30, 2020, from <https://www.forbes.com/sites/nancyhuehnergath/2016/05/05/big-ag-bullies-and-lobbies-to-keep-americans-in-the-dark/>

Kuipers, D. (2010). Operation Bite Back: Rod Coronado's War to Save American Wilderness. New York: Bloomsbury.

Animal Enterprise Terrorism Act of 2006 § 109, 18 U.S.C. § 43 (2006).

Koek, A. (2019, October 16). Rights, Privilege, and Power. Retrieved October 20, 2019, from <https://c4ss.org/content/52430>.

Gerber-Fried, M. (1999). Abortion in the United States—Legal but Inaccessible. In R. Solinger (Ed.), *Abortion Wars: A Half Century of Struggle, 1950–2000* (pp. 210–211). Berkeley, CA: University of California Press.

Massumi, Brian. *What Animals Teach Us about Politics*. Duke University Press, 2014.

Reichert, M. S., & Quinn, J. L. (2017). Cognition in Contests: Mechanisms, Ecology, and Evolution. *Trends in Ecology & Evolution*, 32(10), 773–785. doi:10.1016/j.tree.2017.07.003

Graeber, D. (2017, April 5). What's the Point If We Can't Have Fun? Retrieved April 4, 2020, from <https://thebaffler.com/salvos/whats-the-point-if-we-cant-have-fun>

Joy, M. (2009). *Why We Love Dogs, Eat Pigs, and Wear Cows: An Introduction to Carnism*. San Francisco, CA: Conari Press.

Carrie Packwood Freeman and Oana Leventi Perez. "Pardon Your Turkey and Eat Him Too: Antagonism Over Meat-Eating in the Discourse of the Presidential Thanksgiving Turkey Pardoning" New York. *The Rhetoric of Food: Discourse, Materiality, and Power* (2012)

Eco-Dharma Centre. (n.d.). *Radical Ecology Radical Dharma*. Retrieved November 24, 2019, from <http://www.ecodharma.com/articles-influences-audio/radical-ecology>.

Merchant, C. (2005). *Radical ecology: the search for a livable world*. New York: Routledge, Taylor & Francis group.

Warren, K. J. (07632). The Power and the Promise of Ecological Feminism. In *Environmental Philosophy From Animal Rights to Radical Ecology* (pp. 320–341). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

American Meteorological Society. (2018, December 10). Explaining Extreme Events from a Climate Perspective. *Bulletin of the American Meteorological Society*. Retrieved February 18, 2019, from <https://www.ametsoc.org/index.cfm/ams/publications/bulletin-of-the-american-meteorological-society-bams/explaining-extreme-events-from-a-climate-perspective/>

Ariel Salleh (2016) The Anthropocene: Thinking in “Deep Geological Time” or Deep Libidinal Time?, *International Critical Thought*, 6:3, 422–433, DOI: 10.1080/21598282.2016.1197784

Twine, R. (2010). Intersectional disgust? Animals and (eco)feminism. *Feminism & Psychology*, 20(3), 397–406. doi:10.1177/0959353510368284

Adams, C. J. (2015). *Sexual Politics of Meat*. Bloomsbury Publishing.

Sprig. (2003). Living the Truth: An Interview with Rod Coronado. Retrieved March 30, 2020, from <http://yeoldeconsciousnessshoppe.com/art129.html>

Indians of All Nations. (1999). The Alcatraz Proclamation to the Great White Father and his People. Retrieved March 30, 2020, from <https://www.cwis.org/wp-content/uploads/documents/alcatraz.txt>

Kortright, C. (2003, January 1). Colonization and Identity. Retrieved March 30, 2020, from <https://theanarchistlibrary.org/library/chris-kortright-colonization-and-identity>

Veneuse, M. J. (2019). Transnational Decolonization Is the Solution, Not Movements such as Bernie Sanders’ & the Women’s March. Retrieved March 31, 2020, from <https://theanarchistlibrary.org/library/mohamed-jean-veneuse-transnational-decolonization-is-the-solution-not-movements-as-bernie-sande>

Kintz, T. (2014, December 16). Interview with Ted Kaczynski. Retrieved March 29, 2020, from <https://theanarchistlibrary.org/library/theresa-kintz-interview-with-ted-kaczynski>

Browne, H. (1973). *How I found freedom in an unfree world: a handbook for personal liberty*. Great Falls, MT: Liam Works.

Rise of The Doomer: Why So Many People Are Giving Up. (2020). Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=n2YptT8l3jM>

Brown, A. M. (2019). *Pleasure activism: the politics of feeling good*. Chico, CA: AK Press.

Goldman, E. (1934). *Living my life*. New York: Knopf. p 56.

Tsing, A. L. (2017). *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton (New Jersey): Princeton University.

Williams, K., Munger, W., & Messersmith, L. (2013). *Life During Wartime: Resisting Counterinsurgency*. Edinburgh: AK Press.

Parampathu, J. (2019, February 4). *Shutdown for Now-How to Shut It Down for Good!* Retrieved April 6, 2019, from <https://c4ss.org/content/51638>

Oakes, W. (1999). *Why Freegan?* Retrieved October 21, 2019, from <https://freegan.info/what-is-a-freegan/freegan-philosophy/why-freegan-an-attack-on-consumption-in-defense-of-donuts/>.

Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act of 1970. 18 U.S.C. § 1961–1968 (1990).

Williams, Munger, & Messersmith. (See footnote 33)

North American Animal Liberation Press Office. (2012, July 02). *Opposition*. Retrieved January 13, 2019, from <https://animalliberationpressoffice.org/NAALPO/opposition/>

ibid.

Borum, Randy & TILBY, CHUCK. (2005). *Anarchist Direct Actions: A Challenge for Law Enforcement*. *Studies in Conflict & Terrorism — STUD CONFL TERROR*. 28. 201–223. 10.1080/10576100590928106.

Morris, C. D. (2018). *Why Misogynists Make Great Informants How Gender Violence on the Left Enables State Violence in Radical Movements*. In J. Hoffman & D. Yudacufksi (Eds.), *Feminisms In Motion Voices for Justice, Liberation, and Transformation* (pp. 43–54). Chico, CA: AK Press.

Lewis, J. E. (2004, May 18). Animal Rights Extremism and Ecoterrorism. Retrieved January 13, 2019, from <https://archives.fbi.gov/archives/news/testimony/animal-rights-extremism-and-ecoterrorism>

Watson, D. L. (2002, February 06). The Terrorist Threat Confronting the United States. Retrieved January 13, 2019, from <https://archives.fbi.gov/archives/news/testimony/the-terrorist-threat-confronting-the-united-states>

Zizek, S. (2008). The Seven Veils of Fantasy. In *The Plague of Fantasies* (p. 54). London, UK: Verso.

Ervin, L. K. (2017, December 31). Authoritarian Leftists: Kill the Cop in Your Head! Retrieved April 5, 2020, from <http://www.infoshop.org/authoritarian-leftists-kill-the-cop-in-your-head/>

European Graduate School Video Lectures. 2016, November 7. Slavoj Žižek. The great challenge of The Left. 2016. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=e2O6f2R9PZI>

Nestle, M. (2013). *Food Politics: How the Food Industry Influences Nutrition and Health*. Berkeley, CA: University of California Press.

Cardenas, D. (2013). Let not thy food be confused with thy medicine: The Hippocratic misquotation. *e-SPEN Journal*, 8(6), e260–e262. doi:10.1016/j.clnme.2013.10.002

Gehrmann, K., & Sinclair, U. (2019). *The Jungle*. California: Ten Speed Press.

Johnson, R. (2014). Food Fraud and “Economically Motivated Adulteration” of Food and Food Ingredients (CRS Report No. R43358). Retrieved from Congressional Research Service website: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R43358/>

Milov, S. (2019). *The Cigarette: A Political History*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Nieves, A. (2018). Decolonize Your Diet An Interview with Luz Calvo. In J. Hoffman & D. Yudacufski (Eds.), *Feminisms in Motion Voices for Justice, Liberation, and Transformation* (pp. 217–222). Chico, CA: AK Press.

Nestle, M. (2018). *Unsavoury Truth: How Food Companies Skew the Science of What We Eat*. New York, NY: Basic Books.

Ghosh-Dastidar, M., Hunter, G., Collins, R. L., Zenk, S. N., Cummins, S., Beckman, R., Nugroho, A. K., Sloan, J. C., Wagner, L., & Dubowitz, T. (2017). Does opening a supermarket in a food desert change the food environment?. *Health & place*, 46, 249–256. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2017.06.002>

Maguire, E. R., Burgoine, T., & Monsivais, P. (2015). Area deprivation and the food environment over time: A repeated cross-sectional study on takeaway outlet density and supermarket presence in Norfolk, UK, 1990–2008. *Health & place*, 33, 142–147. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2015.02.012>

Nestle. (See footnote 53)

Brooks, J. C., Cameron, A. C., & Carter, C. A. (1998). Political Action Committee Contributions and U.S. Congressional Voting on Sugar Legislation. *American Journal of Agricultural Economics*, 80(3), 441–454. [doi:10.2307/1244547](https://doi.org/10.2307/1244547)

Lalvani, M. (2008). Sugar Co-operatives in Maharashtra: A Political Economy Perspective. *The Journal of Development Studies*, 44(10), 1474–1505. [doi:10.1080/00220380802265108](https://doi.org/10.1080/00220380802265108)

Boseley, S., & McMahon, J. (2003). Political Context of the World Health Organization: Sugar Industry Threatens to Scupper the WHO. *International Journal of Health Services*, 33(4), 831–833. [doi:10.2190/u0mw-wm82-n5bh-e20c](https://doi.org/10.2190/u0mw-wm82-n5bh-e20c)

ALVAREZ, J. (2005). Sweetening the US Legislature: The Remarkable Success of the Sugar Lobby. *The Political Quarterly*, 76(1), 92–99. [doi:10.1111/j.1467-923x.2005.00659.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-923x.2005.00659.x)

Darwin, C., & Garratt, P. (2019). *On the Origin of Species: By Means of Natural Selection; or The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. London: Flame Tree Publishing.

Peterson, J. B. (2018). *12 Rules for Life: An Antidote for Chaos*. Toronto, Ontario: Random House Canada.

Mensh, E., & Mensh, H. (1991). *The IQ Mythology Class, Race, Gender and Inequality*. Carbondale: Southern Illinois University Press.

Irie, Naoko & Hasegawa, Toshikazu. (2009). Elephant psychology: What we know and what we would like to know. *Japanese Psychological Research*, 51(Special issue: Comparative cognitive studies), 177–181. doi: 10.1111/j.1468–5884.2009.00404.x

Carazo, P., Font, E., & Desfilis, E. (2008). Beyond ‘nasty neighbours’ and ‘dear enemies’? Individual recognition by scent marks in a lizard (*Podarcis hispanica*). *Animal Behaviour*, 76, 1953–1963.

Kropotkin, P. A. (2006). *Mutual aid: A Factor of Evolution*. Gloucester, UK: Dodo Press.

Graeber, D. (2011). *Debt: The First 5000 Years*. Brooklyn, NY: Melville House.

Kaczynski, T. J. (2019). *Technological Slavery*. Scottsdale, AZ: F&M, Fitch & Madison.

Malatesta, E., Turcato, D., Sharkey, P., & Giulianelli, R. (2017). *Complete Works of Malatesta: The Anarchist Socialism of L’Agitazione, 1897–98*. Chico, CA: AK Press.

Catalani, G. C., Camargo, R. S., Sousa, K. K. A., Caldato, N., Silva, A. A. C., & Forti, L. C. (2019). Fat-Soluble Substance Flow During Symbiotic Fungus Cultivation by Leaf-Cutter Ants. *Neotropical Entomology*. doi:10.1007/s13744-019-00718-0

Institut de Recherche pour le Développement. (2008, January 14). Complexity Of Termite Symbiotic Relationships With Fungi Could Hinder The Control Strategy Against This Insect Pest. *ScienceDaily*. Retrieved April 11, 2020 from www.sciencedaily.com/releases/2008/01/080111221340.htm

Garcia-Herrera, N., Ferse, S. C. A., Kunzmann, A., & Genin, A. (2017). Mutualistic damselfish induce higher photosynthetic rates in their host coral. *The Journal of Experimental Biology*, 220(10), 1803–1811. doi:10.1242/jeb.152462

Cossins, D. (2015, January 02). Earth — Amazing animal farmers that grow their own food. Retrieved April 12, 2020, from <http://www.bbc.com/earth/story/20150105-animals-that-grow-their-own-food>

Zerzan, J. (1979, October 22). The Practical Marx. Retrieved May 4, 2020, from <https://theanarchistlibrary.org/library/john-zerzan-the-practical-marx>

Birch, A., & Zerzan, J. (2008, December 7). Interview: Anarcho-Primitivist Thinker and Activist John Zerzan. Retrieved May 5, 2020, from <https://theanarchistlibrary.org/library/john-zerzan-alex-birch-interview-anarcho-primitivist-thinker-and-activist-john-zerzan>

Ellen, R. F. (1986). What Black Elk Left Unsaid: On the Illusory Images of Green Primitivism. *Anthropology Today*, 2(6), 8. doi:10.2307/3032837

Landstreicher, W. (2007). A Critique, Not a Program: For a Non-Primitivist Anti-Civilization Critique. Retrieved May 23, 2020, from <http://theanarchistlibrary.org/library/wolfi-landstreicher-a-critique-not-a-program-for-a-non-primitivist-anti-civilization-critique>

Bookchin, M. (1995). *Social Anarchism or Lifestyle Anarchism: An Unbridgeable Chasm*. San Francisco, CA: AK Press.

Biehl, J., & Bookchin, M. (1998). *The Politics of Social Ecology: Libertarian Municipalism*. Montreal: Black Rose Books.

KANE, R. J. (2002). THE SOCIAL ECOLOGY OF POLICE MISCONDUCT*. *Criminology*, 40(4), 867–896. doi:10.1111/j.1745–9125.2002.tb00976.x

Astley, W. G., & Fombrun, C. J. (1983). Collective Strategy: Social Ecology of Organizational Environments. *Academy of Management Review*, 8(4), 576–587. doi:10.5465/amr.1983.4284657

BRAGG, E. A. (1996). TOWARDS ECOLOGICAL SELF: DEEP ECOLOGY MEETS CONSTRUCTIONIST SELF-THEORY. *Journal of Environmental Psychology*, 16(2), 93–108. doi:10.1006/jevp.1996.0008

Keith, L. (2009). *The Vegetarian Myth: Food, Justice, and Sustainability*. Crescent City, CA: Flashpoint Press.

Messina, G. (2010, September 21). Review of “The Vegetarian Myth.” Retrieved March 25, 2020, from <https://www.theveganrd.com/2010/09/review-of-the-vegetarian-myth/>

Zaikowski, C. (2010, July). Myths about “The Vegetarian Myth”. Retrieved March 25, 2020, from <https://vegetarianmythmyth.wordpress.com/>

Fukuyama, F. (1992). *The End of History and the Last Man*. London: Penguin.

Xi, J. (2018). *The Governance of China*. Beijing, China: Foreign Languages Press.

Aylward, A. (2019). Against Defaultism and Towards Localism in the Contingency/Inevitability Conversation: Or, Why We Should Shut up About Putting-Up. *Studies in History and Philosophy of Science Part A*. doi:10.1016/j.shpsa.2019.01.008

Durkheim, E. (1951). *Suicide: A Study in Sociology*. The Free Press. (Original work published 1897).

Hedges, C. (2018, September 24). American Anomie. Retrieved May 3, 2020, from <https://www.truthdig.com/articles/american-anomie/>

Syrovátková, M., Hrabák, J., & Spilková, J. (2014). Farmers’ markets’ locavore challenge: The potential of local food production for newly emerged farmers’ markets in Czechia. *Renewable Agriculture and Food Systems*, 30(04), 305–317. doi:10.1017/s1742170514000064

Feenstra, G. W. (1997). Local food systems and sustainable communities. *American Journal of Alternative Agriculture*, 12(01), 28. doi:10.1017/s0889189300007165

Wakeland, W., Cholette, S., & Venkat, K. (2011). Food transportation issues and reducing carbon footprint. *Green Technologies in Food Production and Processing*, 211–236. doi:10.1007/978-1-4614-1587-9_9

James, S. J., James, C., & Evans, J. A. (2006). Modelling of food transportation systems – a review. *International Journal of Refrigeration*, 29(6), 947–957. doi:10.1016/j.ijrefrig.2006.03.017

Hedges, C. (2019, March 31). The fight for life v Monsanto/Bayer AG. [Video File]. Retrieved from <https://www.rt.com/shows/on-contact/455179-lawsuits-who-life-forms/>

Connett, D. (2016, February 1). Bill Gates' foundation has been accused of 'dangerously skewing' aid priorities. Retrieved May 9, 2020, from <https://www.independent.co.uk/news/world/politics/gates-foundation-accused-of-dangerously-skewing-aid-priorities-by-promoting-big-business-a6822036.html>

Scoones, I. (2009). The politics of global assessments: the case of the International Assessment of Agricultural Knowledge, Science and Technology for Development (IAASTD). *The Journal of Peasant Studies*, 36(3), 547–571. doi:10.1080/03066150903155008

Movilla-Pateiro, L., Mahou-Lago, X. M., Doval, M. I., & Simal-Gandara, J. (2020). Toward a sustainable metric and indicators for the goal of sustainability in agricultural and food production. *Critical Reviews in Food Science and Nutrition*, 1–22. doi:10.1080/10408398.2020.1754161

Marx, Karl, 1818–1883. *Das Kapital, a Critique of Political Economy*. Chicago: H. Regnery, 1959.

Foucault, M. (2017, May 5). The Mesh of Power. Retrieved April 24, 2020, from <https://www.viewpointmag.com/2012/09/12/the-mesh-of-power/>

Tucker, J. A. (2014, March 12). Against Libertarian Brutalism. Jeffrey A. Tucker. Retrieved January 12, 2019, from <https://fee.org/articles/against-libertarian-brutalism/>

Hedges, C. (2008). *I Don't Believe in Atheists*. New York: Free Press.

Foeken, D., Sofer, M., & Mlozi, M. (2004). Urban farming practices in Tanzania Issues of Sustainability (Vol. Research Report 75). Leiden, Netherlands: African Studies Center.

Thomaier, S., Specht, K., Henckel, D., Dierich, A., Siebert, R., Freisinger, U. B., & Sawicka, M. (2015). Farming in and on urban buildings: Present practice and specific novelties of Zero-Acreage Farming (ZFarming). *Renewable Agriculture and Food Systems*, 30(1), 43–54.

Foeken, D. W. J., & Mboganie-Mwangi, A. (2000). Increasing food security through urban farming in Nairobi.

Stentiford E.I. (1996) *Composting Control: Principles and Practice*. In: de Bertoldi M., Sequi P., Lemmes B., Papi T. (eds) *The Science of Composting*. Springer, Dordrecht

Finstein MS, Morris ML. Microbiology of municipal solid waste composting. *Advances in Applied Microbiology*. 1975 ;19:113–151. DOI: 10.1016/s0065-2164(08)70427–1.

Lorenzen, J. A. (2012). Going Green: The Process of Lifestyle Change1. *Sociological Forum*, 27(1), 94–116. doi:10.1111/j.1573–7861.2011.01303.x

Chetty, M., Tran, D., & Grinter, R. E. (2008, September). Getting to green: understanding resource consumption in the home. In *Proceedings of the 10th international conference on Ubiquitous computing* (pp. 242–251).

Arshad, M., Schnitzer, M., Angers, D., & Ripmeester, J. (1990). Effects of till vs no-till on the quality of soil organic matter. *Soil Biology and Biochemistry*, 22(5), 595–599. doi:10.1016/0038-0717(90)90003-i

Kirschenmann, F., 1991. Fundamental fallacies of building agricultural sustainability. *J. Soil Water Conserv.*, 46(3): 165–168.

Ikerd, J. E. (1993). The need for a system approach to sustainable agriculture. *Agriculture, Ecosystems & Environment*, 46(1–4), 147–160. doi:10.1016/0167-8809(93)90020-p

Dahlberg, K. A. (1991). Sustainable Agriculture: Fad or Harbinger? *BioScience*, 41(5), 337–340. doi:10.2307/1311588

Herber, L., & Bookchin, M. (1965, May). *Towards a Liberatory Technology*. Retrieved March 30, 2020, from <https://theanarchistlibrary.org/library/lewis-herber-murray-bookchin-towards-a-liberatory-technology>

Cone, C., & Myhre, A. (2000). Community-Supported Agriculture: A Sustainable Alternative to Industrial Agriculture? *Human Organization*, 59(2), 187–197. doi:10.17730/humo.59.2.715203t206g2j153

Pierce, Evan. “Beyond UBI: Sowing the Seeds of Universal Ecological Infrastructure.” Center for a Stateless Society, 13 Apr. 2020, c4ss.org/content/52790.

Devries, Mark, director. *Spy Drones Expose Smithfield Foods Factory Farms*. <https://Factoryfarmdrones.com/>, YouTube, 14 Dec. 2014, www.youtube.com/watch?v=ayGJ1YSfDXs.

Environmental Protection Agency. “Animal Feeding Operations (AFOs).” EPA, Environmental Protection Agency, 6 Mar. 2019, www.epa.gov/npdes/animal-feeding-operations-afos.

Thorne, P. S. (2007). Environmental Health Impacts of concentrated animal feeding operations: Anticipating Hazards--Searching for Solutions. *Environmental Health Perspectives*, 115(2), 296+. Retrieved from <https://link-gale-com.mylibrary.wilmu.edu/apps/doc/A160532473/PPES?u=new90507&sid=PPES&xid=d175d87a>

Gilchrist, M. J., Greko, C., Wallinga, D. B., Beran, G. W., Riley, D. G., & Thorne, P. S. (2007). The potential role of concentrated animal feeding operations in infectious disease epidemics and antibiotic resistance. *Environmental Health Perspectives*, 115(2), 313+. Retrieved from <https://link-gale-com.mylibrary.wilmu.edu/apps/doc/A160532477/PPES?u=new90507&sid=PPES&xid=7eefdea>

Heederik, D., Sigsgaard, T., Thorne, P. S., Kline, J. N., Avery, R., Bonlokke, J. H., ...Merchant, J. A. (2007). Health effects of airborne exposures from concentrated animal feeding operations. *Environmental Health Perspectives*, 115(2), 298+. Retrieved from <https://link-gale-com.mylibrary.wilmu.edu/apps/doc/A160532474/PPES?u=new90507&sid=PPES&xid=eff9837f>

CAFOs and environmental justice: the case of North Carolina. (2013). *Environmental Health Perspectives*, 121(6), A182. Retrieved from

<https://link-gale-com.mylibrary.wilmu.edu/apps/doc/A351948450/PPES?u=new90507&sid=PPES&xid=f4b672bf>

Bunton, B., O'Shaughnessy, P., Fitzsimmons, S., Gering, J., Hoff, S., Lyngbye, M., ...Werner, M. (2007). Monitoring and modeling of emissions from concentrated animal feeding operations: overview of methods. *Environmental Health Perspectives*, 115(2), 303+. Retrieved from <https://link-gale-com.mylibrary.wilmu.edu/apps/doc/A160532475/PPES?u=new90507&sid=PPES&xid=701c0b16>

Heinzen, T., & Kasserman, K. (2018, June 29). Oregonians Shut Down Huge Factory Farm. Retrieved May 13, 2020, from <https://www.foodandwaterwatch.org/news/oregonians-shut-down-huge-factory-farm>

Mayo Clinic. (2019, July 19). Vegetarian diet: How to get the best nutrition. Retrieved May 13, 2020, from <https://www.mayoclinic.org/healthy-lifestyle/nutrition-and-healthy-eating/in-depth/vegetarian-diet/art-20046446>

World Health Organization. (2002) Human Vitamin and Mineral Requirements. Retrieved from <http://www.fao.org/3/Y2809E/y2809e00.htm>

Morley Rolls, J. (2013). Why We Delay: How Human Cognition Impairs Our Response to Climate Change. *International Journal of Climate Change: Impacts & Responses*, 4(3), 173–186. <https://doi-org.mylibrary.wilmu.edu/10.18848/1835-7156/CGP/v04i03/37179>

Katz, S. L., Padowski, J. C., Goldsby, M., Brady, M. P., & Hampton, S. E. (2020). Defining the Nature of the Nexus: Specialization, Connectedness, Scarcity, and Scale in Food–Energy–Water Management. *Water* (20734441), 12(4), 972. <https://doi-org.mylibrary.wilmu.edu/10.3390/w12040972>

Ricciardi, V., Ramankutty, N., Mehrabi, Z., Jarvis, L., & Chookolingo, B. (2018). How much of the world's food do smallholders produce?. *Global food security*, 17, 64–72.

Naylor, R., Steinfeld, H., Falcon, W., Galloway, J., Smil, V., Bradford, E., Alder, J., & Mooney, H. (2005). Losing the links between livestock and land. *Science*, 310(5754), 1621–1622.

Van Kernebeek, H. R., Oosting, S. J., Van Ittersum, M. K., Bikker, P., & De Boer, I. J. (2016). Saving land to feed a growing population: consequences for consumption of crop and livestock products. *The International Journal of Life Cycle Assessment*, 21(5), 677–687.

Duncan, S. L. (2000). APIC state-of-the-art report: the implications of service animals in health care settings. *American Journal of Infection Control*, 28(2), 170–180.

Wisdom, J. P., Saedi, G. A., & Green, C. A. (2009). Another breed of “service” animals: STARS study findings about pet ownership and recovery from serious mental illness. *American Journal of Orthopsychiatry*, 79(3), 430–436.

Archer, J. (1997). Why do people love their pets? *Evolution and Human behavior*, 18(4), 237–259.

Gordon Lindsay Campbell (2014). *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Lifen*. Oxford University Press. p. 539. ISBN 9780191035159.

Bentham, J. (1748–1832), & Lafleur, L. J. (1970). *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*. Darien: Hafner Publishing Co.

Le, L. T., & Sabaté, J. (2014). Beyond meatless, the health effects of vegan diets: findings from the Adventist cohorts. *Nutrients*, 6(6), 2131–2147. <https://doi.org/10.3390/nu6062131>

Extinction Rebellion. (2020, May 8). LIVE: The Global Black Experience of Ecocide [Video]. Youtube.

Bullard, R. D. (1983). Solid Waste Sites and the Black Houston Community. *Sociological Inquiry*, 53(2–3), 273–288. doi:10.1111/j.1475-682x.1983.tb00037.x

Washington, H. A. (2020). *Terrible Thing to Waste: Environmental Racism and Its Assault on the American Mind*. S.l.: Little Brown Spark.

Svarstad, H., & Benjaminsen, T. A. (2020). Reading radical environmental justice through a political ecology lens. *Geoforum*, 108, 1–11. doi:10.1016/j.geoforum.2019.11.007